

CULTURA eADVENTISMO



ESTUDOS EM:
DANIEL

Vol. 01, n. 01 - Ano 2022



Centro White Press - Todos os direitos reservados

Dossiê Centro White é uma publicação do Grupo de Pesquisa Cultura e Adventismo do Centro de Pesquisas Ellen G. Whiite (Unasp-EC).

Diretor: Renato Stencel

Coordenação Geral: Renato Stencel

Editor: Luan Mól

Revisão: Renato Stencel, Júlia Galvani, Luan Mól

Capa: Luan Mól

Editoração Eletrônica: Luan Mól

Dossiê Centro White - v. 1, n. 1 (2022) - Engenheiro Coelho: Centro White, 2022.

29 cm.

Semestral: 2022-2.

ISSN 0000-0000 (versão online)

1. Teologia - Periódicos. I. Centro de Pesquisas Ellen G. White.

Sumário

Introdução.....	4
Espiritualidade Bíblica e a Alimentação no Livro de Daniel: Implicações para o Remanescente Escatológico <i>Luan Mól</i>	5
Música e adoração e sua influência sobre a volição humana: Estudo com ênfase em Daniel 3:4-7 <i>Patrick Lopes</i>	26
Estudo Sobre a Interpretação de Daniel 8:14: Um Panorama Histórico-Teológico <i>Marcelo Pfeiffer</i>	44
Estudo sobre o Grande Conflito em 1844: Intervenções Divinas e Contrafações Satânicas <i>Edmilson Marçal e Emanoel Coimbra</i>	66
Estudo sobre o desenvolvimento da Interpretação adventista de Daniel 11:40-45 <i>Davi Amorim e Isaque Amorim</i>	88
Estudo sobre Daniel como um tipo de Cristo e suas Implicações Para o remanescente do Século 21 <i>Nathan Metonou e Renato Stencel</i>	102

Introdução

O Grupo de Pesquisa Cultura e Adventismo é liderado pelo Dr. Renato Stencel, Diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White e formado por alunos do Centro Universitário Adventista de São Paulo. As pesquisas são produzidas por funcionários e bolsistas do Centro de Pesquisas Ellen G. White e pelos alunos do Grupo de Pesquisa. Dedica-se ao estudo da memória adventista mundial, em especial as obras de Ellen G. White, e do patrimônio cultural adventista no Brasil. A primeira linha de pesquisa é denominada Ellen G. White e a construção do pensamento adventista e explora o patrimônio literário da autora, relacionando-o a outros construtos que fazem parte da ortodoxia e ortopraxia adventista. A segunda linha intitula-se Desenvolvimento Histórico da Igreja Adventista do Sétimo Dia e tem como enfoque a investigação dos aspectos histórico-culturais do desenvolvimento do adventismo no Brasil. Tem como objetivo que os valores espirituais incutidos na história do adventismo e as diversas contribuições desse movimento à sociedade, através de seus pioneiros e instituições, que possam ser adequadamente preservados e estudados.

O XIV Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americanano ocorreu no Instituto Adventista Do Paranaense no mês de abril do ano 2022, com o objetivo de promover reflexões acadêmicas em torno do livro de Daniel, sua mensagem e suas implicações para a contemporaneidade. O Simpósio reúne teólogos, cientistas da Religião, estudantes de pós-graduação e pesquisadores de áreas afins, tanto em nível nacional como internacional. O Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americanano chega, em 2022, à sua 14^a edição, o que indica a consolidação da sua proposta e a importante contribuição acadêmica que traz à pesquisa teológica. Os artigo publicados neste material foram produzidos para o evento supracitado e apresentados nas seções do mesmo. Que esta leitura edifice a vida do leitor e o abençõe em sua jornada espiritual!

ESPIRITUALIDADE BÍBLICA E A ALIMENTAÇÃO NO LIVRO DE DANIEL: IMPLICAÇÕES PARA O REMANESCENTE ESCATOLÓGICO

Luan Mól¹

Resumo: O assunto da espiritualidade tem sido compreendido de diversas maneiras pelos seus estudiosos ao longo da história cristã. Tais divergências ocorrem por diversos fatores, dentre eles se destaca as diferentes pressuposições acerca da natureza divina, do mundo e do ser humano, sendo possível perceber que a dicotomia platônica material/imaterial exerce uma forte influência nesse processo. O objetivo principal dessa pesquisa é analisar o conceito bíblico de espiritualidade, a partir de sua cosmovisão física da realidade, visando estabelecer a relação entre uma espiritualidade concreta e os hábitos alimentares do profeta Daniel, relacionando os temas da alimentação e salvação, com ênfase no contexto do remanescente escatológico. A metodologia utilizada se fundamenta em uma revisão bibliográfica. Os escritos de Canale (2011) e Doukhan (2018) formam a base para a compreensão da espiritualidade e cosmovisão bíblica. Monteiro (2019) expõe o papel da alimentação, com ênfase no uso da carne como alimento nas Escrituras e no livro de Daniel. Para avaliar as implicações da espiritualidade na alimentação do remanescente, a pesquisa apresenta um estudo sistemático dos escritos de Ellen G. White, a partir do qual é estabelecida uma definição quanto a importância de hábitos dietéticos adequados a fim de se preparar um povo que esteja habilitado a se comunicar com Deus de maneira eficaz. Por meio deste estudo, então, pode-se definir que o estilo de vida de Daniel estabelece um modelo de espiritualidade para os que desejam estar em harmonia com as leis naturais do organismo humano, desenvolvendo, de maneira integral e harmoniosa, a espiritualidade holística, ou seja, as faculdades físicas, mentais e morais do ser humano.

Palavras-Chave: Daniel; Espiritualidade; Alimentação; Remanescente.

1. INTRODUÇÃO

O assunto da espiritualidade tem sido relacionado por estudiosos bíblicos com a última e grande batalha do conflito cósmico descrito no livro de Apocalipse. Stefanovic afirma que o tema da espiritualidade cristã será um laço pelo meio do qual Satanás tentará enganar o mundo (STEFANOVIC, 2002, p. 493). A compreensão bíblica a respeito da espiritualidade cristã, então, se torna um elemento essencial (WHITE, 1981, p. 593).

Na sociedade pós-moderna, influenciada pelo pensamento animista, os conceitos relacionados a espiritualidade se tornam complexos e conflitantes, como afirmou o Seventh-day Adventist Theological Seminary (2011, p. 2). Entretanto, não existe um tema mais atual nas discussões teológicas do que o assunto da espiritualidade, sendo que diversas propostas têm sido apresentadas a fim de dar um significado correto ao termo, como afirma Kuhalampi (2010, p. 18).

De acordo com o dicionário de Cambridge, por exemplo, espiritualidade é “a qualidade que envolve os sentimentos e crenças profundos de natureza religiosa, em contraste com as partes físicas da vida” (SPIRITUALITY, 2022). Essa concepção de espiritualidade, entretanto, subentende que existem dois níveis de experiência: o material e físico em contraste com o espiritual e imaterial, da alma (CANALE, 2013, p. 81). Tal visão se baseia no dualismo platônico, que afirma a existência de dois mundos; o material e o imaterial. A partir deste ponto de vista, a espiritualidade, que ocorre no nível imaterial da realidade, não está relacionada com os eventos temporais e espaciais do dia a dia, pois estes constituem a esfera histórica da realidade e do corpo físico (CANALE, 2013, p. 97). Assim, em diversos modelos propostos quanto ao tema da espiritualidade, existe uma dicotomia entre a salvação espiritual e experiência concreta e corporal no mundo físico, sendo possível perceber a grande influência do pensamento platônico sobre a filosofia e teologia. Essa concepção, porém, possui consequências abrangentes:

Quando os cristãos admitem que a experiência da salvação se realiza no nível sobrenatural do instante eterno, convencem-se de que a maior parte dos aspectos da vida diária são irrelevantes, ficando, portanto, excluídos da espiritualidade cristã. Ao concebermos a espiritualidade cristã como uma questão de interioridade e individualidade, distanciada do mundo e conectada a outra realidade, ela fica dissociada da vida prática. (CANALE, 2011, p. 157)

Considerando tal questão, a maneira como foi escrita o livro de Daniel, entrelaçando os eventos históricos da vida de jovens hebreus com visões proféticas, é típico no modelo bíblico de espiritualidade e contribuirá para a compreensão do tema abordado, abordando o conceito da espiritualidade a partir de um diferencial paradigma. Como escreve Doukhan (2018, p. 8) a partir de uma análise da estrutura literária deste livro, o relacionamento com o “divino não implica separação do mundo real”, uma vez que os hábitos dietéticos desses jovens são inseridos dentro de um conflito espiritual e escatológico. Para o autor de Daniel, então, a religião não se limita “à crenças espirituais ou a abstrações, mas chega ao nível concreto da existência”, mesclando história e espiritualidade (DOUKHAN, 2018, p. 19).

Por este motivo, o estudo do livro de Daniel será útil quanto a compreensão do conceito bíblico de espiritualidade. Este livro também possui um conteúdo que se aplica de maneira especial aos que estão vivendo nos últimos dias da história terrestre, tornando o estudo deste material uma rica fonte de conteúdo para os que desejam compreender o tema da espiritualidade cristã de tal modo a praticá-la devidamente (WHITE, 1985, p. 411).

Ciente da abrangência do tema referido, é preciso primeiro identificar o conceito bíblico de espiritualidade a fim de associá-lo com o modo de pensar de Daniel. Por este motivo, será feito um levantamento bibliográfico a respeito do conceito bíblico de espiritualidade a fim de, posteriormente, relacioná-lo com o livro de Daniel e demonstrar como o estilo de vida proposto pela bíblia pode ser percebido na vida do jovem Daniel e sua implicação para os cristãos que vivem no tempo do fim.

2. ESPIRITUALIDADE BÍBLICA

No Livro de Daniel, quando Jerusalém foi invadida pelo exército de Nabucodonosor, foram escolhidos jovens “sem defeito” (Daniel 1:4) para serem levados à Babilônia e, por fim, servirem na corte do rei caldeu. Quando os jovens recém-chegados a Babilônia são convidados a participar da porção de alimentos oferecida pelo rei, há uma rejeição por parte de Daniel, pois ele não desejava se contaminar. Estes jovens, então, não aceitaram a alimentação proposta, preferindo se alimentar de “legumes” e “água” (Daniel 1:12). No entanto, é necessário compreender o motivo que levou estes jovens a se preocuparem com a alimentação e a associação desta escolha com a vida espiritual dos hebreus, tornando necessário identificar os pressupostos que os motivaram a tomar essa decisão.

Monteiro (2019, p. 76) escreve que a rejeição de Daniel aos alimentos da corte real são se limita somente ao fato de que o alimento foi consagrado a ídolos pagãos. Também argumenta que apesar da possibilidade de alimentos impuros, dos quais os judeus não se alimentavam, estarem sendo oferecidos, houve um outro fator determinante sobre a escolha de Daniel. Isso é percebido ao identificar o tipo de alimento que é solicitado em lugar da carne real: vegetais e água. Se o objetivo de Daniel fosse meramente não se alimentar de carnes sacrificadas a ídolos ou evitar os animais impuros, ele poderia ter escolhido outras fontes alimentares, além de somente vegetais e água.

Neste sentido, Doukhan (2018, p. 18-19) notou que “a frase usada por Daniel para designar o cardápio que ele desejava é uma citação literal do texto da Criação.” Isso se dá, pois, na combinação de palavras “vegetais” (עֲדָם) “dar” (תִּשְׁלַח) e “para comer” (לִכְמֹד), como aparecem no pedido de Daniel: “nos deem legumes a comer” (Daniel 1:12), no hebraico, são as mesmas encontradas em Genesis 1:29, em que se lê: “vos tenho dado toda a erva que dê semente [...] ser-vos-á para mantimento” (Gênesis 1:29). Para tanto, faz-se necessário, a partir do relato bíblico da criação, localizar os princípios orientadores da dieta de Daniel.

2.1 Espiritualidade e Criação

Ao identificar os conceitos expostos no relato da criação e o processo criativo encontrado em Genesis 1, é possível identificar a atuação de um Deus histórico, que cria e age em sequência, na mesma esfera e realidade humanas (CANALE, 2011, p. 128). Somada a esta compreensão básica a respeito de Deus, está o ensino bíblico de que não existe nenhuma esfera de existência além do corpo físico, pois “não existe nenhuma alma separável do corpo ou espírito capaz de uma existência consciente à parte do corpo” à luz da bíblia (DEDEREN, 2011, p. 239).

O fato de que a criação aponta para o ser humano como “uma alma vivente ao invés de ter uma alma separada é uma chave para compreender a espiritualidade bíblica.” (SEVENTH-DAY ADVENTIST THEOLOGICAL SEMINARY, 2011, p. 6). Neste sentido, compreender a natureza divina e antropologia humana, então, se tornam os elementos-chave no desenvolvimento de um conceito de espiritualidade.

O ser humano, criado a partir da imagem de um Deus físico e corporal (WHITE, 1997a, p. 45), e não de um ser imaterial e atemporal, deve cuidar do corpo, não como uma habitação da alma, mas como elemento constituinte da alma, segundo a criação informa (SCHWARTZ, 2001, p. 45). Por isso Nichol (2011a, p. 817), afirma que Deus “uniu corpo e espírito para benefício de ambos”, de tal maneira que o que ocorre com um afeta o outro, atestando a integralidade da natureza humana.

Visto, então, que a espiritualidade “ocorre quando Deus e os seres humanos se relacionam entre si” em uma “relação histórica e constante com o Deus que habita com Seu povo dentro do tempo e do espaço históricos”, é necessário “abandonar as concepções clássicas e contemporâneas” a respeito de Deus, do homem e do mundo, a fim de “visualizar a experiência e a espiritualidade cristãs dentro da concepção histórica e relacional de Deus e da natureza humana” (CANALE, 2011, p. 157). Em outras palavras, a espiritualidade, no mais alto sentido do termo

abraça todos os aspectos e as dimensões da vida e da ação humana [...] provocando mudanças revolucionárias em todos os aspectos da vida diária. Essa concepção de espiritualidade cristã, fundada na doutrina bíblica de Deus, não dá margem para a secularização; pelo contrário, apresenta uma alternativa divina para o secularismo contemporâneo (CANALE, 2011, p. 157).

Dentro da cosmovisão bíblica, então, há “uma visão holística do ser humano, onde cada dimensão recebe igualmente a influência da graça santificadora” (DEDEREN, 2011, p. 763). Este pensamento, baseado na mentalidade hebraica, influenciou Daniel a tratar com seriedade seus hábitos alimentares, compreendendo a natureza espiritual de sua vida física.

2.2 Espiritualidade e Redenção

Após a entrada do pecado neste mundo, a natureza humana precisa ser totalmente reerguida a fim de que o plano da redenção seja coerente com o plano original da criação. Em outras

palavras, espiritualidade plena é a que desenvolve todas as dimensões inseparáveis da existência humana: o corpo (capacidade física motora), a mente (aspectos cognitivos e emocionais) e moralidade (a capacidade espiritual, que inclui o discernimento entre o bem e o mal).

Uma vez que todas as áreas da vida humana devem ser consagradas ao serviço divino (WHITE, 1997b, p. 16), somente “quando todas essas faculdades do ser estão em funcionamento segundo o propósito divino, aí se reconhece a plenitude da espiritualidade humana” (TEIXEIRA, 2014, p. 54), sendo possível afirmar, então, que Daniel estava em busca do desenvolvimento pleno da espiritualidade humana, escolhendo sua dieta devido ao conceito hebraico de espiritualidade, enxergando o ser humano como um ser holístico e não separando as esferas da vida humana entre espirituais e físicas (STEFANOVIC, 2007, p. 62).

Por este motivo, o plano da salvação “visa o ser todo [...] é o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais” (WHITE, 1997b, p. 13). Assim, “a saúde do corpo humano é essencial para alcançar o objetivo divino para a restauração da raça humana” e hábitos que prejudicam a saúde são incompatíveis com o plano de Deus para a vida cristã (DAMSTEETGT, 1996a, p. 6 e 7).

Neste sentido, em que comer e beber têm “influência direta sobre sua natureza física, mental e moral” (DAMSTEETGT, 1996b, p. 7), todas os hábitos da vida humana cotidiana estão relacionados com a redenção e a espiritualidade. É por este motivo que “um corpo saudável facilita o crescimento espiritual” e a manutenção da saúde faz parte da verdadeira religião” (DEDEREN, 2011, p. 20). Ao analisar a história do antigo Israel, que forma o pano de fundo do livro de Daniel, Copan (2005, p. 176) apontou:

Assim, as leis de Deus para Israel – leis de alimentação, leis sobre vestuário, leis acerca do plantio, leis civis ou leis regulamentando casamento e relações sexuais – não eram exaustivas, devendo ser vistas primeiramente como lembranças visíveis para se viver como santo povo de Deus em cada área da vida.

Dessa maneira, pode-se entender que o cuidado com o corpo físico é de responsabilidade moral, pois o fenômeno da salvação, dentro da cosmovisão holística da realidade, contém “suficiente potencial para abranger todas as dimensões da experiência humana, o que inclui o estilo de vida” (REIS, 2016). Cultivar a saúde física, portanto, como fizeram os jovens hebreus em Babilônia, habilitaria seres humanos a serem usados por Deus no máximo de suas potencialidades, como é possível analisar na vida do profeta Daniel (ZUKOWSKI, 2010, p. 102).

A doutrina da salvação e espiritualidade, portanto, deve seguir a ênfase integral do Antigo e Novo Testamento, instigando aos cristãos que se purifiquem de “toda a imundície da carne e do espírito” (2 Coríntios 7:1), indicando uma salvação que engloba o ser todo, no espaço e tempo. Por este motivo, os adventistas do sétimo dia entendem que a saúde do corpo está diretamente relacionada com a espiritualidade do indivíduo (DAMSTEETGT, 2001, p. 7). Essa compreensão também possui uma natureza escatológica, relacionando o viver saudável, a espiritualidade e a

preparação para a segunda vinda de Cristo. Como afirmou Zukowski (2010, p. 98, 108), então, “a purificação do povo de Deus será unicamente possível através da aplicação prática das leis de saúde na vida diária” - como o fez Daniel durante sua experiência na Babilônia.

3. ESPIRITUALIDADE EM ELLEN G. WHITE

3.1 Espiritualidade e o Corpo Humano

Quanto a espiritualidade, White (1996, p. 346) afirmou que “tudo que nos diminui a força física enfraquece a mente e a torna menos capaz de discernir entre o bem e o mal” - pois ela também possuía uma visão holística da realidade, em concordância com a Bíblia. Então, “no comer, no beber e no vestir, todos temos uma direta contribuição para com o nosso progresso espiritual” (WHITE, 2002, p. 57), ela afirma. Ela enfatiza que a espiritual ocorre no nível do corpo humano e não à parte dele, ao declarar:

Nossos impulsos e paixões têm sua sede no corpo, e o mesmo deve ser conservado na melhor condição física e sob as melhores influências espirituais, para que façamos o melhor uso de nossos talentos [...] A relação do organismo físico com a vida espiritual é um dos ramos mais importantes da educação (WHITE, 1996c, p. 346).

Dentro desta cosmovisão, na qual o relacionamento entre Deus e o homem ocorre no fluxo do tempo e da matéria, o relacionamento com Deus será determinado pelo nível da saúde do corpo, uma vez que:

Os nervos cerebrais que se comunicam com todo o organismo são os únicos meios pelos quais o Céu se pode comunicar com o homem, e influenciar sua vida mais íntima. Seja o que for que perturbe a circulação das correntes elétricas no sistema nervoso, diminui a resistência das forças vitais, e o resultado é um amortecimento das sensibilidades da mente (WHITE, 2001, p. 347).

Infelizmente, poucos tem a capacidade de “compreender o quanto de seus hábitos dietéticos tem a ver com sua saúde, seu caráter, sua utilidade neste mundo, e seu destino eterno” (WHITE, 2000, p. 489). Contudo, a clara relação entre a saúde do corpo e a espiritualidade de cada indivíduo, como exposta por White, é expressa nas seguintes palavras: “a vida física não deve ser tratada com indiferença. Cada órgão e cada fibra do ser devem estar religiosamente protegidos de práticas danosas” (WHITE, 2005, p. 372), pois ter saúde garante um pensamento mais claro e a possibilidade de ouvir a voz de Deus mais claramente (HARDINGE, 1992, p. 109).

Como pontuou Kuhalampi, o cuidar da saúde nos escritos de White faz parte da verdadeira religião e está ligado ao desenvolvimento da espiritualidade, pois todos os aspectos da vida humana são afetados pela religião (2010, p. 240). Seguindo nesta linha de raciocínio, White escreveu que “ninguém pode tornar-se bem-sucedido obreiro nas coisas espirituais enquanto não observar estrita temperança nos hábitos dietéticos”, pois, como ela afirma, “existe íntima correspondência entre a natureza física e a natureza moral”, sendo que hábitos errôneos na ali-

mentação afetam a espiritualidade (2002, p. 55, 43). Essa relação pode ser percebida ao analisar-se os efeitos de algumas substâncias, tais como alimentos de origem animal, refinados ou outros estimulantes, que não fazem parte do plano original de Deus para a humanidade. Estes, por sua vez, afetam as faculdades de decisão e enfraquecem os poderes morais e intelectuais, responsáveis pelas escolhas do indivíduo (DAMSTEEGT, 1996, p. 5).

3.2 Espiritualidade e Discernimento

Justamente por perverter o juízo, ou seja, a capacidade de escolher entre o certo e errado, é que “o regime tem muito que ver com a disposição de entrar em tentação e cometer pecado,” (WHITE, 2002, p. 52) pois, de um lado, um regime estimulante excita os nervos cerebrais a clamarem sempre por mais estímulos, perdendo assim a capacidade de escolher o que é correto, invés disto, busca-se o que é estimulante e agrada a inclinação natural.

Por outro lado, um regime simples ajuda a mente no processo de vencer o pecado, uma vez que os órgãos estão recebendo alimento pouco estimulante, e o cérebro, por sua vez, será treinando a controlar o corpo e não ser controlado pelos estímulos recebidos de alimentos não ideais (WHITE, 2001, p. 404). Essa força moral adquirida por hábitos simples, em harmonia com o plano original de Deus, habilitará o seguidor de Cristo a controlar qualquer outro pecado ou desejo carnal (WHITE, 2001, p. 45-46). A partir do paradigma apresentado até aqui será possível entender melhor o motivo que levou Daniel a optar por uma alimentação simples e natural e as consequências dessa dieta não estimulante no decorrer de sua vida.

Argumentando sobre os impactos da alimentação no cérebro, White propôs a seguinte alternativa a fim de se obter uma espiritualidade saudável:

Cereais e frutas preparados sem gordura, e no estado mais natural possível, devem ser o alimento para as mesas de todos os que professam estar-se preparando para a trasladação ao Céu. Quanto menos febricitante o regime, tanto mais facilmente podem as paixões ser dominadas. A satisfação do paladar não deve ser consultada sem consideração para a saúde física, intelectual ou moral (WHITE, 2001, p. 352).

Percebe-se, então, nos escritos de White, uma conformidade com o padrão bíblico de espiritualidade. Ao analisar essa relação feita em seus escritos entre os hábitos alimentares e o controle das paixões, Zukowski (2010, p. 98, 101) afirma que “saúde e espiritualidade estão conectadas e para ser um cristão puro, o mesmo deve ser temperante”, pois “a reforma de saúde na igreja adventista, mais do que um meio para manter-se saudável, é o meio para alcançar crescimento espiritual”. Dessa maneira, é importante identificar a relação entre a espiritualidade e a alimentação na bíblia.

4. ESPIRITUALIDADE E ALIMENTAÇÃO

4.1 Alimentação no Plano Original

Como hábitos alimentares estão diretamente relacionados com o conceito de espiritualidade, resta compreender qual a dieta proposta pela bíblia a fim de se alcançar o mais alto grau de desenvolvimento espiritual. Dentro deste contexto, no relato bíblico da criação é possível encontrar o plano ideal de Deus para a família humana quanto a alimentação. Por este motivo, Monteiro (2019, p. 15) escreveu que “a fim de saber quais são os melhores alimentos, cumpremos estudar o plano original de Deus para o regime do homem”.

A respeito da alimentação, observa-se o seguinte na narrativa da criação: “E disse Deus: Eis que dou a vocês toda a verdura que está na Terra que produza semente e toda a árvore cujo fruto produz semente para que seja seu alimento” (Gênesis 1:29). De acordo com Genesis 1:29, então, a alimentação primordial e única do ser humano deveria consistir em grãos e frutas (MONTEIRO, 2019, p. 15). Esse texto, indicando a dieta original do ser humano, vem após a afirmação de domínio do homem sobre os animais. Logo, como afirma Schwartz (2001, p. 16):

o domínio das pessoas sobre os animais é imediatamente limitado pela primeira lei dietética (completamente vegetariana) de Deus (Gênesis 1:29), e isso é rapidamente seguido pela afirmação de Deus de que toda a criação é muito boa (Gênesis 1:31), mostrando que essa dieta vegetariana é consistente com a mordomia que Deus quer que as pessoas pratiquem.

Após o pecado, entretanto, o homem obteve também a permissão para se alimentar das “ervas do campo” (Gênesis 3:18). A partir de então, “cereais, frutas, nozes e verduras constituem o regime dietético escolhido por nosso Criador” (WHITE, 2002, p. 82) formando o todo necessário para manutenção da saúde humana e auxílio no desenvolvimento espiritual. O primeiro capítulo de livro de Daniel, então, afirma que ele se alimentou exclusivamente de legumes e água (Daniel 1:12), consonante a dieta original. Antes de reconhecer o motivo que levou Daniel a tal decisão, entretanto, faz-se necessário descrever a dieta comum nos dias em que este jovem viveu.

4.2 Alimentação após o Pecado

Em Genesis 9:3-4, após o relato do dilúvio, lê-se que: “tudo que se move pela sua vida, vos será por alimento. Assim como a erva verde, vos dei tudo. Certamente a carne com sua vida, seu sangue, não comereis.” (Gên 9:3-4). Com isto, a fonte de alimentação humana torna-se muito mais ampla. Contudo, estudiosos têm percebido que Deus autorizou o uso do alimento cárneo neste contexto pois o dilúvio havia tornado isso uma necessidade (NICHOL, 2011a, p. 253). Além disso, é perceptível a conotação restritiva dessa ordem divina:

O verso 4 determina que nada no qual a vida ainda esteja, pode ser comido. Vida é definida aqui como o sangue e o seu uso como alimento é explicitamente proibido. Com isto, vemos mais uma vez o padrão de liberdade alimentar restrita, que encontramos em Gênesis 1:29. (MONTEIRO, 2019, p. 17)

Assim, é possível perceber uma intenção restritiva da parte divina quando o assunto é a alimentação cárnea. Em Genesis 18, por exemplo, em que Abraão oferece aos visitantes uma refeição com pães e um novilho, a expressão que descreve o novilho (**בָּקָר**) é encontrada

trinta e quatro vezes na Bíblica Hebraica, e, em trinta e dois dos casos ela refere a um sacrifício, como afirmou Monteiro (2019, p. 53). O uso da carne no Antigo Testamento, então, possui dois objetivos; um emergencial, no contexto do dilúvio; e outro cíltico, em momentos de adoração geralmente relacionados ao santuário, em que a carne deveria ser usada como alimento. Estes conceitos serão desenvolvidos em seguida, após breve uma recapitulação da história alimentar de Israel.

4.3.1 Alimentação em Israel

Após a era patriarcal, é possível delinear alguns princípios alimentares do povo de Israel até a época de Daniel, no sexto século antes de Cristo. Durante o período que os Israelitas passaram no Egito é perceptível que os hábitos alimentares do Egito foram adotados pela comunidade israelita. Isso pode ser afirmado devido a queixa dos israelitas emÊxodo 16:3, onde é afirmado que eles se assentavam diante das “panelas de carne” no Egito. Durante os dois primeiros anos da peregrinação de Israel, entretanto, não há referência a refeições contendo carne, exceto por essa queixa do povo.

Neste contexto, há algumas regras encontradas em Levítico 11 e Deuteronômio 14 que restringem o tipo de alimento que poderia ser utilizado por Israel, separando animais puros e impuros. A respeito de tal separação, Monteiro (2019, p.18) comentou:

O foco do texto não é legislar sobre qual tipo de alimento poderia ser utilizado pelo ser humano, mas apresentar regras restritivas sobre um tipo específico de alimento: a carne animal. (...) Aparentemente, a principal preocupação do texto é limitar antes que liberar.

Nos textos citados, as regras quanto à impureza ocupam um espaço muito maior do que as regras de pureza. Isto parece indicar que o ato de se alimentar de animais seria contrário à ordem natural. As leis dietéticas de Levítico, por exemplo, não proíbem algum tipo de plantas, originalmente designadas como alimento natural. Antes, como bem observou Kass (1994) “tudo que é proibido é carne,” como sendo algo contrário ao plano divino.

O termo (*עַזְבָּן*), usado em Levítico 11 para se referir aos animais impuros, carrega o conceito de algo detestável, cuja presença causa repulsa, afetando o relacionamento com a divindade. Assim, é perceptível que o uso dos animais classificados como *עַזְבָּן* tornava o Israelita detestável diante de Deus (HARTLEY, 2002, 153). Sem dúvida alguma, a alimentação possui forte conotação espiritual e afeta o relacionamento entre o homem e Deus, como foi visto na análise da espiritualidade na bíblia e nos escritos de White.

Além disso, como o foco do livro de Levítico é a santidade do povo de Deus, é possível perceber que o significado básico das restrições alimentares está na santidade de Deus e do povo (HARRISON, 1980, p. 120), pois, ao se alimentar de acordo com a vontade divina, ocorre a santificação do ser humano como um todo (DOUKHAN, 2018, p. 21). Na vida, portanto, é Deus, e

não o homem, quem determina o que pode ser utilizado como alimento, e não seguir as ordens de Deus neste aspecto afeta o relacionamento entre criatura e criador (MONTEIRO, 2019, p. 20).

Neste sentido, ao Daniel pedir uma alimentação diferente, na realidade estava declarando a qual senhor ele se submeteria e reconheceria como soberano. Na bíblia hebraica, por exemplo, a expressão 'עַמְדָה בְּלִמְדָה', traduzida como “estar diante do rei” Nabucodonosor em Daniel 1:5, é frequentemente associada com o serviço sacerdotal religioso de estar diante de Deus (STEFANOVIĆ, 2007, p. 53). Além disso, ao “determinar” (tradução do hebraico יְמִלֵּחַ) o cardápio dos jovens, o rei Nabucodonosor está tomando o lugar do criador, pois este termo só ocorre quando Deus é o sujeito que determina algo (DOUKHAN, 2018, p. 16). Neste caso, Daniel decide servir como sacerdote diante de Deus, seguindo o plano dietético determinado na criação.

Ainda sobre espiritualidade e alimentação, destaca-se narrativa encontrada em Deuteronômio 12:15-21, na qual Deus diz: “Quando o Senhor teu Deus dilatar os teus termos, como te disse, e disseres: comerei carne, pois tua alma deseja comer carne, de acordo com o desejo de tua carne, comereis carne”. Os comentaristas rabínicos posteriores viam neste texto uma demonstração do desejo não consagrado do ser humano, e o chamavam de basar ta'vah, ou “carne da luxúria” (SCHWARTZ, 2001, p. 8). Como afirmou Monteiro (2019, p. 22):

a repetição de que poderiam comer conforme o desejo da alma indicava que Deus não considerava a carne como um alimento essencial da dieta. (...) as ações divinas na provisão dos alimentos para o povo, tanto de fato no deserto, quanto nas promessas para Canaã, não incluíam a carne

Em alguns momentos de apostasia, como relatado em Êxodo 32 e Números 25, há uma relação das festas pagãs com as ofertas pacíficas, indicando que as festas realizadas por Israel envolviam a alimentação cárnea (MONTEIRO, 2019, p. 60). Como nessas cerimônias há elementos de prostituição e quebra da aliança, é possível estabelecer uma relação entre o uso deste alimento e a incapacidade de controlar impulsos sensuais, como afirmou White, uma vez que ceder aos vícios alimentares derruba “as barreiras do domínio próprio”, levando a outros pecados (1997a, p. 454)

Por este motivo, é possível perceber que Deus providenciou a Israel pão como alimento (Êxodo 16) e lhe prometeu uma terra de “trigo e cevada, e de vides e figueiras, e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel.” (Deuteronômio 8:8), algo próximo a alimentação original. Outros alimentos, contudo, se fossem usados pelo povo, seria pelo desejo não santificado das pessoas e não pela vontade divina. Assim, a escolha alimentar de Daniel feita na Babilônia indica que o plano de Deus nunca foi alterado. Na história de Daniel, entretanto, é possível perceber esta relação entre a alimentação e a espiritualidade?

5. ESPIRITUALIDADE E ALIMENTAÇÃO EM DANIEL

5.1 O Regime de Daniel e o entendimento

Como foi visto, Daniel e seus amigos eram jovens “sem defeito” (Daniel 1:4) que seriam levados à Babilônia para servirem na corte do rei caldeu. A expressão hebraica utilizada para “sem defeito” indica que os jovens precisavam ser fisicamente perfeitos a fim de servirem a Deus, indicando a corporalidade da espiritualidade humana (STEFANOVIC, 2007, p. 54). Além disso, na vida de Daniel o “interesse religioso com a alimentação tinha raízes na tradição bíblica” desde a criação, onde as dimensões físicas e espirituais fazem parte do mesmo plano de desenvolvimento (DOUKHAN, 2018, p. 19).

Tanto Daniel como os três amigos, então, reconheciam que “a indulgência para com alimentos e bebidas estimulantes os impediria de assegurar pleno desenvolvimento físico e mental” (NICHOL, 2011b, p. 836), pois uma vida simples, semelhante a edênica, está relacionada com um sangue puro e um pensamento correto, como afirma Stefanovic (2007, p. 59). Essa alimentação, baseada somente em vegetais e água, inicialmente durou por dez dias, um período de teste. Como consequência de seus hábitos dietéticos, é dito que Deus concedeu aos jovens “conhecimento e inteligência”, “sabedoria” e, especificamente para Daniel, “entendimento em todas as visões e sonhos” (Daniel 1:17). A capacidade, portanto, de receber uma revelação divina em sua mente está relacionada com o nível de clareza mental e a saúde dos nervos cerebrais, por onde Deus se comunica com o homem, como afirmou White (2001, p. 347). A respeito desta relação, Doukhan (2018, p. 21) escreveu:

(...) o texto lança alguma luz sobre a própria natureza humana. A dimensão espiritual anda de mãos dadas com as qualidades físicas e intelectuais. O ser humano, de acordo com Daniel, não é uma combinação de alma e corpo, mas deve ser considerado como um todo (...) união harmônica de todas as aptidões é um ideal que precisamos buscar. (...) devemos pensar em todas as dimensões da existência humana. A graça divina alcança a vida como um todo.

Além de encontrar a relação entre o corpo e a espiritualidade, o primeiro capítulo de Daniel relata que, como resultado do teste, a alimentação de Daniel e seus amigos se manteve a mesma por, no mínimo, três anos, o período escolhido por Nabucodonosor para treiná-los. No segundo ano do reinado de Nabucodonosor, entretanto, o rei recebeu um sonho e chamou os “magos, os astrólogos, os encantadores e os caldeus, para que declarassem ao rei os seus sonhos” (Daniel 2:2). Surpreendentemente, porém, os caldeus afirmaram que somente os deuses poderiam revelar o assunto ao rei, mas a morada destes “não é com a carne” (v. 12). Assim, os magos reconhecem que existe uma classe de seres divinos que são inacessíveis (NICHOLS, 2011, p. 845), confirmando que, de acordo com a mentalidade pagã, existe uma separação ontológica entre o mundo físico e o espiritual. Daniel, contudo, em contraste com os pagãos, possuía uma concepção física da espiritualidade, em que vitórias espirituais ocorrem na dimensão física da realidade, como visto na seção bíblica (CANALE, 2013, p. 133).

Isso se torna ainda mais claro no quarto capítulo do livro de Daniel, em que Deus busca

converter o rei Nabucodonosor. Este, por sua vez, por não aceitar o convite divino e rejeitar o arrependimento, é enviado para morar com os animais do campo e comer erva com os bois (Daniel 4:32-33). Surpreendentemente, a dieta vegetariana concedida por Deus a Nabucodonosor resultou em arrependimento e clareza de “entendimento” para o rei (v. 34), indicando que, se o rei seguisse o mesmo regime alimentar dos jovens judeus, teria um sangue limpo e uma mente clara para ouvir a voz de Deus e tomar decisões corretas (WHITE, 1994, p. 307).

5.2 Daniel e a Páscoa

Como White (1968, p. 261) afirmou, os jovens decidiram comer somente legumes e água pois, “como os alimentos cárneos não haviam feito parte de seu regime antes, tampouco deveriam usá-los no futuro.” Alguns anos mais tarde, entretanto, o capítulo 10 relata a última visão do profeta exilado. Antes de tal visão, entretanto, Daniel fica aflito por três semanas. No verso 3, datado do terceiro ano de Ciro (535 AEC) (MONTEIRO, 2019, p.77), Daniel afirma que esteve triste por três semanas, destacando que, durante esses vinte e um dias nem “alimento desejável”, “carne” ou “vinho” entraram na boca do profeta (Daniel 10:3). Esse texto seria suficiente para provar que, após o término dos três anos, Daniel teria abandonado a dieta vegetal?

Como Daniel data o fim do período de lamento e tristeza, que durou por três semanas, no vigésimo quarto dia do primeiro mês (Daniel 10:4), é possível concluir que o lamento de Daniel teve seu início no quarto dia do mês de Nisã (MONTEIRO, 2019, p. 77). Assim, o lamento de Daniel se estendeu através da Páscoa e Pães Asmos, duas ceremonias do santuário que ocorriam, respectivamente, nos dias quatorze e quinze do primeiro mês do calendário israelita.

Dessa maneira, ao Daniel afirmar que não fez o uso de alimento cárneo durante estes vinte e um dias, na realidade o autor bíblico estava dizendo que não havia participado da primeira festa judaica do ano (DOUKHAN, p. 158). Além disso, o não uso do vinho durante esses dias se justifica pelo fato desta bebida ter sido utilizada na cerimônia Pascal descrita em Mateus 26:27-29, indicando poderia ser uma tradição mais antiga o uso do vinho na cerimônia pascoal. Por este motivo, Monteiro afirma que “as referências alimentares no verso 3 estão diretamente ligadas à celebração destas duas festas”, tanto a referência a carne ou a vinho (2019, p. 78). Além disso, o “alimento desejável” é uma tradução do termo ḥōṭp̄, que indica algo precioso, grandemente amado, como aponta Monteiro (2019, p. 68). Este era o sentido exato da celebração de Pães Ázimos e da Páscoa, algo a ser celebrado e desejado pelo povo ano após ano (Êxodo 12:14).

Neste período, no terceiro ano de Ciro, o povo exilado já havia voltado para Israel, estavam reconstruindo o Templo e as ceremonias célticas do templo já estavam ocorrendo (Esdras 1:2-4, 3:1-5). Por algum motivo, Daniel permaneceu na Babilônia e se demonstrou aflito por não ter a oportunidade de participar do culto a Deus juntamente com seu povo (NICHOL, 2011b, p. 944). Por este motivo, Monteiro (2019, p. 91) chega à seguinte conclusão:

Ellen White está correta em afirmar que Daniel não tinha o alimento

cárneo como parte de sua dieta, porque, conforme detalhamos no capítulo 2, a carne não fazia parte da dieta do povo judeu, sendo consumida apenas esporadicamente em ocasiões festivas ou dentro do contexto do culto.

Neste contexto, “é preciso diferenciar o uso comunal, ritualístico e esporádico da carne do seu uso comum, como item essencial e central da dieta” (MONTEIRO, 2019, p. 89). Esse uso como alimento esporádico pode ser entendido à luz do ritual do santuário, no qual, em algumas cerimônias, a carne deveria ser ingerida. Um destes exemplos é a Páscoa, em que um cordeiro deveria ser sacrificado e consumido de maneira ritual e de acordo com regras estritas (Êxodo 12:5-11, 42-48).

Além da Páscoa, havia outras cerimônias nas quais a carne seria ingerida, sendo que os sacerdotes deveriam se alimentar da carne em alguns momentos e o ofertante em outros (Êxodo 29:31; Levítico 7:6, 15-17, 8:31). Em relação a isso, Monteiro (2019, p. 25) compreendeu que o alimento neste tipo de oferta “não está relacionado com as necessidades de subsistência do homem, mas à festividade de ação de graças pela comunhão com o Eterno e Suas bênçãos, passadas ou futuras.”

mesmo os animais puros, oferecidos em sacrifício e dos quais o sacerdote participava, não podiam ser completamente consumidos. Não são definidas quantidades no texto bíblico, embora a literatura judaica posterior tenha legislado que o tamanho máximo deveria ser o de “uma azeitona”. Além do sangue, já proibido em Gênesis 9, outras partes eram proibidas para consumo (MONTEIRO, 2019, p. 17).

O uso da carne como alimento, portanto, era cíltico e simbólico, e não fazia parte de uma dieta alimentar. Dentro do contexto levítico, então, é evidenciado que a expiação pela culpa e pelo pecado deveria ocorrer sem a “carne dos holocaustos e gordura de sacrifícios”, mas pela “oferta de lábios justos”, como afirmaram posteriormente os essênios (MONTEIRO, 2019, p. 40). Por este motivo, a carne era utilizada, não como alimento dietético, mas como um símbolo da transferência de vida do cordeiro para o ofertante, como afirmou White (1997a, p. 277).

O texto de Daniel 10:3, então, “não pode ser utilizado para negar que Daniel houvesse escondido prolongar a sua dieta dos primeiros anos na Babilônia.” (MONTEIRO, 2019, p. 63) Além disso, Daniel é chamado de “mestre dos magos”. (Daniel 5:11). Luciano, o sátiro, afirma que os Magi (magos) no período persa atingiam grande idade, em decorrência de sua dieta especial vegetariana (MONTEIRO, 2019, p. 79). Segundo Simoons (1994, apud Monteiro, 2019, p. 80):

Embora isto não possa ser tomado como indicativo de que Daniel participava dos rituais dos magi, nem mesmo que partilhava de suas ideias e noções religiosas, é possível que ele tenha sentido que a participação em sua dieta vegetariana não entraria em conflito com seus escrúpulos judaicos.

O Rabino Abraham Kook, então, declarou que nos tempos do Messias o mundo seria nova-

mente vegetariano (SCHWARTZ, 2001, p. 108). Isso é comprehensível pois o Novo Testamento afirma que o “comer ou beber”, no contexto do santuário, “são sombras de coisas futuras” e, quando Cristo, que é o corpo e substância do sistema sacrificial israelita chegou, o primeiro santuário é retirado para dar lugar ao segundo, o Celestial (Colossenses 2:16, 17; 2 Coríntios 3:14; Hebreus 10:8-10). Schwartz aponta que, na era do Messias, então, os sacrifícios animais não mais ocorreriam (2001, p 108), uma vez que o alimento do cristão consistiria em receber a vida de Cristo, sua carne e seu sangue, por meio da fé, se alimentado do pão espiritual, que é sua palavra, conforme João 6:53-63 e White afirmam (1997a, p. 193).

6. ESPIRITUALIDADE E ALIMENTAÇÃO EM ELLEN WHITE

Seguindo o pensamento bíblico, White afirma que o hábito de comer alimentos não saudáveis “destrói a salutar ação dos órgãos digestivos, afetando o cérebro, pervertendo o juízo, impedindo um racional, calmo e saudável pensamento e ação.” (2000, p. 618). É possível perceber, neste caso, o motivo que levou Daniel a escolher uma alimentação natural, uma vez que a comida preparada com os alimentos mais simples torna a mente “mais clara e vigorosa para compreender as coisas espirituais” (WHITE, 1994, p. 307).

Essa compreensão holística da realidade proposta por White, como percebeu Quiroga (2015, p. 15) coloca a relação entre o homem e Deus “aqui e agora neste corpo” sendo aquilo “que acontece dentro e com o corpo afeta minha salvação e vice-versa. Esse conceito poderia ser chamado de corporalidade do evangelho”. Dentro da perspectiva corpórea da salvação, White reconheceu que “a clareza de mente e firmeza de propósito de Daniel, sua força de intelecto na aquisição de conhecimento, deveram-se em grande parte à simplicidade de seu regime alimentar, associado à sua vida de oração.” (2003, p. 515 e 516)

Além disso, ela conclui que Daniel e seus amigos foram criados em lares de dieta vegetariana, além de terem sido ensinados a não fazer uso do vinho, por ser uma bebida fermentada. Estudando a história passada de Israel, especialmente o caso dos filhos de Arão, eles concluíram que “a condescendência com o apetite lhes anuviaria as faculdades de discernimento” (WHITE, 1967, p. 261). Assim como na sociedade atual, porém, os babilônicos pensavam que, conferindo aos judeus uma alimentação a base de carne e bebidas estimulantes, estariam “assegurando-lhes o melhor desenvolvimento físico e mental que poderia ser atingido.” (1996c, p. 77). Ser temperante, então, fazendo o uso dos alimentos em seu estado mais simples e natural, desenvolve o vigor físico e mental de tal maneira que White (1997, p. 55) declarou o seguinte:

Na corte de Babilônia estavam reunidos representantes de todos os países, homens dos melhores talentos, dos mais abundantemente favorecidos com dons naturais, e possuidores da mais alta cultura que o mundo poderia conferir; no entanto, entre todos eles os cativos hebreus não tinham igual. Na força física e na beleza, no vigor mental e preparo literário, não tinham rival.

Por outro lado, se os desejos carnais são colocados acima dos conselhos de Deus, ela afirma: “Não podemos amar o Senhor de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todo o nosso entendimento e com todas as nossas forças enquanto estivermos amando nosso apetite, nossos gostos, mais do que amamos o Senhor” (2001, p. 70). Ela ainda afirma que “nenhum outro exemplo ilustra de maneira mais completa e implícita a verdadeira temperança e as bênçãos que se lhe seguem, do que a história do profeta Daniel e seus companheiros” (WHITE, 1890, p. 26). Tais características, afirma White, permaneceram na vida de Daniel por todo o período de sua existência, indicando que seus hábitos alimentares e sua disposição moral nunca se adequaram aos costumes de babilônia (WHITE, 1997, p. 56).

Dessa maneira, é evidenciado que as experiências vivenciadas por Daniel e seus companheiros, tais como preferir ser lançados na fornalha de fogo ou na cova dos leões do que desobedecer a Deus, foram o resultado dos hábitos de estrita temperança nutridos durante a vida (WHITE, 1996, p. 482). Da história de Daniel, portanto, pode-se aprender que “na vida do verdadeiro cristão nada há que não seja essencial” (WHITE, 1996, p. 488) e a vida física está tão unida à espiritualidade que, nas palavras de White, “cada órgão e cada fibra do ser devem ser religiosamente protegidos de práticas danosas” (2005, p. 372).

7. ESPIRITUALIDADE E ALIMENTAÇÃO PARA O REMANESCENTE ESCATOLÓGICO

7.1 Espiritualidade no Tempo do Fim

O livro de Daniel, como afirmado reiteradas vezes (Daniel 8:17, 19; 12:4, 7, 9), foi escrito, de maneira especial, para os que estavam vivendo no tempo do fim. A mensagem deste livro, portanto, se dirige especialmente para os que estão vivendo nos últimos dias da história deste mundo (NICHOL, 2011b, p. 919 a 923). Como White escreveu, “ao aproximar-nos do fim do tempo, precisamos erguer-nos mais e mais alto na questão da reforma de saúde e temperança cristã” (2005, p. 112).

Assim como o livro de Daniel apresenta um conflito entre Jerusalém e Babilônia, o livro de Apocalipse, que remonta diversas vezes ao livro de Daniel, aponta para uma guerra semelhante logo antes do advento de Cristo. Neste conflito, a Babilônia espiritual guerreia contra a Jerusalém celestial. Nas palavras de White: “assim como Deus chamou Daniel para testemunhar por Ele em Babilônia, Ele nos chama para sermos testemunhas Suas no mundo hoje” (1996, p. 487). Ela ainda afirma que “em nossos dias, o Senhor Se agradaria de que os que estão se preparando para a futura vida imortal seguirsem o exemplo de Daniel e seus companheiros” (2009, p. 294). Neste sentido, as experiências de Daniel e seus amigos atuam como um modelo da vida cristã para os últimos dias (WHITE, 1997, p. 57).

Nesse contexto, a igreja adventista, que surge a partir do estudo do livro de Daniel, entende que é sua missão anunciar a terceira mensagem angélica de Apocalipse 14, que convida os mo-

radores deste mundo a obedecer a lei de Deus (ZUKOWSKI, 2010, p. 101). Como White escreveu, “as leis da natureza são as leis de Deus, verdadeiramente tão divinas quanto os preceitos do Decálogo,” sendo que Deus constituiu tanto uma como a outra (WHITE, 1954, p. 362). Guardar a lei de Deus, então, é estar em harmonia com as leis estabelecidas na criação da humanidade.

Por isso, Zukowski (2010, p. 103) afirmou que “a íntima conexão entre a reforma de saúde e a segunda vinda de Cristo é uma das mais importantes contribuições da mensagem adventista”. Isso ocorrer pois “o propósito da pregação da terceira mensagem angélica é preparar um povo para encontrar-se com seu Deus”, uma vez que ela é enviada ao mundo logo antes do advento de Cristo em Apocalipse 14:14-20. Então, se o movimento adventista se propõe a pregar o evangelho, é necessário compreender que a reforma de saúde em obediência às leis naturais fazem parte do evangelho de Deus para a restauração da humanidade assim como foi na vida de Daniel, e está diretamente relacionada com o preparo para se encontrar com Deus.

7.2 Saúde e Espiritualidade

O lobo frontal, uma área do cérebro localizada na região frontal do crânio, é o órgão responsável pela volição e moralidade, onde as escolhas são realizadas. Caso esse órgão esteja danificado, as decisões serão direcionadas pelos impulsos, e não pela razão, afirma o doutor Nedley (1998, p. 259, 260). Essa parte do cérebro é frequentemente relacionado à espiritualidade, uma vez que escolhas sábias dependem do correto funcional desse órgão. A qualidade das decisões, por sua vez, determina o caráter que será desenvolvido, o que determinará o destino de cada pessoa (HARDINGE, 1992, p. 108).

Neste sentido, alimentos estimulantes como bebidas fortes e carnes estimulam o sistema nervoso e as regiões inferiores do cérebro, que são responsáveis pelas áreas menos racionais e mais sensoriais do corpo, diminuindo a capacidade de tomar decisões por princípio (HARDINGE, 1992, p. 107; NEDLEY, 1998, p. 265 e 276). Nedley (1998, p. 278), então, afirma que os alimentos responsáveis por afetar a parte do cérebro responsável pela espiritualidade e moralidade devem ser evitados, pois, segundo a bíblia, o verdadeiro cristão é guiado pelo Espírito Santo, que o habilitará a dominar e controlar os desejos da carne (HARDINGE, 1992, p. 105).

Neste conflito espiritual entre Cristo e Satanás, Jerusalém e babilônia, é objetivo especial de Satanás embotar e bloquear os únicos meios de comunicação que o Espírito Santo utiliza para revelar a vontade de Deus ao homem, estimulando os sentidos humanos a fim impossibilitar a tomada de decisões racionais e moralmente seguras (HARDINGE, 1992, p. 106). De acordo com as palavras de Jesus, no tempo do fim o mundo estará caracterizado por um estilo de vida desenfreado, no qual não há controle sobre os apetites e paixões (Mateus 24:38, 49), sendo guiado pelos impulsos sensitivos e não pelo discernimento moral necessário para garantir corretamente a salvação. Neste cenário escatológico, Hardinge (1992, p. 109), escreveu:

Deus, em sua infinita sabedoria e amor, deu a Seu povo remanescente

Centro de Pesquisas Ellen G. White

a maravilhosa, cientificamente comprovada, mensagem da reforma de saúde. Essa mensagem, dada em uma linguagem que todos podem compreender, descreve um estilo de vida que preserva, acima e além de todos os seus benefícios para a saúde, o discernimento moral.

O cristão, então, necessita de um preparo moral que o habilite a abrir mãos de seus desejos para escolher o que é certo, independente das inclinações carnais. Ceder aos apetites, contudo, exercita a mente a não avaliar a obra expiatória de Cristo, pois a vida de Cristo foi levada adiante por meio de atos abnegados e um ser egoísta não comprehende corretamente o caráter da obra da salvação, pois visa unicamente o prazer próprio (WHITE, 2000, p. 549).

Uma vez estabelecida a relação entre a saúde e a última mensagem de Deus para este mundo, o movimento adventista entende, então, que o estilo de vida ideal está relacionado com os princípios dietéticos dados no Éden (REIS, 2016, p. 149). Isso ocorre pois a primeira mensagem angélica (Apocalipse 14:6-7) convida o mundo a lembrar do plano original de Deus ao criar este mundo (NICHOL, 2011c, 916), o que implica que, além do sábado, está o retorno a dieta alimentar. Como White (2002, p. 380) notou: “Deus está procurando levar-nos de volta, passo a passo, a Seu designio original — que o homem subsista com os produtos naturais da terra.”

7.3 A Missão do Remanescente e a Espiritualidade

Após descrever a mensagem do movimento adventista e sua relação com a saúde física e moral, faz-se necessário identificar, portanto, os instrumentos utilizados para que essa mensagem seja divulgada. Neste sentido, é importante notar que Daniel era da “linhagem real” de Israel, se situando entre os “nobres” do povo judeu (Daniel 1:3) e, provavelmente, um descendente do rei Zedequias (DOUKHAN, 2018, p. 16). De fato, Daniel assumia uma posição de liderança no antigo Israel. De igual maneira, portanto, é necessário que os líderes e ministros do remanescente escatológico sigam o exemplo deste líder judeu.

Ainda neste sentido, White (1954, p. 43) escreveu que “os ministros do evangelho deveriam pregar os princípios de saúde, pois estes têm sido dados por Deus como um dos meios necessários para preparar um povo perfeito em caráter”. Assim, por mais que os líderes de hoje não atuem como profetas ou reis no sentido estrito do termo, como o foi Daniel, as seguintes palavras de White (1997, p. 46) relacionam o papel do profeta Daniel com os líderes da igreja moderna:

Na mais alta acepção da palavra, o profeta era alguém que falava por direta inspiração, comunicando ao povo as mensagens que recebera de Deus. Mas esse nome também era dado àqueles que, embora não fossem diretamente inspirados, eram divinamente chamados para instruir o povo nas palavras e caminhos de Deus.

Além do trabalho realizado pela liderança, porém, é importante lembrar que “cada membro da igreja deve firmemente envolver-se” na obra da reforma de saúde (WHITE, 2002a, p. 61 e 62),

uma vez que a igreja adventista entende que faz parte de um movimento profético, e todos seus membros possuem uma mensagem profética a dar ao mundo. Como afirma Monteiro (2019, p. 84) acerca de Daniel: “Abster-se de determinados tipos de alimento (ou de todo e qualquer tipo de alimento), parece ser um rito preparatório para uma missão especial, relacionado à Revelação de Deus”. A respeito de tal necessidade, White (2002, p. 30) aponta que:

Há muitos entre os professos cristãos hoje que denunciariam Daniel como tendo sido demasiado minucioso, julgando-o estreito e fanático. Consideram de mínima consequência a questão de comer ou beber, para que se reclame uma posição assim decidida — posição que envolve o provável sacrifício de toda vantagem terrena. Mas os que assim arrazoam verificarão no dia do juízo que viraram as costas a expressas exigências de Deus, tendo colocado sua própria opinião como norma do que é direito ou errado. Descobrirão que o que lhes parecia sem importância não era assim considerado por Deus. Seus reclamos devem ser obedecidos religiosamente.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi estabelecido, então, que à luz do pensamento hebraico do Antigo e Novo Testamento, a espiritualidade é física e ocorre no fluxo do tempo e matéria. Uma vez que não existe uma esfera imaterial ou atemporal da realidade, a vida física é o único meio através do qual a espiritualidade cristã pode ser adquirida e desenvolvida. Além disso, foi ressaltado que o único canal através do qual a divindade se comunica com a humanidade são os nervos cerebrais, apontando para a necessidade de mantê-los no mais alto grau de saúde, através de um estilo de vida que se harmonize com o plano original da criação divina.

Foi descrito que o livro de Daniel, neste contexto, possui um modelo de vida e alimentação para os cristãos, indicando que o remanescente de Deus se distingue dos demais povos ao possuir uma dieta peculiar. Isso ocorre pois o conceito de espiritualidade hebraica diverge do conceito popular de espiritualidade etérea. Após concluir essa análise geral do assunto selecionado, é compreensível, portanto, que Deus tenha selecionado uma dieta especial para o povo remanescente no tempo do fim, dada a importância de sua missão.

Assim, da mesma maneira que “Daniel foi o profeta escolhido para anunciar os tempos do Messias”, e, por este motivo, “escolheu uma alimentação que abdicava das delicadezas e prazeres da mesa, adotando uma dieta de frugalidade” (MONTEIRO, 2019, p. 90), os adventistas entendem que foram separados do mundo para anunciar o tempo do breve retorno do Messias, o que faz necessário que este povo um conceito de espiritualidade ampla tal qual Daniel, que afete e eleve o ser humano em todas as esferas concretas de sua existência; física, mental e moralmente.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANALE, Fernando. Doutrina de Deus. In: DEDEREN, Raoul. Tratado de teologia: Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 120-179.

CANALE, Fernando. SECULAR ADVENTISM? Exploring the Link between Lifestyle and Salvation. Chosica, LIMA: Union Editorial, 2013.

Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Filipenses a Apocalipse. Francis D. Nichol. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016a. v. 7.

Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Gênesis a Deuteronômio. Francis D. Nichol. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018. v. 1.

Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Isaías a Malaquias. Francis D. Nichol. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016. v. 4.

COPAN, Paul. How do you know you're not wrong? Responding to objections that leave Christians speechless. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2005.

DAMSTEEGT, P. Gerard, Health as a Bible Teaching: How Adventist Developed It. In: Adventists Affirm. v. 15. n. 2. Berrien Springs, MI: Faculty Publication, 2001. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/church-history-pubs/91>. Acesso em: 08 mar. 2022.

DAMSTEEGT, P. Gerard. Ellen White, Lifestyle and Scripture Interpretation. Journal of the Adventist Theological Society. v. 7. n. 2. Berrien Springs, MI: Faculty Publications. 1996a. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/church-history-pubs/87>. Acesso em: 21 fev. 2022.

DAMSTEEGT, P. Gerard. God's Perspectives on Health. In: The Journal of Health & Healing, Faculty Publications. 1996. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/church-history-pubs/89>. Acesso em: 08 mar. 2022.

DE JONG, A. Traditions of the Magi: Zoroastrianism in Greek and Latin Literature. Brill, 1997.

DEDEREN, Raoul. Tratado de teologia: Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DOUKHAN, Jacques B. Segredos de Daniel: sabedoria e sonhos de um príncipe no exílio. Tatuí, S: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

FRUCHTENBAUM, A. G. Ariel's Bible commentary: the book of Genesis. San Antonio, TX: Ariel Ministries, 2008.

HARDINGE, Mervyn G. Health and Salvation. Journal of the Adventist Theological Society. v. 3, n. 2, p. 94-110. 1992. Disponível: <https://digitalcommons.andrews.edu/jats/vol3/iss2/6>. Acesso em: 16 mar. 2022.

HARRISON, R. K. Leviticus: an introduction and commentary. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1980.

HARTLEY, J. E. Word Biblical Commentary: Leviticus. Dallas: Word, Incorporated, 2002.

KUHALAMPI, Harri, Holistic Spirituality in the Thinking of Ellen White, 2010. Disponível em: <https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/21594/holistic.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 fev. 2022.

MONTEIRO, Sérgio. Na Presença do Eterno: a carne como alimentos nas escrituras. Luz do Mundo: Laranja da Terra, 2019.

NEDLEY, Neil. Proof positive: how to reliably combat disease and achieve optimal health through nutrition and lifestyle. New York, USA: Neil Nedley, 1998.

QUIROGA, Raúl. UNA PROPUESTA DE IDENTIFICACIÓN DEL SISTEMA TEOLÓGICO DE ELENA G. DE WHITE. *Kerygma*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/689>. Acesso em: 22 fev. 2022.

REIS, Douglas. Desenvolvimento Histórico da Ênfase Adventista na Saúde como Elemento Espiritual: Implicações para um Ethos Cristão na Era do Fast Food. In: VIII Congresso em Ciências Da Religião, 2016, Goiânia. VIII Congresso em Ciências Da Religião - tema: Religião, saúde e terapias integrativas. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016. p. 146-153.

SCHWARTZ, Richard Judaism and vegetarianism, New York, NY: Lantern Books, 2001.

SEVENTH-DAY ADVENTIST THEOLOGICAL SEMINARY. A Statement on Biblical Spirituality, Berrien Springs, MI: Seventh-day Adventist Theological Seminary, 2011. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1019&context=sem-books>. Acesso em 20 fev. 2022.

SPIRITUALITY. In: Cambridge Dictionary, 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/spirituality>.

STEFANOVIC, Ranko. Revelation of Jesus Christ: commentary on the book of Revelation. Michigan, MI: Andrews University Press, 2002.

STEFANOVIC, Zdravko. Daniel: wisdom to the wise: commentary on the book of Daniel. Oakland, CA: Pacific Press, 2007.

WHITE, Ellen G. A Call to Medical Evangelism and Health Education. Nashville: Southern Publishing Association, 1954.

WHITE, Ellen G. A Ciência do Bom Viver. 7. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

WHITE, Ellen G. Child Guidance: Counsels to Seventh-Day Adventist Parents. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1954.

WHITE, Ellen G. Christian Temperance and Bible Hygiene. Battle Creek, MI, USA: Good Health, 1890.

WHITE, Ellen G. Christian Temperance and Bible Hygiene. Battle Creek, MI, USA: Good Health, 1890.

WHITE, Ellen G. Conselhos Sobre o Regime Alimentar. 12. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

WHITE, Ellen G. Educação. 7. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997b.

WHITE, Ellen G. Fundamentos da educação cristã. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996b.

- WHITE, Ellen G. In heavenly places. Washington, USA: Review and Herald, 1967.
- WHITE, Ellen G. Jesus meu modelo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- WHITE, Ellen G. Meditações matinais: Nos lugares celestiais. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1968.
- WHITE, Ellen G. Mente, caráter e personalidade II. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- WHITE, Ellen G. O Grande Conflito. 27. ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981.
- WHITE, Ellen G. Parábolas de Jesus. 9. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996c.
- WHITE, Ellen G. Patriarcas e Profetas. 15. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997a.
- WHITE, Ellen G. Profetas e reis. 8. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- WHITE, Ellen G. Testemunhos para a Igreja 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- WHITE, Ellen G. Testemunhos para a Igreja 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- WHITE, Ellen G. Testemunhos para a Igreja 3. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira,
- WHITE, Ellen G. Testemunhos para a Igreja 6. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005
- WHITE, Ellen G. Testemunhos Seletos 2. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.
- ZUKOWSKI, Jean. Reforma de saúde: história e relevância teológica no movimento adventista. In: Parousia. ano. 9, n. 2. Engenheiro Coelho, SP: SALT - Seminário Latinoamericano de Teologia, 2010. p. 95-111.

MÚSICA E ADORAÇÃO E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A VOLIÇÃO HUMANA: ESTUDO COM ÊNFASE EM DANIEL 3:4-7

Patrick Lopes Lima

Resumo

O conceito de adoração é considerado por estudiosos como o tema central do conflito entre Cristo e Satanás. Nesta batalha cósmica, o caráter de Deus é questionado, sendo que a música atua como um instrumento que expressa compreensões a respeito de quem é Deus, o ser humano e sua relação com o mundo. Como o elemento musical é frequentemente utilizado como um instrumento no contexto da adoração, ele não pode ser considerado como neutro, pois tem grande poder de influenciar o ouvinte e levá-lo a tomar decisões. O objetivo dessa pesquisa é categorizar o fenômeno adoração, sua expressão por meio da música e seu impacto na mente do adorador, a partir de uma análise do capítulo 3 de Daniel. O método utilizado foi bibliográfico, tendo por base os estudos dos Daniel Berchie e Elisha Kwabena quanto às perspectivas a respeito da adoração no contexto bíblico e no livro de Daniel. Para uma análise exegética de Daniel 3 e sua relação com a música foram utilizados os escritos do Zdravko Stefanovic. Foi realizado também um levantamento bibliográfico dos textos de Ellen G. White que se relacionam com a temática escolhida e a seção bíblica analisada. Por meio desta pesquisa, percebe-se que a música, como uma expressão da adoração e de uma cosmovisão, deve ser o meio pelo qual haja enaltecimento do ser de Deus e elevação a uma atmosfera pura e santa, ao invés de causar ruído e confusão. Pode-se definir, então, que, ao produzir música no contexto da adoração, são necessárias uma cosmovisão e uma antropologia bíblicamente fundamentadas. Assim, é necessário que cada indivíduo escolha a quem servir, sendo que, no processo de tal escolha, a música possui grande influência e deve ser corretamente dirigida.

Palavras-chave: Adoração; Música; Daniel.

1. INTRODUÇÃO

A partir de uma análise bíblica, especificamente em Daniel 3:4-7, é possível notar que a adoração é o tema central do chamado “Grande Conflito” entre Cristo e Satanás. Por se tratar de um tema importante e abrangente, existem muitas pesquisas sobre o assunto. Por uma quantidade considerável de estudiosos, entretanto, o conceito de adoração é tido como subjetivo, ou algo inerente e a cada indivíduo. Diante de tantas opiniões a respeito da adoração, faz-se necessário um aprimoramento na compreensão deste assunto que leve em consideração a totalidade dos escritos bíblicos e analise a forma como Deus salientou este conceito entretecido na vida do ser humano. Assim, antes de compreender a natureza e as implicações da adoração no contexto de Daniel, é preciso fazer uma análise abrangente a respeito da adoração.

Para Gyan (2018, p. 75) ao criar a humanidade, Deus concede vida ao ser humano, fator este que está ligado ao desejo natural e incessante das criaturas de viver em prol do seu criador e doador de vida. Assim, “o dever de adorar a Deus se baseia no fato de que Ele é o Criador, e que a Ele todos os outros seres devem a existência” (WHITE, 2004, p. 436). Adoração, então, é uma resposta inevitável a Deus, expressando gratidão pela criação e submissão ao criador (TAVARES, 2021, p. 97). De acordo com Atilano Muradas (2007, p. 19 e 20) a adoração pode ser categorizada como sendo o ato de reconhecimento “por aquilo que ele é (santo, justo, amoroso, onipotente)”. Existem, no entanto, diversas maneiras de expressar a adoração, como notou Canale, derivadas de diferentes compreensões de quem é Deus. Assim, a teologia é o fundamento de qualquer expressão religiosa (CANALE, 2011, p. 4 e 6). “Não conhecer a Deus”, neste sentido, “é um grande obstáculo para a verdadeira adoração” (TAVARES, 2021, p. 22).

Após o pecado, entretanto, há um novo motivo que leva as criaturas à adoração. Ela passa a ser realizada não somente por reconhecer a soberania divina como criador, mas a humanidade prestará adoração a Deus pela demonstração divina de misericórdia, ao oferecer Jesus Cristo como expiação para os pecados da humanidade caída (TAVARES, 2021, p. 105). Assim, faz-se necessária uma conceituação do termo adoração através de uma perspectiva mais ampla, levando em consideração textos bíblicos do Antigo e Novo Testamento antes de analisar de maneira específica o livro de Daniel e sua relação com as práticas litúrgicas.

2. ADORAÇÃO: UMA ANÁLISE BÍBLICA

2.1 Adoração no Antigo Testamento

Para fundamentar o conceito de adoração na Bíblia, foram usados as sessões referentes ao livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Na bíblica hebraica, os livros utilizados no Antigo Testamento foram *Êxodo* e *Salmos*. De maneira especial, o conceito de adoração é descrito no contexto da libertação do povo Israelita do jugo opressor egípcio e sua posterior chegada ao Monte Sinai. No livro de *Êxodo*, pode-se categorizar a adoração como sendo um encontro com Deus (*Êx. 24:1*) que pode ocorrer de modo congregacional (*Êx. 24:2-4*), em que

Deus não somente recebe adoração, mas se comunica com a humanidade por meio de Sua palavra (Êx. 24:7) e recebe uma resposta de compromisso e obediência à aliança por parte do povo (Êx. 24:7-8). Perante tais colocações apresentadas em Êxodo 24, a verdadeira adoração conduz o crente a um compromisso de obediência ao Deus todo poderoso (GYAN, 2018, p. 75). Pode-se perceber, então, que adoração está relacionada a uma disposição voluntária de obedecer a Deus e envolve a compreensão do que foi ensinado.

Através de outras aparições do termo adoração no contexto bíblico, é possível construir uma compreensão mais ampla do assunto. O livro de Jó, por exemplo, apresenta este conceito por meio da seguinte frase, “Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e adorou” (Jó 1:20). O termo hebraico para a palavra adorou é shachah, traduzido como “curvar-se” ou “prostar-se” (NICHOL, 2012, p. 558) indica que adoração é uma atitude de humilhação diante da divindade.

No livro dos Salmos esta temática também é desenvolvida. Em Salmo 5:7, adoração é categorizada pela ida ao templo: “eu, pela riqueza da tua misericórdia, entrarei na tua casa e me prostrarei diante do teu santo templo, no teu temor”. O Salmo 43:4, está associado com o canto: “irei ao altar de Deus, de Deus, que é a minha grande alegria; ao som da harpa eu te louvarei, ó Deus, Deus meu”. E no Salmo 119:15 há uma relação com o meditar nas sagradas palavras de Deus: “Meditarei nos teus preceitos e às tuas veredas terei respeito” (MOURA, 2015, p. 33). Perante tais colocações dos autores bíblicos no Antigo Testamento, a adoração pode ser definida como uma submissão interna a Deus que se manifesta por meio de cânticos, leitura das escrituras sagradas e encontros públicos (CANALE, 2011, p. 11). De maneira específica, o ato de se prostrar também está relacionado com a adoração.

2.2 Adoração no Novo Testamento

Faz-se necessário, também, observar o conceito de adoração como retratado no Novo Testamento, especificamente nos livros de João e Apocalipse. Em João 4:24, Jesus afirma que a verdadeira adoração ao Pai ocorre “em espírito e em verdade”. O termo pneuma, traduzido como espírito, pode apontar para o aspecto racional e pensante da natureza humana (STRONG, 2002, p. 1602, 1603), indicando que adorar em espírito está relacionado a uma atitude racional, como visto na descrição do livro de Êxodo. Adorar em verdade, por sua vez, como aponta Tavares (TAVARES, 2021, p. 218), é sinônimo de adorar segundo os padrões que Deus revelou por meio da bíblia, uma vez que a palavra de Deus é a verdade (João 17:17). Assim, no conceito de adoração, é imprescindível um estudo da bíblia (verdade) com o desejo de aprender o conteúdo racionalmente (espírito) e obedecê-lo, uma vez que deve-se “conhecer a Deus, antes de poder adorá-Lo.” (DARINO, 2003, p. 108)

Ainda sobre a adoração no Novo Testamento, o livro de Apocalipse aborda a externalização desta adoração por meio da música. Neste livro, a adoração por meio da ferramenta musical atinge seu clímax ao ser utilizada para exaltar o ser de Deus e seus feitos por seu povo, tornan-

do-se um meio para afirmar as crenças. Nwaomah (2014, p. 57, 58) acentua que:

O papel principal da música de adoração na Escritura parece ser o de adorar e louvar a Deus (Sl 27,6; 150,3-4; Actos 16,25; Rom 15,9; Ap 4,11; 5,13; 7,10). A expressão musical de adoração e louvor no culto cristão atinge o seu clímax nos hinos do Apocalipse do Novo Testamento a João. [...] Estes hinos glorificam o Criador (4:11), proclamam o valor do Cordeiro (5:9-10; 5:12), exaltam tanto o Pai como o Filho (5:13; 7:10; 7:12), celebram o triunfo de Deus sobre os inimigos do seu povo (11:16; 11:17-18; 12:10- 12; 19:1-3; 19:6-8), e proclamam a sua justiça (15:3-4; 16:5-7). (tradução nossa)

Portanto, é possível perceber a ligação entre a compreensão a respeito de Deus e seus atos e a adoração que é oferecida a ele. Seguindo o mesmo padrão dos Salmos, frequentemente a adoração assume também a forma musical. Além disso, os cânticos revelam que Deus deve ser adorado dentro de um conflito cósmico, no qual será necessário escolher a quem adorar; ao Criador ou a Satanás. O cenário de música e conflito também ocorre no livro de Daniel.

Portanto, a verdadeira adoração dirigida a Deus possui por categorização o ato consciente de saber quem ele é a fim de que o ser humano possa adorá-lo. De acordo com as sessões bíblicas, então, a adoração é uma afirmação de obediência a lei de Deus por meio do temor gerado ao saber quem ele é. As demonstrações litúrgicas, incluindo a música, são diversas, para assinalar o ser de Deus e os atos realizados por seu povo. Uma vez descrito de maneira geral o tema proposto, faz-se necessário uma identificação deste conceito no livro de Daniel e sua relação com a música.

3. ADORAÇÃO NO LIVRO DE DANIEL

3.1 Adoração e Babilônia

Levando em consideração a conceituação da adoração nos escritos bíblicos, é possível reconhecê-la como um ato consciente de conhecer quem Deus é e suas implicações. Pode-se, então, citar o livro de Daniel e sua relação com a experiência musical, dentro deste contexto bíblico amplo. Analisando essa temática no livro de Daniel, Moskala (2010, p. 4) sugere que,

No livro de Daniel as coisas são pintadas em torno da adoração, onde as atitudes verdadeiras e falsas se encontram numa posição antagônica entre si. Só a adoração relacionada com o Deus da verdade é aceitável.

Percebe-se que a análise enuncia que o tema central do livro de Daniel é adoração. Sendo assim, todos os demais assuntos orbitam em redor desse tópico central. Pode-se, de forma clara e categórica, diferenciar a falsa e a verdadeira adoração pelos elementos correspondentes a cada uma delas. Neste livro, em que existe um conflito entre Jerusalém (poder divino) e Babilônia (poder maligno), existem também duas propostas de adoração a estes dois poderes

(DOUKHAN, 2018, p. 12). A adoração direcionada a Deus provê uma base para conceituar e diferenciar a verdadeira e a falsa adoração. Este caráter oposicionista, assim como cósmico, não apenas apresenta-se no livro de Daniel, mas é perceptível no escopo mais amplo da história bíblica, além do livro de Daniel. Neste sentido, Doukhan (2018, p. 12) ressalta que

A associação clássica “Babilônia-Jerusalém” já sugere tal leitura do texto, e recebe confirmação posterior através da citação de Sinear (verso 2), nome mítico de Babilônia e relatado com o episódio bíblico de Babel (Gên 11:2). Desde os primórdios da antiguidade, Babilônia tem simbolizado na Bíblia as forças do mal que se opõe a Deus e procura possuir prerrogativas e privilégios divinos.

Essa relação de conflito apontada em Daniel, então, corrobora para que se apresentem ao leitor explicações quanto a natureza deste poder antagônico, uma vez que a aversão ao poder divino é sinalizada pela construção da Torre de Babel (Gen 11:2) que remonta aos princípios da história bíblica. Ademais, o poder que se levanta neste contexto, apresenta-se desejoso por construir “uma torre cujo topo chegue até aos céus” (Gên. 11:2, ARA). Este poder, então, representa o desejo de usurpar o poder do Altíssimo, ou seja, pode-se vislumbrar um conflito que alcança “outra dimensão” (DOUKHAN, 2018, p. 14). De fato, ocorre um conflito cósmico no qual existem duas possibilidades de adoração.

Em atenta análise com respeito ao poder terrestre que ergue a Torre de Babel, é notável que essa construção, situada na região de Sinar, ocorre no mesmo lugar em que posteriormente se instalaria a imagem de ouro erguida pelo rei Nabucodonosor em Daniel 3, intensificando ainda mais a relação de oposição a Deus característica tanto da torre de Babel quanto da Babilônia liderada por Nabucodonosor (DOUKHAN, 2018, p. 13).

Stefanovic (2019), ainda, sugere que o reino babilônio e seu caráter oposicionista nos tempos de Daniel é utilizado como um modelo do caráter de rebelião apresentado em Lúcifer que é descrito em Isaías 14:12-14. A relação entre os dois poderes citados se dá uma vez que as iniciativas de ambos são as mesmas, contrapostas ao governo de Deus (DOUKHAN, 2018, p. 14). Ao descrever o rei de Babilônia, o capítulo quatorze de Isaías utiliza uma linguagem cósmica, apontando assim para um rei de natureza espiritual que está em conflito contra Deus. Atribuições como “estrela da manhã”, “monte da congregação” e “semelhante ao Altíssimo” anunciam um poder que sobrepuja as designações conciliadas meramente ao caráter humano, portanto, trata-se de um ser de origem celestial que afrontou ao único Deus (NICHOL, 2012, p. 168 e 169).

3.1 Adoração em Daniel

Ainda sobre a temática da adoração no livro de Daniel, deve-se notar, nesta segunda etapa, a investigação com respeito ao verbo em aramaico פְּלַח (pelach), traduzido por “servir”, e sua ligação com o verbo em aramaico סִגֵּד (segid), traduzido por “adoração”. De acordo com Marfo

(MARFO, 2012, p. 5), a junção destes verbos formam o conceito de adoração, tendo por expressão mais ampla o verbo “servir” e sua relação com a adoração que é mencionado nos capítulos três, seis e sete. A seguir, será apresentada a análise quanto a estes capítulos.

No capítulo 3 de Daniel, percebe-se a convocação designada por Nabucodonosor para que todos os seus oficiais comparecessem à cerimônia de inauguração da estátua de ouro construída por Nabucodonosor. Shea (1982, p. 37) assinala que ao comparecerem à cerimônia, estavam os súditos se comprometendo a serem leais a Nabucodonosor, aos deuses e à Babilônia. A cerimônia também tem por objetivo conduzir os escravos judeus para a lealdade ao imperador caldeu, levando-os a quebrar as prescrições referentes à aliança mosaica, fundamentada no conceito de adoração ao único Deus como proposto no Sinai. A ordem para se prostrar diante de uma imagem não apenas demonstrava lealdade ao rei babilônico, mas ao deus a quem Nabucodonosor adorava (SHEA, 1996, p. 108). Neste sentido, o inimigo cósmico de Deus busca a adoração dos homens, usando como instrumento o império babilônico.

Os jovens hebreus, no entanto, decidem não se prostrar diante da imagem de ouro. Moskala (2010, p. 6, 7) reitera que por não adorarem a imagem, a morte pelo fogo tornar-se-ia a consequência imediata para aqueles três jovens. Entretanto, a fornalha era uma das ferramentas de controle. A música tocada naquela cerimônia mística detinha o papel de levar a todos a adorarem pela ilusão de sentimentos, em contraste com uma adoração racional e cognitiva, não considerando a obediência a lei de Deus, uma vez que deveriam conservar suas vidas em face da morte (DOUKHAN, 2018, p. 49, 50)

Portanto, mediante a análise do texto, Berchie e Marfo (MARFO, 2012, p. 4, tradução nossa) afirmam que os termos pelah e segid “podem transmitir o mesmo significado conceitual, ou seja, prestar homenagem a uma imagem é o mesmo que prestar serviço de adoração a uma divindade.” Assim, os termos acima discorrem que a adoração é um ato de servir a qualquer divindade envolvida no conflito. Perante a temática supracitado sobre o capítulo três, faz-se necessário retomá-lo logo mais para fundamentar estes conceitos.

O termo que detém a centralidade da argumentação acima possui sua repercussão no sexto capítulo do mesmo livro. Ao analisar este capítulo, o termo em destaque está inserido em um contexto de adoração ao rei, da mesma forma como no capítulo três. A respeito desta intertextualidade, Berchie e Marfo (2012, p. 5, tradução nossa) sugeriram o seguinte:

Daniel foi condenado e colocado na cova dos leões. Antes de Daniel ser colocado na cova, o rei expressou a sua crença no Deus de Daniel de que o Deus que Daniel ‘serve’ (hlp) o libertará continuamente (v. 16). O rei foi à cova no dia seguinte e chamou Daniel: “Daniel, servo do Deus vivo, tem o teu Deus, a quem serves (hlp) continuamente, sido capaz de te resgatar dos leões? (v. 21 NVI)”.

Pode-se perceber um fator de punição para aquele que não condescendem com as orde-

nanças dos Medos e Persas. É surpreendente o fato de que o rei Dario reconhece que o Deus de Daniel é a unica divindade que deve receber a verdadeira adoração (MARFO, 2012, p. 5). Deve-se salientar, também, que a acusação por parte dos governadores é feita tendo por base o fato de que Daniel observa a lei de Deus, o que, por certo, é o fundamento da aliança de Deus com o povo judeu e que o impede de adorar outros deuses (MOSKALA, 2010, p. 9).

Além disso, a repercussão da adoração em um cenário de conflito cósmico é ressaltada no capítulo sete, por meio do uso do termo servir e sua interação com entidades que sobrepõem à cenários meramente terrestres. As narrativas correspondentes para este poder opressor afirmam que ele “devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés ” (7:7, ARA) são características deste poder perseguidor. Moskala (2010, p. ,tradução nossa) sugere que esta destruição é fruto da fidelidade ao adorar ao verdadeiro Deus e obedecer a sua lei, entretanto, há uma recompensa para os fiéis. Novamente, o poder oposto ao Deus de Daniel faz uso da força e coerção para levar as pessoas a adorarem-no, como no capítulo três, por meio da música e da fornalha, como no capítulo seis, com os elementos da cova dos leões.

De acordo com Marfo (2012, p. 6), então, o capítulo sete aponta para consumação da vitória de Deus que foi travada entre Deus e Satanás.O confronto apresentado pelo profeta possui por foco a aversão a lei de Deus, sendo esta a base para a adoração e a guia para aqueles que servem ao Senhor (MOSKALA, 2010, p. 9).

O contexto do serviço de adoração no livro de Daniel, então, é apontado nos versos 3:17, 28; 6:16, 17; 7:10, 14, 27, em que poderes são levantados em oposição aos mandamentos de Deus (3:12, 14 e 18; 6: 5, 16, 20, 21; 7:25) assinalada pelo uso da música como elemento decisivo na escolha por quem servir. Além disso, há uma declarada sentença de morte aos que não obedecerem as ordens do reino em vigor (3:6, 15; 6:7, 12 e 16; 7:19, 23). Por fim, há entrитеcido neste escopo do livro de Daniel a vitória dos servos fiéis sobre a instituição da falsa adoração (3:4-7, 12; 6: 7, 12; 7:25). Para que haja aprofundamento e definição quanto a temática proposta, é necessário analisar de maneira específica o terceiro capítulo e o uso da música como elemento central na adoração exigida por Nabucodonosor e seus deuses.

3.2 Adoração em Daniel 3

A análise exegética do capítulo três do livro de Daniel está fundamentada na temática da adoração e nas ações que se intercorrem com a liturgia. A perícope delimitada entre os versos quatro a sete, possui por foco a categorização da temática proposta por Moskala (2010, p. 6), que assinala os termos “adoração (sgd)” e “prostrar [npl]”, como palavras centrais neste capítulo. Stefanovic (2007, p. 125) assinala que, “as formas da raiz verbal sgd, “adorar”, combinadas com npl, “cair”, são frequentemente encontradas neste capítulo. Ao constatar as implicações destes termos para o texto, será possível identificar o objetivo o autor do livro de Daniel ao utilizá-los.

Stefanovic (2007, p. 125) aponta que o foco do autor era destacar um ato religioso por parte do público presente no campo de Dura na designada cerimônia, que é categorizada por uma linguagem de culto e idolatria (GRILLO, 2014, p. 249). Como o público presente deveria se prostrar ante a estátua de ouro, esta prática possuía uma ligação singular com a adoração ao

Deus de Israel, uma vez que jovens judeus estavam presentes no ambiente e dois modelos de adoração estavam em evidente contraste.

Outros elementos presentes no fenômeno adoração no contexto de Daniel 3 interferem amplamente no impacto do evento narrado. Perante os versos 4 e 7 pode-se perceber os elementos musicais interagindo com os “povos, nações e homens de todas as línguas” (Daniel 3:4, 7), com a representação da imagem erigida no campo de Dura e com a punição apresentada aos que não obedecessem a vontade de Nabucodonosor. Faz-se necessário, então, analisar os elementos e sua relação com a música, interagindo com o tema da adoração na perícope designada.

Nesta seção, nota-se a descrição referente aos “povos, nações e homens de todas as línguas” (ARA) como aqueles que estavam presentes na cerimônia. Os termos em foco apontam a universalidade. Esta abordagem utilizada por Daniel tomou proporções intertextuais, visto que o livro de Apocalipse “usa uma linguagem semelhante para retratar este mesmo conceito intimamente ligado à adoração (Apocalipse 5:13; 7:9; 10:11; 13:7; 14:6; 17:15)” (STEFANOVIC, 2007, p. 128, tradução nossa). Neste sentido, o que ocorreu no livro de Daniel se repetirá uma escala mundial e apocalíptica, segundo a relação intertextual entre os dois livros.

Em relação aos instrumentos dispostos na cerimônia litúrgica, Anderson (1983, p. 30) (tradução nossa) afirma que “Três dos seis são palavras de empréstimo do grego.” Percebe-se, neste o período babilônico, a influência grega na maneira de expressão da música e cultura. Na descrição do texto selecionado, pode-se observar seis instrumentos, sendo dois de sopro (tromba e pífaros) e três de corda. Já o último instrumento (gaita de foles) é difícil de estabelecer com certeza. Ademais, “É possível que a lista aqui seja apenas parcial de todos os instrumentos que foram tocados na planície” (STEFANOVIC, 2007, p. 124) (tradução nossa). Neste contexto, a estátua, construída de tijolos e revestida de ouro, assinala o fundamento idólatra, assim como uma conotação punitiva, causando a morte dos que não se submetessem ao rei.

Referente aos instrumentos gregos, o primeiro apontado por Daniel foi a trompa. Este instrumento era “em forma de trombeta, segurada à boca e soprada para criar um som” (STEFANOVIC, 2007, p. 124, tradução nossa). O terceiro instrumento apontado na lista do verso em descrição apresenta a harpa, ou lira e trigão, que são instrumentos são de corda. Estes poderiam possuir quantidades de cordas diferentes, ou até a presença de um aparelho no instrumento para ressoar a vibração efetuada ao instrumento ser tocado. Além dos outros três, a expressão gaitas de foles possui divergências na maneira de interpretar e definir esta ferramenta instrumental. Stefanovic (2007, p. 124, tradução nossa) assinala

Esta última palavra é o termo mais problemático na lista de tradutores. O sumpdneya aramaico, “gaita de foles”, é visto por alguns como um termo coordenador utilizado para o agrupamento de todos os instrumentos que foram anteriormente mencionados (“uma harmonia de sons” ou “um conjunto”; cf. Lucas 15:25). A nossa palavra moderna “sinfonia” está relacionada com ela. Outros estudiosos propuseram que se visse aqui uma espécie de tambor.

Como apontado acima, conclui-se que a descrição para o termo não possui precisão

quanto a definição deste instrumento utilizado na música em preparação para o momento exato de adoração. Entretanto, deve-se destacar sua conexão com a harmonia ou conjunto de sons, com ênfase no íntimo relacionamento com a figura dos tambores. Ao analisar os instrumentos descritos acima, Doukhan (2018, p. 48) assinala a desconformidade para com o padrão litúrgico quanto a adoração praticada pelos caldeus e israelitas, uma vez que os praticantes das cerimônias idolátricas se utilizavam desta ferramenta para alcançar uma experiência mística, induzindo os adeptos a um êxtase mental. Assim, tanto a fonte da adoração (Deus) quanto sua expressão musical divergem quando são comparadas.

Ao analisar a descrição apontada pelo profeta Daniel, nota-se a repetição dos instrumentos, a universalidade referente ao público, a ação de adorar e a devida punição para todo aquele que não servisse a Marduk, o deus de Nabucodonosor. Em outras palavras, “presença e a repetição das listas acentuam o carácter dramático da história, comunicando a tentativa do rei de impressionar os seus súbditos e levá-los à total obediência ao seu comando” (STEFANOVIC, 2007, p. 128, tradução nossa)

A manipulação dos pensamentos do povo que ali estava, por sua vez, ocorre com auxílio da música, sendo que os oficiais obedecem mecanicamente ao comando ao se prostrarem quase que em um “reflexo automático” (DOUKHAN, 2018, p. 49). Para (TANNER, 2008, p. 42), a música utilizada em Dura soletizou e intensificou as emoções dos súditos, amortecendo a mente e sua capacidade volitiva. Neste sentido, o elemento musical combinado com a ameaça de morte e influência da multidão, fomentou a forçada obediência perante a ordem severa do rei (DOUKHAN, 2018, p. 49). Canale (2009, p. 89), então, afirma que na adoração de muitos “a experiência precede o pensamento”, sendo que a experiência musical foi um fator determinante sobre a volição dos súditos do rei descritos nesta seção de Daniel.

Uma vez compreendido que a adoração é um tema central deste livro e relação desta com a música a adoração, percebe-se, então, que o elemento musical foi a forma utilizada para neutralizar a consciência, e influenciar as mentes dos que estavam na planície de Dura. Faz-se necessário, portanto, na próxima seção da pesquisa, avaliar os escritos de Ellen G. White e sua categorização quanto a temática da adoração, música e suas implicações volição e mente humanas.

4. ADORAÇÃO EM ELLEN G. WHITE

Em seus escritos, Ellen G. White enaltece que a verdadeira adoração é proveniente da compreensão do caráter de Deus. Este fundamento, por ela salientado, é definido como o ponto de início para que a adoração decore em atos litúrgicos condizente com a visão com respeito a Deus (WHITE, 2007, p. 30). Perante o entendimento quanto ao ser de Deus e a consequente externalização deste ato consciente, Ellen White aprimora o tema ao apontar que a adoração para ser exercida deve possuir “tempo, lugar e maneira de adorar. Nada do que é sagrado,” (...) “deve ser tratado com negligência ou indiferença.” (WHITE, 2007, p. 254). Percebe-se neste conceito

não somente a preocupação para entender a Deus ao adorar, mas também pela maneira com que adoramos a Deus, isto é, deve haver proporcionalidade para com o que se entende sobre Deus e a forma como o adoramos. De acordo com Ellen White as implicações referentes a cosmovisão que possuímos com respeito a Deus, sendo corretas ou equivocadas, são intrinsecamente assinaladas em nossa forma litúrgica de adorar.

A realização do culto a Deus é apontada por White, como vimos acima, tendo por fundamento a compreensão de quem Deus é. Em maior construção a estrutura formada, o fundamental quanto a imutabilidade divina é assinalado por Ellen White como sendo um fundamento a ser considerado pelo adorador. Este ponto concomitante ao caráter divino apresenta-se como um anúncio de que ao adorá-lo deve-se concluir que o ser de Deus permanece fidedigno ao que se relacionou para com a humanidade no passado, apontando, assim, sua justiça, amor, misericórdia e fidelidade. Portanto, a compreensão com respeito ao ser de Deus deve apresentar-se em “sentimento moral” (...) “elevado, apurado e santificado”. Entretanto, caso os preceitos assinalados sejam esquecidos, o resultado será a “desordem e irreverência” e “Deus será desonrado” (WHITE, 2004, p. 497).

De acordo com a categorização do que é adoração e o devido resultado na vida do ser humano, faz-se importante a conceituação quanto ao caráter da música, na qual o caráter divino é expresso e maneira eficaz para interagir para a mente humana.

4.1 Música em Ellen G. White

Antes de desenvolver-se a temática nos escritos de Ellen White, deve-se salientar a compreensão da escritora quanto ao ser de Deus, uma vez que através desta construção, a autora aponta que a maneira como nos portamos perante Deus evidencia nossa compreensão da “sua infinita grandeza e consciência de Sua presença” (2007, p. 255). Clarifica-se ao interlocutor a maneira como deve-se portar perante Deus ao adorá-lo; ademais, o conceito de adoração apontado acima possui íntima relação com a música, pois White conceitua que o “ato de cantar é tanto uma adoração a Deus como o ato de pregar” (WHITE, p. 333). Portanto, pode-se propor de forma coesa, perante os argumentos, que para apresentar uma música, deve-se ter em mente que esta possui íntima relação com a maneira como se comprehende a Deus.

Deve-se concordar, também, que a maneira correta de o adorar é a mais próxima aos cânticos de louvores entoados no céu. Referindo-se a uma maneira correta de adoração, a escritora sugere que para adorar a Deus por meio da música, o adorador possui o dever de treinar sua voz, como também é apontado que o cantor tem a responsabilidade de compreender a enormidade da mensagem que será apresentada, antes mesmo de cantar (WHITE, 1997, p. 594). Além disso, a autora proporciona instruções referentes a música utilizado na adoração a Deus. De acordo com Ellen White, a música quando mal-empregada não eleva a mente humana a uma atmosfera pura e santam. Outrossim, a autora sugere que a liturgia deve ser bela e deve conter “poder e ternura para comover” os corações que estão em adoração a Deus (WHITE, 1997, p.

399).

O Grande Conflito entre Deus e Satanás pressupõe uma batalha pela mente humana. Ao retornar a história do início do planeta Terra, é lançada luz na percepção da disputa pela adoração, em especial pela devoção da mente ao ser escolhido. Ellen G. White (2002, p. 31) assinala que

Os anjos associaram-se a Adão e Eva em santos acordes de harmoniosa música [...] Satanás ouviu o som de suas melodias de adoração ao Pai e ao Filho. E quando Satanás o ouviu, sua inveja, ódio e malignidade aumentaram, e ele expressou a seus seguidores a sua ansiedade por incitá-los a desobedecer, atraindo assim sobre eles a ira de Deus e mudando os seus cânticos de louvor em ódio e maldição ao seu Criador.

Segundo Ellen White, a música é um ato de adoração e reconhecimento ao ser adorado, este pode ser usado para enaltecer a Deus ou a Satanás, levando a ferramenta a ser um meio de aversão e oposição ao caráter divino. Esta declaração evidencia o desejo de Satanás de incitar a humanidade a desobediência ao Criador. Em referência à ação de Satanás levar o ser humano a perversão, faz-se necessário explorarmos as maneiras pelas quais ele incita a mente humana por meio da música.

4.2 Impacto na mente em EGW

Como explorado acima, a adoração possui por prerrogativa o conhecimento sobre Deus e a música é um dos meios pelos quais pode-se adorá-Lo. Entretanto, esta ferramenta é também utilizada por Satanás para contrapor a verdadeira adoração a Deus e influenciar a volição humana. Ellen G. White (2014, p. 24) assinala que “Satanás está alerta, a fim de poder encontrar a mente num momento de desatenção e, então, tomar posse dela. Não precisamos ficar ignorantes de suas estratégias, tampouco ser por elas vencidos.”

A escritora aponta que a mente do ser humano é foco dos ataques de Satanás, pois é neste local que se origina as decisões. Por meio deste saber, a autora compactua com a ideia que a mente é vulnerável, não possuindo total autocontrole perante os ardis de Satanás. Embora a mente possua sua devida vulnerabilidade, ainda assim, as artimanhas de Satanás podem ser conhecidas pelos que são tentados, sendo possível neutralizar estas ações.

Discorrendo sobre os impactos da música na mente humana, a autora reserva parte de suas construções no diz respeito aos benefícios da música para o indivíduo que se utiliza deste recurso para adorar a Deus. Ao apresentar este argumento, a escritora reforça em seus inscritos o poder que a música possui para banir a tentação que advém ao ser humano. Ellen White (1997, p. 498) assinala que Cristo

Ao ter mais idade, ainda era tentado, mas os cânticos que Sua mãe Lhe ensinava vinham-Lhe à mente, e Ele erguia a voz em louvor. E antes de os companhei-

ros se aperceberem, estavam cantando com Ele. Deus quer que nos sirvamos de todos os recursos que o Céu tem providenciado para resistir ao inimigo.

Diante disso, nota-se que a música para Cristo era uma ferramenta poderosa contra as tentações do inimigo de Deus. A vitória de Cristo foi proporcionada pela sua memória musical, ao trazer à lembrança conceitos outrora ensinados por sua mãe na infância. Atribui-se à música o poder de influenciar a volição no que tange à infidelidade, ou, a obediência aos mandamentos de Deus. Não só o Filho de Deus é descrito no contexto de adoração supracitado, mas também aqueles que ouviram a canção inevitavelmente foram levados a tomar uma decisão.

Portanto, a música possui o poder de influenciar imperceptivelmente a outros ao redor e enfraquecer o poder das tentações. Como pode-se observar, a música detém o predicativo referente a lembrança quanto a conceitos anteriormente apresentados pela Palavra de Deus. Assim, a forma pela qual se usa a música deve estar de acordo com a Palavra inspirada, tornando possível recobrar os princípios bíblicos quando necessário (WHITE, 1997, p. 39).

Além de trazer à lume tais preceitos, a música viabiliza a memória para tomar a devida posição ao lado de Deus e influenciar outros a manterem-se firmes. Esta, quando bem utilizada, é um mecanismo divino para “erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar” (WHITE, 1997, p. 167). Sendo assim, Ellen G. White (WHITE, 1997, p. 168) salienta que a música possui

poder para subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de ação e banir a tristeza e os maus pressentimentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço.

Decorrente desta compreensão, a música em associação com a mente humana pode transformar os seres que assim permitem sua ação, concedendo espaço ao Espírito Santo para enobrecer, inspirar e elevar o caráter. Como assinalado pela autora, o mal uso da música pode levar a distração da mente quanto ao dever e as coisas celestes, pois, perde-se de vista a centralidade de Deus no momento em que a música torna-se um ídolo e um meio para autopromoção. Neste sentido, Ellen White identificou este tipo de uso da música como apenas entretenimento, perdendo o poder concedido para o bem, proporcionando a Satanás a titularidade no que tange ao poder sobre a mente humana e sua volição (WHITE, 1997, p. 594).

Recordando o cenário em Dura, nota-se que os três jovens judeus não deixaram suas vontades serem influenciadas pela música tocada. Em um texto relacionado ao assunto, Ellen G. White faz referências análogas a esta ocorrência (apesar de não se referir diretamente a ela), associando a um contexto musical, no qual jovens tiveram uma atitude paradoxal aos três judeus. A autora comenta

Sinto-me alarmada ao testemunhar por toda a parte a frivolidade de jovens, rapazes e moças, que professam crer na verdade. Parece que Deus não está

em suas cogitações. Têm a mente cheia de tolices. Sua conversa não passa de um falar vazio, frívolo. Têm ouvido aguçado para a música, e Satanás sabe que órgãos estimular para animar, cativar e encantar a mente, de modo que Cristo não seja desejado. Falta o anseio espiritual do coração, em busca de conhecimento divino e de crescimento na graça. (WHITE, 2000, p. 496)

Para com os jovens em questão, as descrições declaradas evidencia que Satanás utilizou de estímulos musicais para encantar a mente, excluindo Deus de cena e propondo os desejos intrínsecos da carne. O resultado foi a cegueira espiritual, pois não percebiam como a música persuade o modo de portar-se e agir. Ao comparar os dois grupos de jovens, percebe-se que ambos professavam crer na verdade, porém, o último grupo citado deixou ser influenciado pelo falso modo de adoração, atrofiando o crescimento na graça e no conhecimento Divino.

O contexto acima expõe um paralelo entre os dias de Ellen White e o cenário idolatra em Dura. Em vista disso, pode-se perceber o desdobrar deste arquétipo em um movimento originado em 1900, denominado Carne Santa, que alegavam ter o mesmo estado de inocência física de Adão antes da queda. Por consequinte, fomentava-se alto grau de excitação por meio do uso de instrumentos musicais, como “órgãos, flautas, violinos, tamboris, buzinas, e mesmo um grande tambor baixo”. Os participantes buscavam serem bem notados pelas demonstrações físicas, oravam e cantavam até que o êxtase mental levasse as pessoas a caírem. Ao acordarem, estes eram reconhecidos como quem havia “passado pela experiência do Getsêmani, haviam obtido carne santa, e tinham fé para transladação.” (WHITE, 1986, p. 31)

Em análise ao momento de êxtase espiritual, Ellen White salienta que Satanás estava arregimentando suas forças e que a excitação não contribuía em acréscimo algum ao crescimento na graça, à genuína pureza e santificação do espírito. Acerca da atuação do Espírito Santo neste contexto, a autora aponta

O Espírito Santo nunca Se revela por tais métodos, em tal confusão e ruído. Isso é uma invenção de Satanás para encobrir seus engenhosos métodos para anular o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo. (WHITE, 1986, p. 36)

O agir apresentado pelo movimento da carne santa em Indiana, foi uma artimanha de Satanás para ludibriar a mente das pessoas presentes no local, fazendo-os pensar que adquiriram o operar do Espírito Santo e, consequentemente, a extirpação do pecado. Entretanto, a música, dentre outros elementos, ocasionou uma desvirtuada visão de reavivamento e ação de Deus. Ellen G. White (1986, p. 38) faz uma comparação deste ocorrido com o tempo do fim. A autora declara

Essas coisas que aconteceram no passado hão de ocorrer no futuro. Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida. Deus convida Seu povo, que tem a luz diante de si na Palavra e nos Testemunhos, a ler e considerar, e dar ouvidos. Instruções claras e definidas têm sido dadas a fim de todos entenderem.

Em resumo, é perceptível a função da música no Grande Conflito, que tem poder para interferir na volição humana, e consequentemente aproximando do ser de Deus, ou do pecado. Neste sentido, pode a música influenciar a nossa compreensão quanto ao Divino.

5. MÚSICA E COGNITIVO

A prática litúrgica vivenciada por Ananias, Azarias e Misael, os únicos que não permitiram que a música os influenciasse, possui suas bases enraizadas na cultura dos povos primitivos, que possuem por ênfase o êxtase acentuado em seus rituais espiritualistas. Para os cultos realizados por estes povos, a maneira pela qual havia os estímulos ao êxtase eram direcionadas por “técnicas artificiais e estímulos sensóriais” que com frequência eram acompanhados pelo “som do tambor”, sendo este “um dos principais elementos do transe provocado” (SILVA, 2014, p. 64).

O transe provocado pelos estímulos nos cultos primitivos elevavam as mentes ao êxtase. Esta enfase tinha por mecanismo a múscia como meio de alcance ao inalcançável. A procura pelos estímulos sensoriais detinha por objetivo final a “unidade com o sobrenatural” (SILVA, 2014, p. 67). Os métodos apresentados notificam a procura por desvincular do mundo material, uma vez que este não possibilita a relação com mundo divino. Deve-se analisar que os deuses aos quais entoadas tais músicas e realizados tais rituais não se relacionam com os seres aqui presentes, para isto, mecanismos externos devem ser empregados para alcançar este tão desejado fim. Dentro da estrutura vislumbrada por meio da cultura primitiva, não há equívocos uma vez que há “descontinuidade fundamental entre o Criador e a criação”, anunciando “duas esferas de realidade distintas” (STEFANI, 2002, p. 158). A “descontinuidade” também possui fundamentação na cultura helenística, que fundamenta a divindade como ausente do fluxo temporal da humanidade (CANALE, 2009).

De acordo com Stefani (2002, p.158, 138), os métodos apresentados pelos povos primitivos assinalam uma maneira de conceber a divindade de forma totalmente sensorial e imanente, promovendo sessões onde as emoções devem suplantar a razão, fator que de acordo com os escritos bíblicos possui proeminência ao adorar a Deus. Como foi elucidado a cima, para alcançar a divindade que não se manifesta, eles deveriam promover técnicas específicas para tanto. As maneiras comumente utilizadas eram por meio de ritmo acentuado e repetitivo que era produzido por som do tambor e pelos “intermináveis” cânticos (SPARTA, 1970, p. 57). Ao categorizar o assunto em questão, o etnomusicólogo Rouget (1986, p. 73, 78, 86, 170) salienta que os ritmos acelerados e crescentes que são reproduzidos pelos instrumentos, inclusive a voz, são responsáveis pelo êxtase ou transe mental. Entretanto, salienta que para que estes elementos sejam eficazes, precisa haver um deliberada participação do adorado para que o êxtase atinja seu objetivo.

A música em que era reproduzida pelos povos primitivos e pelos musicos presentes na cerimônia de Dura, alcançaram os mesmos resultados na mente dos que assim se suborninaram a ela. Denota-se que para que o transe ocorra, um processo cerebral necessita ocorrer de maneira eficaz. De acordo com Pothin (2020), o som é um estímulo que é reconhecido no cortex

central. Após a sua assimilação, este é encaminhado para o córtex pré-frontal (responsável pela razão e julgamento), para o córtex direito (responsável pela melodia e emoções, onde opera o sistema límbico) e pelo córtex esquerdo (responsável pelo ritmo).

Tendo por base a liturgia praticada por pelos cultos primitivos e pelos músicos de Nabucodonosor, pode-se categorizar que, a altura indeterminada do som reproduzido, foi reconhecido como um ruído nas mentes dos adoradores, uma vez que este som não era um som harmonioso, melódico e rítmico (POTHIN, 2020), respeitando a natureza do ser humano. Ao ser emitido um som disonante a mente inibe o córtex pré-frontal, ascendendo as emoções e euforia (NEDLEY, 2018, p. 424), que são controladas pelo hipotálamo, presente no sistema límbico. Notável são as consequências, pois o cérebro do adorador é levado a efeitos semelhantes quando há o consumo de drogas psicoativas, levando ao vício (POTHIN, 2020).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou avançar a reflexão sobre a música, adoração e a influência destes sobre a volição humana, tendo por objeto de estudo Daniel 3:4-7. Tendo por base as posições aqui apresentadas, pode-se observar que a adoração é um ato racional de submissão a Deus. Por isso, para que haja sumissão a divindade é necessário haver reconhecimento de quem este Deus é, dando por resposta a este ser a obediência aos seus mandamentos, uma vez que são estes o fundamento da adoração. Por se tratar de um ato da consciência, as decorrentes manifestações, de maneira impressindível, são inseparáveis da compreensão do ente divino. Assim, equívoco teológicos estão relacionados à forma de adorar a divindade, apresentando elementos desordenados ou irreverentes para com Deus.

Como foi apresentado no atual estudo, então, a música, como forma de adoração a Deus, é o meio pelo qual a mente do ser humana é influenciada e sua volição vinculada aos desejos divinos. Entretanto, como assinalado pela perícope selecinada, a adoração também possui íntima relação com o tema do Grande Conflito. Neste contexto, a luta entre Deus e Satanás ocorre, além de níveis cósmicos, na mente humana. Para que isto ocorra, Satanás busca por meio da música influenciar a mente das pessoas, levando-as a agir com base na emoção e obliterando o senso racional correspondente ao julgamento entre o certo do errado.

Neste estudo, torna-se notável a manipulação da mente com respeito a volição ao observar a cerimônia idolatra em Dura. De acordo com os estudos supracitados, a música tocada no momento da ordem para adorar a estátua construída por Nabudonosor possuía a mesma intenção dos cultos místicos primitivos, onde o êxtase era o meio para alcançar as divindades. Entretanto, este método tinha a função de estimular as emoções e obliterar a razão humana. Em harmonia com os escritos de Ellen G. White, essa narrativa aponta que o grande conflito não está circunscrito ao tempo dos três jovens judeus, uma vez que esta batalha espiritual ainda não terminou. De acordo com a escritora americana, Satanás ainda promove as mesmas ações por

meio da música para influenciar a tomada de decisão ao servir ou repudiar aos mandamentos de Deus.

O estudo apresentado, sugere a compreensão referente a temática da adoração, sendo esta o centro do Grande Conflito entre Deus e Satanás. Nesta guerra cósmico, ao adorar a Deus o ser humano manifesta sua decisão embasada no entendimento de quem Deus é ao se utilizar da música. Entretanto, Satanás deseja enganar e manipular a mente do sere humano por meio deste instrumento, o qual impede que o indivíduo entendenda o ser de Deus e seu agir na vida do adorador.

Dentre os pontos discritos neste estudo, faz-se necessário desenvolver futuras elaborações concernentes a Daniel 3:4-7 e Apocalipse 13 em relação a adoração e respectivos métodos de influência descritos em ambos os contextos bíblicos. A futura proposta de estudo cumpri em abracer a relação da estrutura entre os dois capítulos e sua relevância para o iminente período em que se antecede o retorno de Cristo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Robert A. Signs and wonders: a commentary on the book of Daniel. 1. ed. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1983.

CANALE, Fernando. Principles of Worship and Liturgy. Faculty Publications, Berrien Springs, MI, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/36JeyQs>. Acesso em: 23 mar. 2022.

CANALE, Fernando. Doutrina de Deus. In: DEDEREN, Raoul Tratado de teologia: Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 120-179.

DARINO, Miguel A. La adoración: Primeira Prioridad = Worship. El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 2003.

DICKSON, Sampson M. N. E. T. U. Contemporary Worship Music and Its Implications for Adventist Music Ministry in Africa. In: _____ Music and Worship in Africa: Adventist Dialogue from Biblical, Historical, and Cultural Perspectives. 1. ed. Berrien Springs: Department of World Mission, Andrews University, 2014.

DOUKHAN, Jacques B. Segredos de Daniel: sabedoria e sonhos de um príncipe no exílio. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

ELLEN G. WHITE E A FISIOLOGIA HUMANA: MÚSICA E ADORAÇÃO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (47:43 min). Publicado pelo canal Centro White. Disponível em: <https://bit.ly/3NfRSbl>. Acesso em: 23 mar. 2022.

GRILLO, Jennie. Worship and Idolatry in the Book of Daniel through the Lens of Tertullian's De idola-latria. In: BROWN, Ken; MACDONALD, Nathan Monotheislll in Late Prophetic and Early Apocalyptic Literature. Tubinga, Alemanha: [s.n.], v. 3, 2014.

GYAN, Evans A. Biblical Perspective of Music and Worship: Implications for the Seventh-Day Adventist Church, Kenya, July 2018.

M NWAOMAH, Sampson ; OSEI-BONSU , Robert; O. ONONGHA, Kelvin (Eds.). Music and Worship in Africa: Adventist Dialogue from Biblical, Historical, and Cultural Andrews University. 1. ed. Berrien Springs: Department of World Mission, 2014. 56-67 p.

MARFO, Elisha. B. D. Service of Worship in Daniel: A Theological Discourse Disponível. Journal of Religious Studies 8, Oyibi Accra, v. 8, p. 1-15, 1 January 2012. Disponível em: <https://bit.ly/35RJspK>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MOSKALA, Jiri. Worship in the Book of Daniel. Encountering God in Life and Mission, Berrien Springs, January 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3sEVT0t>. Acesso em: 2022 mar. 03.

MOURA, Ozeas C. Temas de Adoração nos livros poéticos. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: unaspres, v. 3, 2015. 31-35 p.

MURADAS, Atilano. Decolando nas asas do louvor. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

NEDLEY, Neil. A Arte de pensar: assuma o controle da sua vida. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2018.

NICHOL, Francis D. I Crônicas a Cântico dos Cânticos. In: SILVA, Vanderlei D. D. Comentário Bíblico adventista do Sétimo Dia. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, v. 3, 2012. p. 168 e 169.

ROUGET, Gilbert. Music e Trance: A Theory of Relations between Music and Possession. Chicago: [S.n.], 1986.

SHEA, William H. Daniel 3: Extra-Biblical Texts and the Convocation on the Plain of Dura, Spring, 1 jan. 1982. 29-52. Disponível em: <https://bit.ly/3JkDR9t>. Acesso em: 07 abr. 2022.

SHEA, William H. Daniel 1-7: prophecy as history. 1. ed. Oshawa: Pacific Press Publishing Company, 1996.

SILVA, Vanderlei D. D. Cristãos em busca do êxtase: adoração e espiritualidade no cenário atual. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

SPARTA, Francisco. A Dança dos Orixás: as relíquias brasileiras da Afro-Ásia Pré-Bíblia. São Paulo: Harder, 1970.

STEFANI, Wolfgang H. M. Música Sacra, Cultura e Adoração. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2002.

STEFANOVIC, Ranko. The Battle of Armageddon. John Paulin's Blog, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3MfAMt8>. Acesso em: 19 abr. 2022.

STEFANOVIC, Zdravko. Daniel: wisdom to the wise: commentary on the book of Daniel. 1. ed. Nampa, USA: Pacific Press Publishing Association, 2007. 124, 125, 128 p.

STRONG, Augustus H. Teologia sistemática. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, v. 1, 2002.

STRONG, James. Nueva Concordancia Strong Exhaustiva: Concordancia Exhaustiva de la Bíblia. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil , 2002.

TANNER, J. P. Commentary on the Book of Daniel: A Study of a Man of Integrity and Man of Prophetic Insight. [S.l.]: Bee World, 2008. 42 p.

TAVARES, Levi D. P. Adoração: o presente do homem para Deus. Laranja da Terra: Luz do Mundo, 2021.

WHITE, Ellen G. Mensagens Escolhidas. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, v. 2, 1986.

WHITE, Ellen G. Educação: um modelo de ensino integral. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, Ellen G. Evangelismo. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, Ellen G. Patriarcas e Profetas. 15. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, Ellen G. Testemunhos para a igreja. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, v. 1, 2000.

WHITE, Ellen G. O Grande Conflito. 36. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. Testemunhos para a igreja. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, v. 5, 2004.

WHITE, Ellen G. Conselhos aos professores, pais e estudantes. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. Conselhos para a Igreja: Um guia prático para o povo de Deus. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. Mente, caráter e personalidade. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, v. 1, 2014.

ESTUDO SOBRE A INTERPRETAÇÃO DE DANIEL 8:14: UM PANORAMA HISTÓRICO-TEOLÓGICO¹

Marcelo Pfeiffer²

Resumo: Desde o primeiro século da igreja cristã primitiva, estudiosos cristãos têm dado atenção ao capítulo 8 de Daniel. Na teologia adventista, é de especial interesse a interpretação do verso 14, em particular o conceito do santuário celestial e o papel de Deus em purificá-lo no cumprimento das 2.300 tardes e manhãs. O objetivo dessa pesquisa é sistematizar cronologicamente os autores cristãos que contribuíram no estudo desta profecia desde a Idade Média até 1844. Esse artigo utiliza o método histórico-bibliográfico como ferramenta de pesquisa. A análise histórica foi realizada em grande medida tendo por base os escritos de Leroy E. Froom (1946, 1948, 1950, 1954) que tratam da história da igreja cristã e as profecias bíblicas. Os escritos de Canale (2005, 2011a, 2011b, 2019) são usados para compreender as pressuposições teológicas primordiais que se relacionam com a temporalidade divina e influenciaram a interpretação profética na tradição eclesiástica. A pesquisa conclui que até meados do século 12 não foi possível interpretar Daniel 8:14 como uma profecia que se cumpre no fluxo temporal devido a visão de Deus como ser atemporal, destituído de corpo, habitação física e sem interação com suas criaturas. A partir de então, iniciou-se o processo de ruptura com a doutrina de Deus como ensinada pela filosofia grega, e, gradualmente, passaram a ser resgatados os princípios bíblicos de interpretação profética; no ano de 1844, foi possível, através de pressupostos ontológicos e epistemológicos modificados, chegar-se à uma compreensão histórica e teológica ímpar da maior profecia de tempo na Bíblia.

Palavras-chave: Daniel 8:14; interpretação profética; o ser de Deus; santuário.

1 O objetivo do presente artigo é unir a Teologia Histórica com a Teologia Sistemática. Isto é, ao fazer a revisão histórica do tema, analisá-lo da perspectiva da Teologia Sistemática. Nesta análise, devo muito ao Dr. Fernando Canale e sua ênfase na centralidade da Doutrina de Deus, como proposta em sua tese doutoral *Toward a Criticism of Theological Reason: Time and Timelessness as Primordial Presuppositions*.

2 Bacharelando em Teologia (FAT – UNASP). Centro Universitário Adventista de São Paulo. Centro de Pesquisas Ellen G. White. marcelo.pfeiffer@ucb.org.br.

1. INTRODUÇÃO

Daniel 8:14 tem sido tema de estudo pelos cristãos desde o início do cristianismo. Muitos pesquisadores têm-se debruçado neste texto, de variadas formas, metodologias e com diferentes cosmovisões e macro hermenêuticas. Sabe-se que no campo da interpretação profética, desde o período pós-apostólico, existem distintas escolas de interpretação. A partir do momento em que o cristianismo se dividiu nas escolas de interpretação de Alexandria, que adotava o método alegórico, e de Antioquia, que adotava o método histórico-gramatical, na era patrística, desenvolveram-se distintas abordagens, ora alegóricas, ora literais, ora simbólicas, ora históricas. Assim sintetizou Timm (2013, p. 55):

A igreja cristã primitiva foi construída sobre o princípio hermenêutico da Bíblia como sua própria intérprete. Pouco depois do período apostólico, porém, a igreja começou a se desviar desse princípio ao aceitar certas alternativas hermenêuticas que não eram bíblicas. As Escrituras passaram a ser interpretadas em muitos círculos cristãos a partir de perspectivas extraídas de culturas pagãs circundantes, tradições culturais, autoridade eclesiástica, razão humana e até mesmo experiência pessoal. Sérios conflitos e tensões surgiram entre aqueles que defendiam essa hermenêutica alternativa e aqueles que buscavam reorientar a igreja de volta ao seu princípio hermenêutico original.

É intento de o presente artigo avaliar os aspectos teológicos que influenciaram as interpretações abordadas no texto de Daniel 8:14. Será usada a teologia sistemática para embasar a hermenêutica do texto ao longo da história, isto é, os fatores determinantes das variações exegéticas dos autores destacados. Ver-se-á que a doutrina de Deus, ou seja, a forma pela qual se entende o ser de Deus e sua natureza, ao longo dos séculos, afetou grandemente a maneira de se abordar o texto de Daniel 8:14.³

Ademais, é objetivo do presente estudo sintetizar, sistematizar e relacionar os intérpretes do texto de Daniel 8:14 durante a história eclesiástica e suas interpretações subjacentes. Partindo da Idade Média, o presente estudo chega até 1844.

2. CATOLICISMO E PROTESTANTISMO

Percebeu-se que logo após a morte dos apóstolos, o método alegórico⁴ de interpretação inter-

³ “A realidade temporal histórica do Santuário celestial desempenhou um papel hermenêutico decisivo na compreensão de Daniel 8:14” (CANALE, 2005, p. 139). Como veremos quando chegarmos em 1844.

⁴ “Muitos intérpretes cristãos encontraram no *método alegórico alexandrino* escopo suficiente para sua acomodação consignada das Escrituras na cultura popular. A aceitação dessa nova metodologia hermenêutica começou a erodir as principais doutrinas bíblicas cristãs, como a observância do sétimo dia, o sacrifício sacerdotal de Cristo na cruz e o *ministério sacerdotal no santuário celestial*; a segunda vinda de Cristo pessoal, visível e pré-milenista, a imortalidade condicional da alma e a aniquilação final dos ímpios” (TIMM, 2013, p. 58, grifo meu).

feriu na capacidade de compreender os períodos proféticos e como estes se cumprem no tempo e no espaço da história humana. Junto a isto, a filosofia passou a ser a “serva da teologia” – influenciando tremendoamente a teologia cristã (PECKHAM, 2020). Começando com Clemente de Alexandria (c. 150-215 d.C.) e Orígenes (c. 185-254 d.C.), o alegorismo passou a fazer parte da exegese bíblica em muitos círculos cristãos (TEIXEIRA, 2019). Portanto:

Esse tipo de uso do texto bíblico por parte dos intérpretes alexandrinos representou, na prática, uma ruptura radical em relação à forma até aquele momento usada na hermenêutica das Escrituras. O meio usado, até então, no âmbito cristão combinava o cuidado contextual e histórico do texto (TEIXEIRA, 2019, p. 71).

A consequência desta ruptura foi catastrófica. Em síntese, segundo Fernando L. Canale, teólogo e filósofo adventista, (2011b, p. 116), escrevendo sobre o modelo clássico de interpretação bíblica, destacou que este modelo se fundamenta na visão atemporal do cosmos, herdada da filosofia parmênica, platônica e aristotélica. Além de herdada, segundo o autor, foi “preservada nos escritos de Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino e outros que posteriormente seguiram suas escolas de pensamento” (CANALE, 2011b, p. 116). Pode-se indagar: O que fez com que se introduzisse o pensamento grego e o método alegórico no Cristianismo? Seguramente, foi a influência da filosofia grega na teologia de Santo Agostinho.

2.1 Agostinho (354-430 d.C.)

Segundo Roy Graf, Agostinho extraiu “da filosofia grega as pressuposições hermenêuticas fundamentais relativas à ontologia e epistemologia e as aplica a Deus, ao conhecimento de Deus e à sua relação com a criação em geral” (GRAF, 2019, p. 143). Agostinho descreveu sua experiência:

Depois de ter lido aqueles livros dos platônicos, induzido por eles a buscar a verdade incorpórea, começaram a se tornarem patentes, por meio de tuas obras [de Deus] [...] Estava certo de tua existência e de que és infinito, sem, contudo, te estenderes por espaços finitos ou infinitos; e de que és verdadeiramente aquele que é sempre idêntico a si mesmo, sem te mudares em outro, nem sofrer alteração alguma, quer parcialmente ou com algum movimento, quer de qualquer outro modo; e de que tudo o mais vem de ti, pela única e irrefutável razão de que existe (Confissões 7.20.26, grifos meus).⁵

Como se vê, Agostinho aplicou os conceitos platônicos ao seu entendimento da pessoa de Deus. Em resumo, após a leitura dos filósofos gregos, o autor “descobriu” que Deus “é espírito, que não tem membros dotados de comprimento ou largura, nem quantidade material alguma” (Confissões 3.7.3, grifos meus). Segundo Agostinho “no Eterno nada passa, mas o todo está

⁵ Disponível em: https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf.

presente” (Confissões 11.11.13). Ou seja, segundo o teólogo, no Céu não há variação de tempo, nem passado, presente ou futuro, isto é, sucessão histórica-temporal. Não obstante, como as pressuposições ontológicas e epistemológicas do Ser de Deus influenciaram a interpretação de Daniel 8:14 e a profecia das 2.300 tardes e manhãs?

Sumariamente, afirmamos que conceber a Deus como um ser atemporal, como o fazia Agostinho (GRAF, 2019, CONFISSÕES, 1996), torna inadmissível pelo menos três fatos primordiais:

- 1) O cumprimento de uma profecia bíblica no tempo e no espaço da história humana.
- 2) A existência de um santuário no céu, como o lugar físico onde Deus habita.
- 3) A passagem de Jesus no dia 22 de outubro de 1844 do lugar santo para o santíssimo do santuário celestial.

Em resumo, para Agostinho, “Deus está isento de relação com o tempo” (GRAF, 2019, p. 143). Literalmente, em contraste com suas criaturas, Deus não experimenta tempo (GRAF, 2019). Discorrendo sobre o dualismo ontológico, e a sua subdivisão entre mundo de Deus e mundo dos homens proposta por Agostinho, Graf (2019, p. 146-147) explicou que para o autor, “Entre esses dois domínios, não há comunicação ou contato direto”.

Este modelo de interpretação de Agostinho trata-se do modelo clássico de revelação-inspiração, que segundo Canale (2011, p. 125, grifo meu) “continua sendo a base das teologias cristãs conservadoras. O modelo evangélico, por exemplo, é apenas uma modificação do modelo clássico, mantendo seus contornos essenciais”.⁶ Pois como afirma González (2011, p. 215) “durante toda a Idade Média, nenhum teólogo foi mais citado do que ele [...] Agostinho foi também o autor favorito dos grandes reformadores do século XVI.” Essa é a relevância de tratar destes conceitos no presente artigo.

2.2 Tomás de Aquino (c. 1225-1274)

Ao chegar-se na Idade Média, outro importante teólogo adotou as mesmas pressuposições ontológicas e epistemológicas. Conforme Roy Graf (2019, p. 150 apud González, 2010, p. 546), Aquino foi provavelmente o teólogo cristão mais influente na Idade Média. Segundo Aquino, Deus é a “primeira causa eficiente, que está fora do “mundo dos sentidos” (Suma teológica I q.2 a.3 resp. Grifo meu).

Sua leitura bíblica partia do pressuposto de que “todas as coisas móveis e suscetíveis de defeitos se reduzem a algum primeiro princípio imóvel e auto necessário” (Suma teológica I q.2 a.3 ad 2, grifos meus). Aplicando a Via Negativa, Aquino entendia que “podemos mostrar como Deus não é removendo o que lhe não convém, p. ex: a composição, o movimento, e atributos

⁶ Por exemplo, ver Berkhof (1941).

semelhantes” (SUMA TEOLÓGICA⁷). Para Aquino, Deus “não é composto de matéria e forma” (Suma teológica I q.3 a.2 resp.). Em sua mente, “à ideia de eternidade segue-se imutabilidade⁸, como à ideia de tempo segue-se o movimento” (Suma teológica I q.10 a.2 resp.; cf. Suma teológica I q.10 a.1 resp.).⁹

De modo geral, a influência de Aquino sobre as igrejas católicas e protestantes é inexprimível¹⁰, pois sua ontologia e epistemologia tem danificado a visão dos cristãos em suas interpretações das profecias de tempo¹¹ (GRAF, 2019, p. 155). No que diz respeito a reforma protestante, é de grande valia sumarizar o pensamento do maior sistematizador da teologia protestante¹².

2.3 João Calvino (1509-1564)

Basicamente, Calvino considerava a Deus como um Ser que não possui corpo, aspecto corpóreo, nem mesmo teria Ele um lugar físico de habitação; sem experimentar tempo real (CALVIN, 1989, v. 2, p. 187; CALVIN. 1989, v. 1, p. 110)¹³. Ele escreveu:

Para o seu conhecimento [de Deus] não há passado ou futuro, mas todas as coisas estão presentes, e de fato tão presentes que não é meramente a ideia delas que está diante dele (como aqueles objetos que retemos em nossa memória), mas que Ele verdadeiramente os vê e contempla como estando sob sua verificação imediata (CALVIN, 1989, v. 2, p. 206).¹⁴

7 Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gi-ca.pdf>.

8 “Tempo e eternidade não são a mesma coisa” (Suma teológica I q.10 a.4).

9 “A eternidade é a medida de um ser permanente, enquanto o tempo é a medida do movimento” (Suma teológica I q.10 a.4 resp.).

10 Ver González (2011).

11 “Como Deus, embora incorpóreo, é nomeado nas Escrituras metaforicamente por nomes corpóreos, assim a eternidade, embora simultaneamente inteira, é chamado por nomes que implicam tempo e sucessão” (Suma teológica I q.10 a.1 ad 4, grifos nossos).

12 Como afirma González (2011, p. 64).

13 Ibid., 1.13.1; 1.11.2.

14 “In eternity there can be no room for first or last.” Calvin Institutes 1.13.18. Ou seja, eternidade é o domínio de Deus, que é equivalente a atemporalidade.

Em outras palavras, Deus não é um ser histórico-temporal. Na vida de Deus, não há alguma espécie de sucessão de tempo, nem no Céu. Os textos bíblicos apenas utilizam linguagem acomodativa, empregando-se metáforas e não linguagem literal, conforme Calvino. No que tange a Daniel 8:14 e o santuário celestial a ser purificado, é relevante observar que para Calvino “o Céu não é um lugar físico real, mas uma maneira de conceber sua inefável glória” (CALVIN, 1989, v. 2, p. 187). Sendo assim, se torna impossível projetar o dia 22 de outubro de 1844 e suas nuances subjacentes ao cumprimento da profecia bíblica.

Em suma, Calvino manteve as pressuposições ontológicas e epistemológicas de Agostinho¹⁵ e Aquino, aplicando-as a Deus e a sua relação com os seres humanos no mundo¹⁶. Pois como pontuou González (2010, p. 348) “os reformadores protestantes do século 16 acreditaram ver no santo de Hipona um defensor de suas doutrinas.” Minha tese é de que esta cosmovisão extrabíblica atrapalhou significativamente a interpretação de Daniel 8:14 e as profecias de tempo apocalípticas.

Não obstante, Deus, segundo Fernando Canale (2019, p. 203) é considerado como um ser histórico pelas Escrituras, compatível com o tempo e o espaço de suas criaturas; não um Deus atemporal. Para o teólogo adventista, Deus tem a “capacidade de experimentar a sucessão temporal de passado, presente e futuro” (CANALE, 2019, p. 204). Ademais, para os primeiros adventistas, como veremos adiante, isto era incabível, pois para eles, Deus tem sim um corpo, matéria, forma, e habita em um lugar real e físico, chamado de santuário celestial (ZUKOWSKI, 2017, p. 228-229). No tocante a Daniel 8:14 como a maior profecia de tempo da Bíblia, Canale (2011b, p. 221) reiterou: “A Bíblia apresenta um Deus se movendo dentro do fluxo da história.”¹⁷

Com isto em mente, será objetivo de o presente estudo analisar Daniel 8:14 na história, como entendido pelos personagens cristãos ao longo dos séculos; as contribuições de cada autor em sua devida época e seus avanços teológicos até 1844.

3. IDADE MÉDIA

A partir de agora, far-se-á um sumário histórico dos intérpretes que construíram a linha de raciocínio do sistema profético de interpretação de Daniel 8:14, desde a Idade Média, até 1844. Ver-se-á que a maneira pela qual ocorreram os avanços foi gradual e progressiva. Sendo assim, enumerar-se-á cada autor e sua respectiva contribuição a interpretação do texto; perceber-se-á

15 “A fonte patrística mais influente para a teologia reformada sem dúvida foi Agostinho” (GEORGE, 1994, p. 50). “Tanto Zuínglio quanto Calvino estavam imersos nos *clássicos*, ambos devotos do reavivamento humanista do saber, antes de se tornarem reformadores” (*ibid.*,).

16 Para Calvino, não há mudança em Sua essência. *Ibid.*, 1.13.8; 1.11.2. Calvino concluiu que a essência de Deus é incognoscível ao mesmo tempo em que isto afirma sua atemporalidade ou natureza eterna.

17 “O Deus da Bíblia revela a si mesmo bem como seus conceitos cognitivos mediante um processo histórico” (CANALE, 2011b, p. 227).

a importância dos autores selecionados e como construíram seus estudos.

3.1 Ticônio (370-390)

Ticônio foi um escritor¹⁸ donatista africano cuja concepção de “Cidade de Deus” influenciou Agostinho de Hipona. Ele escreveu duas obras principais: the Book of Rules¹⁹ e o Commentary on the Apocalypse²⁰, que influenciaram tremendamente a doutrina de Agostinho sobre o milênio cristão. Ele abordava o Apocalipse de uma maneira não histórica, aplicando apenas para a igreja ou para Cristo os cumprimentos; seus escritos foram a fonte primária para as interpretações proféticas alegóricas/abstratas durante a Idade Média²¹ (TICHONIUS, 1894; FROOM, 1950).

Durante cerca dos 700 anos seguintes (de 400 a 1100 d.C.), a maioria dos intérpretes utilizou-se do método alegórico²², deixando de lado a relevância histórica das profecias, incluindo-se Daniel 8:14.

3.2 Joaquim de Fiore²³ (1135-1202)

Nascido em Cosenza, Itália, Joaquim tornou-se abade do mosteiro cisterciense em Corace, de 1178 a 1188, fundou sua própria ordem com a aprovação do papa e morreu em seu próprio mosteiro, San Giovanni di Fiore, em 1202 (FROOM, 1950). No que se refere ao seu método hermenêutico, Joaquim de Fiore foi responsável por resgatar o princípio bíblico dia ano, emoldurando-o novamente na cadeia de interpretação profética pela primeira vez após cerca de 700 anos (FROOM, 1950).

18 Nas interpretações ticonianas percebe-se clara influência do método alegórico. Disponível em: <http://ia800501.us.archive.org/5/items/bookofrulesofty00tico/bookofrulesofty00tico.pdf>.

19 O Livro das Regras teve um destino melhor do que o Comentário sobre o Apocalipse.

20 O Comentário de Tyconius sobre o Apocalipse acredita-se estar perdido.

21 A ideia é que a partir do tempo de Jerônimo (séc. 5) muitos intérpretes abandonaram o método historicista.

22 “Exegese espiritual”.

23 Deve-se destacar que a volta ao sistema histórico começou com Anselmo de Havelberg (1158). Anselmo interpretou que o mundo estava cada vez mais próximo de seu fim (juízo de Deus), contrariando a visão de Ticônio-Agostinho do “reino de Deus na Terra”. Ademais, ele interpretou os 7 selos do Apocalipse de maneira historicista. Ou seja, ele leu o Apocalipse como narrando a história da igreja (FROOM, 1950). Outro autor importante nesta virada foi Rupert de Deutz (séc. 12).

Segundo Froom (1950, p. 683): “Com Joaquim de Fiore chegamos à figura mais destacada entre os expositores medievais da profecia.” Froom definiu em seu volume supracitado, a contribuição de Joaquim como “Nova Interpretação”; pois destacou a contribuição e relevância de Joaquim de Fiore para o assunto da interpretação profética. Foi literalmente um marco decisivo na história da interpretação das profecias, isto é, dentro da perspectiva historicista (FROOM, 1950).²⁴

Além disso, Froom (1950, p. 685) ressaltou que Joaquim de Fiore influenciou Dante, Wycliff, Cusa, Huss e outros reformadores posteriores. Mas por que Froom denominou a contribuição de Joaquim como “um conceito completamente novo”? Deixemos o próprio autor responder: “Joaquim foi o ponto de virada que marcou o retorno da visão histórica da profecia em oposição à visão de Ticônio-Agostinho” (FROOM, 1950, p. 690, tradução minha, grifo meu). De acordo com Froom, Agostinho de Hipona e sua filosofia da história foi soberana na igreja até Joaquim (FROOM, 1950). Sobre Agostinho e suas pressuposições ontológicas, Fernando Canale (2005a, p. 49, tradução minha, grifo meu) destacou que

Ele estava convencido de que Deus não pode agir na sequência de tempo futuro-presente-passado como as Escrituras apresentam todas as atividades divinas. Em vez disso, ele seguiu a construção imaginativa de Parmênides, Platão e Aristóteles de um Deus cuja realidade é necessariamente atemporal e sem espaço [...] A noção de atemporalidade divina, ou seja, a visão de que a vida de Deus não ocorre na sequência de futuro, presente e passado não é isenta de consequências. Várias outras posições a seguem como um pacote coerente e lógico de ideias que se ligam como parasitas à ideia de Deus [...] Por exemplo, o Deus de Agostinho não pode saber diretamente o que experimentamos em nossas vidas temporais. Ele os conhece na simultaneidade de Seu intelecto perfeito, imutável, imóvel, atemporal e sem espaço.

A vista disso, na concepção de Canale, a igreja cristã adotou o pensamento de Agostinho, isto é, a visão de Deus da filosofia grega; de um Deus atemporal, ou seja, fora da história. Isto influenciou os intérpretes cristãos amplamente; A saber, a noção de que Deus não age na história, tornando inconcebível a crença da ocorrência de um cumprimento profético em uma data específica da história humana. Sobre a importância determinante da doutrina de Deus na teologia

24 Joaquim escreveu estas obras: *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti* (Book of the Harmony of the New and Old Testament), *Expositio in Apocalipsim* (Exposition of the Apocalypse), and *Psalterium Decem Cordarum* (Psaltery of Ten Strings). Para mais informações de fontes primárias de Joaquim de Fiore, consultar estas bibliografias: Joachim of Floris. *Expositio Magni Prophete Abbatis Joachim in Apocalipsim*. Venetijs: In Edibus Francis ci Bindoni ac Mahe. PaSini Scii, 1527. [Complete photostat in Advent Source Collection.] See pp. 684, 692, 694, 703-712, 873. *Liber Concordie Novi ac Veteris Testamenti*. Venetijs: Per Simonem de Luere, 1519. [Complete photostat in Advent Source Collection.] See pp. 684, 692, 694, 697, 699, 701-703, 705, 707, 712-715. *Tractatus Super Quatuor Evangelia*. Edited by Ernesto Buonaiuti. Roma: Tipografia del Senato, 1930. See pp. 686, 698, 699, 706, 711, 715, 734. As ideias descritas nesta sessão partem destas bibliografias.

cristã, Canale (2011a, p. 120, grifo do autor) salientou:

Visto que Deus Se relaciona com tudo e tudo com Ele se relaciona, a doutrina de Deus é fundamental para a teologia cristã. É ela que determina a forma como os teólogos entendem e formulam todo o corpus de crenças cristãs [...] Isso significa que as interpretações clássicas, modernas e pós-modernas da doutrina cristã de Deus foram criadas sob a influência de conceitos filosóficos humanos [...] Visto que a filosofia humana precisa se sujeitar à Bíblia, e visto que a filosofia divina já se acha disponível nas Escrituras, nossa compreensão de Deus deve estar isenta de especulações humanas. O que podemos saber sobre Deus deve ser revelado a partir das próprias Escrituras.

Portanto, é-nos perceptível que entender Deus como um ser histórico é fundamental; pois as profecias de tempo do livro de Daniel precisam ser entendidas como cumprindo-se em datas específicas na história humana em conjunção ao tempo do céu. Pensa-se que foi esta a conclusão que chegou Froom (1950, p. 691, tradução minha, grifo meu), ao explicar sobre as consequências de crer em um Deus atemporal: “Isso naturalmente leva à ideia de que é completamente irrelevante considerar o que acontecerá na história, pois, de fato, nada essencialmente novo pode acontecer, porque essa verdade – a salvação por meio de Cristo – é a última e final revelação antes do início da eternidade”. Logo, assume-se no presente estudo que o método historicista de interpretação profética foi negligenciado durante a maior parte da Idade Média, até²⁵ Joaquim de Fiore; pelo fato de a visão de Deus, tomada emprestada da filosofia grega, principalmente por parte de Agostinho, ter permanecido soberana na Igreja Católica Romana neste período.²⁶

Nesta visão macro hermenêutica, Deus é tido como atemporal; sendo assim, Ele não interage no tempo e no espaço; torna-se assim, incapaz de ver uma profecia de tempo cumprindo-se no mesmo tempo da Terra, em conjunção com o tempo do céu; pois para estes teólogos, no céu não existe tempo, ou se existe, não se passa da mesma maneira que na Terra. Estas pressuposições macro hermenêuticas afetaram toda a teologia cristã, até aos dias atuais, principalmente no que diz respeito a Daniel 8:14, como será visto adiante, e a purificação do santuário celestial.

Froom (1950, p. 692, tradução minha, grifo meu) ressaltou os impactos desta pressuposição

25 “Como pode ser visto, eventos históricos e personalidades históricas voltam a ter importância, e a história agora encontra um lugar na interpretação das figuras do Apocalipse. Este é realmente um afastamento radical da antiga tradição de Tichonius e é claramente o estabelecimento de um método histórico de interpretação” (FROOM, 1950, p. 697).

26 “A vida e o sacrifício de Cristo, não como um *mero evento histórico*, mas como uma realidade metafísica, significava para ele [Agostinho] que está *fora de qualquer continuidade histórica*. A história, e mesmo todo o processo do mundo cósmico, *perde seu significado* [...] porque a fé trata, em última instância, da salvação do indivíduo e da vida além” (FROOM, 1950, p. 691).

macro hermenêutica na compreensão das profecias de tempo da seguinte forma:

Concedidas tais premissas [pressuposições macro hermenêuticas], essa posição era praticamente intocável. Não é de admirar, portanto, que todas as considerações históricas na interpretação profética tenham se tornado quase extintas. O elemento tempo não importava mais. E esta proposição fundamental [pressuposição macro hermenêutica], que Agostinho havia estabelecido [trazido da filosofia grega para o cristianismo], não foi contestada até a vinda de Joaquim.

Em síntese, Joaquim de Fiore questionou a macro hermenêutica predominante até então, pelo fato de interpretar as profecias literalmente e historicamente. Desta maneira, pressupondo Deus como um ser histórico, que possui o poder de agir pessoalmente na história em interação mútua com os seres humanos criados.²⁷ De maneira sucinta, até a reforma protestante, isto é, em seus primeiros 14 séculos, o cristianismo passou por três fases no que diz respeito a interpretação profética, de acordo com Froom (1950, p. 896, tradução minha):

1) os ensinamentos da igreja primitiva²⁸, (2) o desvio subsequente na tradição Ticônio-Agostinho²⁹ e (3) a restauração medieval de muito do que foi perdido. E a isso foram adicionados novos avanços na interpretação profética, lançando as bases para o grande avanço para coincidir com os dias da reforma protestante, quando os holofotes do entendimento começaram a se concentrar nas Escrituras, incluindo as profecias.

Não obstante, antes da reforma protestante se espalhar com Lutero, o princípio dia ano, que foi resgatado e aplicado por Joaquim de Fiore à profecia dos 1.260 dias, foi aplicado a Daniel 8:14 e aos 2.300 dias.

3.4 Nicolau de Cusa (1401-1464)

De acordo com o registro de Froom (1948), Cusa foi um teólogo, matemático e cientista, estudou direito, grego, hebraico, filosofia, matemática, astronomia, e mais tarde, árabe. Aos vinte e três anos, Cusa tornou-se doutor em direito. Mas ele passou do direito para a teologia, que estudou em Colônia, tornando-se também doutor em teologia, demonstrando sua grande vocação acadêmica, ou seja, aos estudos. Depois de vários benefícios eclesiásticos, esteve presente como

²⁷ “ao mudar a ênfase para a revelação de Deus na história, Joaquim elevou a história a um lugar de suprema importância” (FROOM, 1950, p. 695).

²⁸ Que utilizavam o método historicista de interpretação profética, como Jesus ensinou em Mt 24:15, Mc 1:15, etc.

²⁹ Introdução das pressuposições filosóficas gregas sobre Deus, homem e mundo, sobre a história etc.

arquidiácono de Liége no Concílio de Basileia.

Deve-se reconhecer, entretanto, que antes de Cusa, um estudioso chamado Arnold de Vilanova³⁰, em 1297, foi o primeiro autor cristão a aplicar o princípio dia ano a Daniel 8:14 (FROOM, 1948). Todavia, Cusa foi responsável por sistematizar de forma mais clara e detalhada. Ele desenvolveu seu raciocínio tomando como ponto de partida o ano de 559 a.C, em que ele contava 34 jubileus com 2.300 dias; assim, ele chegou à conclusão de que a igreja seria purificada pelo fogo entre 1700 e 1750, sem marcar uma data específica para o evento (FROOM, 1948).

De modo geral, o período da Idade Média foi de pouca nitidez quanto a Daniel 8:14; isto por alguns motivos que já foram citados acima³¹. Uma mudança de paradigma ocorreu com Joaquim de Fiore, que em suas interpretações, rompeu com a tradição medieval de Ticônio-Agostinho, pois tinha como pressuposto macro hermenêutico pelo menos 3 conceitos:

- 1) O princípio dia ano.
- 2) Deus se relaciona com a história.
- 3) Cumprimento histórico das profecias apocalípticas.

Após isso, Cusa foi responsável por relacionar estes conceitos, aplicando-os a Daniel 8:14, como tratando-se de uma profecia de 2.300 anos reais, cada dia como equivalente a um ano, de acordo com Números 14:34 e Ezequiel 4:7; como foi usado no cristianismo primitivo, antes da entrada do método alegórico de interpretação. No entanto, ainda restavam mais avanços a serem feitos, e isto ocorreu ao emergir a reforma protestante.

4. REFORMA PROTESTANTE

4.1 Martinho Lutero (1483-1546)

Lutero foi o mais importante de todos os reformadores. Ele nasceu em Eisleben, uma cidade de humilde origem rústica. Após a escolaridade preliminar em Magdeburg e Eisenach, Lutero começou o estudo da lei em 1501, durante os habituais quatro anos.³² Após haver sido resgatado

30 Também chamado de Arnaldus de Bachuone. Suas obras foram: Expositio Super Apocalypsim (Upper Left); Introductio in Librum De Semine Scripturarum, Early Villanova Attempt to Apply Year-Day Principle to 2300 Days; Adjacent Pages From Villanova's Tractatus de Tempore Adventus Antichristi, Likewise Stating That the 2300 Days Are Years; Introductio in Librum [Joachim] De Semine Scripturarum, Quod Est de Prophetis Dormientibus Sive de Dormientium. Prophetis (Introduction to Joachim's Book De Semine Scripturarum).

31 Como a compreensão de Deus, a hermenêutica, influências gregas, método alegórico etc.

32 Para mais informações, ver González (2011).

o princípio dia ano através do método historicista de interpretação profética e aplicado aos 1.260 dias, chegou-se ao entendimento de que este princípio deveria também ser usado na profecia das 70 semanas de Daniel 9:24-27.

Lutero afirmou que na reforma protestante, isso já era um consenso entre os estudiosos.

Todos os professores concordam que são semanas-ano e não semanas-dias, ou seja, uma semana abrange sete anos e não sete dias. Isso também é ensinado pela experiência, pois setenta dias-semanas não abrangem nem dois anos, o que não seria um período notável para uma revelação tão maravilhosa; portanto, essas setenta semanas são 490 anos (LUTHER).³³

Lutero era um monge agostiniano e manteve as pressuposições macro hermenêuticas medievais quanto a visão de Deus, homem e mundo. Cita-se o autor devido a sua relevância histórica no movimento da reforma protestante e por este afirmar ser um consenso estabelecido na época da reforma. Não significa que Lutero tinha uma visão correta da história ou de Deus, por mais que acreditasse que as 70 semanas de Daniel 9 são 490 anos proféticos. Por conta do espaço e dos propósitos desta seção, será deixada apenas recomendação de leitura em nota de rodapé sobre o assunto.³⁴

Restava então marcar a data correta de início das 70 semanas de Daniel 9, ou seja, dos 490 anos.

4.2 Johann Funck³⁵ (1518-1566)

Nascido em Nuremberg, na Alemanha, Funck estudou teologia em Wittenberg, onde recebeu seu diploma de mestrado, e depois ministrou em sua cidade natal. Ele pregou em vários lugares e finalmente foi recomendado ao duque Albrecht da Prússia. Ele defendeu a luta da justiça pela

33 Traduzido de Lutero, *Schriften*, vol. 6, cols. 898-900 (FROOM, 1948).

34 Quanto a visão de Deus, homem e mundo de Lutero, suas pressuposições macro hermenêuticas e seu contato com Agostinho e Platão, ver a dissertação doutoral de Roy E. Graf (2017, p. 89-100). Ver também o livro de F. Canale: *Adventismo Secular? Cómo entender la relación entre estilo de vida y salvación*, p. 37-53. Lutero escreveu: “Quem sabe o que é Deus? Situa-se além do corpo e do espírito e de tudo o que podemos dizer, ouvir e pensar” (TILLICH, 2015, p. 246).

35 As obras de Funck foram: *Chronologia ab urbe condita* (2 vols., Königsberg, 1545–52); *Exposições dos Salmos xlvi.* (1548), *ciii.* (1549), *and ix.* (1551); *Auszug und kurzer Bericht von der Gerechtigkeit der Christen für Gott* (1552); *Wahrhaftiger und grundlicher Bericht wie und was Gestalt die ägerliche Spaltung von der Gerechtigkeit des Glaubens sich anfänglich im Lande Preussen erhoben* (1553); *Der Patriarchen Lehre und Glauben* (1554); *Vier Predigten von der Rechtfertigung des Sünders durch den Glauben für Gott*. Item: *Kurtze Bekenntnis* (1563).

fé na reforma protestante (FROOM, 1948).

Coube a este teólogo, Funck, pela primeira vez, marcar a data de início da contagem de tempo das 70 semanas partindo de 457 a.C, o sétimo ano do reinado de Artaxerxes I. Discorrendo quanto aos estudos de Funck³⁶, Froom (1948, p. 309, tradução minha) destacou:

Ele fez o estudo mais completo, minucioso e consciente dos dados, tanto da profecia quanto da história, e foi provavelmente o primeiro nos tempos da Reforma a começar as setenta semanas em 457 a.C, uma data que mais tarde foi favorecida por muitos dos escritores teológicos no início do século XIX, particularmente na Grã-Bretanha e na América, cuja maioria iniciou as 70 semanas e os 2.300 dias em 457 a.C [...] Funck deu suas fortes razões para começar as setenta semanas com o sétimo ano de Artaxerxes e, por uma série de cálculos paralelos, mostrou que os 490 anos, portanto, terminaram em 34 d.C.

Sendo assim, restava ainda linkar/relationar a profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 com as 70 semanas de Daniel 9:24-27, e depois, começar os dois períodos no mesmo ponto de partida. Em síntese, o período da reforma protestante foi de progresso na compreensão de Daniel 9:24-27. Pois Lutero declarou que a aplicação do princípio dia ano nas 70 semanas de Daniel 9 era um consenso entre os estudiosos na época da reforma, e Funck marcou corretamente o início e fim dos 490 anos de Daniel 9, aplicando o método historicista de interpretação.

5. INTERPRETANDO DANIEL 8:14 (EUROPA)

As tentativas de marcação de datas para o término das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 deu-se com maior intensidade ao aproximar-se o século 18 e 19 (NICHOL, 2013, p. 969-970). Este fato foi sintetizado da seguinte forma por Nichol (2013, p. 970):

No final do século 18 e início do século 19, despertou-se um novo interesse pelas profecias de Daniel e Apocalipse em diferentes lugares do mundo. O estudo dessas profecias difundiu a crença de que o segundo advento de Cristo estava próximo. Vários estudiosos na Inglaterra, Joseph Wolff no Oriente Médio, Manuel Lacunza na América do Sul e Guilherme Miller nos Estados Unidos, junto com outros estudiosos das profecias, declararam, com base no estudo das profecias de Daniel, que o segundo advento estava prestes a ocorrer [com base em Daniel 8:14].

Pouco tempo depois, assim declarou Ellen G. White (2013, p. 311): “Os 1.260 dias, ou anos, terminaram em 1798 [...] Desde 1798, porém, o livro de Daniel foi descerrado, aumentou-se o conhecimento das profecias [principalmente no que se refere a Daniel 8:14], e muitos têm proclamado a mensagem solene do juízo próximo”. Em suma, entre os anos de 1700-1800, inúmeros 36 Johann Funck, Anleitung zum Verstand der Apocalypse (A Guide to the Understanding of the Apocalypse); Ausslegung des anderntheils des Neundten Capitels Danielis (Exegesis of the Second Part of the Ninth Chapter of Daniel).

autores, arriscaram-se a marcar datas para a volta de Jesus ao interpretarem Daniel 8:14, como se verá abaixo.

5.1 Johann Philipp Petri³⁷ (1718-1792)

Petri nasceu como filho de um carpinteiro, perto de Hanau, na Alemanha. Ele frequentou o ginásio de Hanau, e terminou seus estudos teológicos nas universidades de Halle e Marburg; depois, tornou-se pastor calvinista da Igreja Reformada em Seckbach, um subúrbio de Frankfurt am Main, onde serviu de 1746 a 1792. Enérgico e estudioso, era particularmente interessado nas profecias; foi autor de onze tratados sobre as profecias, variando de 24 a 212 páginas (FROOM, 1948, p. 713). Petri foi o primeiro a linkar/relacionar intimamente as 70 semanas de Daniel 9 com os 2.300 dias de Daniel 8. Ele iniciava ambos os períodos em 453 a.C., concluindo que os 2.300 dias terminariam em 1847 (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016).

Petri resumiu nesta declaração sua interpretação de Daniel 8:14³⁸:

De acordo com minha explicação das visões de Daniel, é fácil ver que as setenta semanas e as 2.300 tardes e manhãs de Dan 8 começam juntas no mesmo ano. Portanto, na época do nascimento de Cristo, 453 anos de ambos os períodos se passaram; o que resta e tem que ser feito é a purificação das abominações e a consagração do santuário na vinda de Cristo, 1847, cujo reino e vitória começam com isso e perduram durante aquele glorioso ano sabático, Hebr. 4, Ap. 20, por 1000 anos (PETRI, 1774, p. 112).

Logo, para Petri, o sistema articulado em que se chegou na conclusão dos 2.300 dias de Daniel 8:14 era:

- 1) Através do método historicista, aplicar o princípio dia ano para as setenta semanas de Daniel 9 e para os 2.300 dias de Daniel 8.

³⁷ Ver obras de Petri: Petri, Johann Philipp. *Aufschluss der drey Gesichter Daniels nebst dem Traum Nebucadnezars, nach dem Prophetischen Sinn*. Offenbach: Ulrich Weiss, 1769. See p. 717. *Aufschlusz der Zahlen Daniels und der Offenbahrung Johannis*. [n.p.: n.n.], 1768. [Author identified by other of his works.] See pp. 714, 715; 717. *Griindlicher Beweis zur Auflösung der Gesichter und Zahlen Daniels und Offenbahrung Johannis*. Offenbach am Mayn: Ulrich Weiss, 1784. See pp. 715, 718. *Das nahe Tausendjährige Reich Christi*. Offenbach: Ulrich Weiss, 1769. See p. 715. *Die Offenbahrung Jesu Christi durch Johannem von Capitel I-XIX*. Frankfurt: Weisz, 1774. See p. 716. *Die Stunde der Versuchung bey vorhandener Ertifung*.

³⁸ “O anjo mostrou o trigésimo ano de Cristo ou o 483º ano das 70 semanas e, portanto, o 453º ano como o nascimento de Cristo, então essa foi a explicação correta da visão selada dos 2.300 dias. 453 anos dos 2.300 haviam se passado no nascimento de Cristo e o restante desse número continua a partir dessa data até 1847 d.C., pois 1.847 mais 453 perfaz 2.300.” Petri, *Aufschluss der Zahlen Daniels*, pp. 8-9. Ver também Nuñez (1987, p. 93).

- 2) Linkar/relacionar as duas profecias.
- 3) Decifrar a data de início de ambas as profecias.
- 4) Através de cálculos matemáticos, chegar à data de conclusão delas.
- 5) Ao findar os 2.300 dias no ano de 1847, viria o milênio.

Não obstante, Petri marcou a data de início como sendo no ano de 453 a.C, falhando somente em 4 anos na cronologia correta de Daniel 8:14.³⁹ A pergunta é: Qual data/cronologia seria a correta.

6. INTERPRETANDO DANIEL 8:14 II (EUA)

No que se refere ao século 19, em especial nos Estados Unidos, pode-se afirmar que foi o tempo e lugar da história em que mais se deu atenção para a profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 (FROOM, 1946). Segundo Nuñez (1987, p. 111), “o período de 1800 a 1850 pode ser certamente chamado de uma nova era na interpretação da visão de Daniel 8”.

A fim de compreender como os intérpretes dos Estados Unidos contribuíram na interpretação de Daniel 8:14, analisaremos brevemente um registro de Leroy E. Froom:

“J.A.B.” E MASON ESTABELECEM 1843. — Embora uma declaração clara sobre o início conjunto dos 2.300 anos e das setenta semanas de anos em 457 a.C. e o fim dos 2.300 anos em 1843 tenha aparecido em 1810 no ‘The Christian Observe’ sobre as iniciais “J.A.B.”, foi o ministro escocês Archibald Mason quem, em 1820, foi o principal responsável por refutar os argumentos de William C. Davis, que datava os 2.300 anos de 453 a.C. até 1847 d.C. Mason defendeu as datas terminais 457 a.C. e 1843 d.C., em seus dois ensaios sobre o número profético de Daniel dos 2.300 dias (1820) (FROOM, 1946, p. 275, tradução minha).⁴⁰

Além de Mason (1753-1831), Habershon, Bickersteth e Cambell entendiam os 2.300 anos de 457 a.C a 1843 d.C.⁴¹ Mason acreditava que o início dos 2.300 anos e das 70 semanas eram os mesmos, e que havia íntima relação temática entre Daniel 8:14 e Daniel 9:24-27 (MASON, 1820).

Sintetizando: em 1810, alguém com as iniciais “J.A.B.” - que mais tarde foi identificado como

39 Até o século 19, Petri foi o que chegou mais perto do ano correto. Ver Nuñez (1987).

40 *The Christian Observer*, November, 1810 (vol. 9, no. 107), pp. 668-670.

41 Mason, Two Essays on Daniel’s Prophetic Number, p. 23; Habershon, A Dissertation, p. 293; Campell, Illustrations of Prophecy, pp. 82-83. Ver mais sobre estes autores em Nuñez (1987).

John Aquila Brown⁴² (1774-1830) - marcou a data de 1843 como o cumprimento da profecia, partindo de 457 a.C (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016, p. 32). Isto é, na mesma década em que William Miller (1792-1849) chegou à conclusão, em 1818, de que as 2.300 tardes e manhãs findariam em 1843, Archibald Mason, em 1820, publicou um material em que se defendia esta mesma data de término, da mesma forma que Brown, Habershon e Campell já criam. Além disso, em 1823 Brown “assume a posição clara de que os 2.300 anos, começando em 457 a.C., terminariam em 1844” (FROOM, 1946, p. 276; BROWN, 1823, p. 42).⁴³

6.1 John Fry (1775-1849)⁴⁴

John Fry graduou-se na University College, em Oxford, e depois tornou-se reitor de Desford, em Leicester, além de ter sido um prolífico escritor das profecias bíblicas. Fry contribuiu no avanço do estudo de Daniel 8:14 em seus 13 anos de escrita (1822-1835), até chegar em sua fase madura. Sintetizando suas conclusões⁴⁵, ao final dos 13 anos de escrita, Fry (1835, p. 370) escreveu: “Se os dois mil e trezentos anos devem ser datados da mesma época (adicionando um dia para um ano da era) eles também terminam em 1844 d.C.”⁴⁶

Em resumo, ao chegar-se ao tempo do movimento milerita, a profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 já era compreendida em sua amplitude, exceto no: dia e mês do cumprimento; pois já se havia apontado o ano 1844 por outros autores, como visto acima.

7. MOVIMENTO MILERITA

7.1 William Miller (1792-1849)

William Miller era o filho mais velho de 16, nascido em Pittsfield, Massachusetts, EUA. Ele foi um estudioso autodidata da Bíblia e da história. Ele frequentou a igreja Batista, após deixar a filosofia deísta. No outono de 1816, ele passou a fazer um estudo sistemático da Bíblia, desde Gênesis 1. Entendia que a Bíblia era sua própria intérprete e buscava interpretar as profecias com

42 Ver fonte primária: John A. Brown, *The Jew The Master-Key of the Apocalypse* (1827); John A. Brown. *The Even-Tide* (1823).

43 John A. Brown. *The Even-Tide* (1823), p. 42.

44 Fry escreveu as seguintes obras: *The Second Advent; or, the Glorious Epiphany of Our Lord Jesus Christ* (1822), *The Epochs of Daniel's Prophetic Numbers Fixed* (1828), and *Observations on the Unfulfilled Prophecies of Scripture, which Are Yet to Have Their Accomplishment Before the Coming of the Lord in Glory, or at the Establishment of His Everlasting Kingdom* (1835).

45 Convém explicar que a revisão histórica da cronologia de Daniel 8:14 feita nesta seção não busca destrinchar o que os respectivos autores compreendiam ser o evento a ocorrer no cumprimento das 2.300 tardes e manhãs, mas, apenas o cômputo do tempo (início e fim).

46 John Fry, *Observations on the Unfulfilled Prophecies of Scripture*, p. 370.

base na história. Ele concluiu após 2 anos de estudo (1816-1818) que Jesus voltaria de maneira física, visível e antes do milênio; ao estudar Daniel 8:14, calculou que seria por volta de 1843, ao final da profecia das 2.300 tardes e manhãs (TIMM, 2016; SCHWARZ; GREENLEAF, 2016; BLISS, 1853).

Segundo Timm (2013, p. 62):

Miller estudou as Escrituras dentro da estrutura hermenêutica fornecida pelo (1) princípio protestante de tomar a Bíblia como sua própria intérprete [*sola Scriptura*]; (2) o método histórico-gramatical protestante; e (3) o ramo da escola protestante historicista pré-milenista de interpretação profética que não aceitava a teoria dispensacionalista do retorno dos judeus à Palestina como cumprimento da profecia.⁴⁷

Todavia, não foi se não depois de 15 anos que Miller pregou seu primeiro sermão sobre a volta de Jesus. Segundo seus próprios registros: “tanto quanto me lembro, foi no primeiro sábado de agosto de 1833⁴⁸, fiz minha primeira palestra pública sobre o Segundo Advento” (MILLER, 1845, p. 18). Ademais, estima-se que foram pregados entre 1,5 mil e 2 mil sermões sobre o segundo advento pelo movimento, contando com um número de seguidores fiéis entre 50 mil e 100 mil, sem contar os espectadores duvidosos, chegando até um milhão de pessoas⁴⁹ (TIMM, 2016, p. 28).

Quando chegou o início de 1843, Miller estava disposto a crer que Jesus voltaria em algum momento daquele ano judaico, mais especificamente, entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844 (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016, p. 51; FROOM, 1954)⁵⁰. Porém Jesus não voltou. O

⁴⁷ Para um estudo mais detalhado dos princípios hermenêuticos de Miller, veja William Miller, *Evidences from Scripture & History of the Second Coming of Christ, about the Year 1843, and of His Personal Reign of 1000 Years* (Brandon, [VT]: Vermont Telegraph Office, 1833), 3-6; [idem], “Miller’s Letters No. 5: The Bible Its Own Interpreter”, 5T(M), 15 de maio de 1840, 25-26; idem, “Regras de Interpretação”, *Midnight Cry* (doravante MQ, 17 de novembro de 1842, [4]); [idem], *Visões das Profecias e Cronologia Profética*, ed. Joshua V. Himes (Boston: Joshua V. Himes, 1842), 20-24; Apollos Hale, *O Manual do Segundo Advento* (Boston: Joshua V. Himes, 1843), 103-106; Sylvester Bliss, *Memórias de William Miller* (Boston: Joshua V. Himes, 1853), 70-72.

⁴⁸ Silvester Bliss alerta que a data real foi “agosto de 1831” e que Miller, ao escrever 1833 talvez tenha cometido um “erro de impressão ou uma falha na memória.” Bliss, *Memoirs of William Miller*, 98. Acredito ter sido no dia 6 de agosto de 1831.

⁴⁹ L.D. F[leming] em MC, 21 de março de 1844, 282; W. Miller, *Apology and Defence*, 22. Ver também Nichol, *The Midnight Cry*, 218; N. Y. Tribune, 29 de dezembro de 1849; citado em Wellcome, *History of the Second Advent Message*, 582; Cross, *Burned, over, District*, 287.

⁵⁰ Ver seu extenso artigo na revista *Signs of the Times*: W. Miller, “Synopsis of Miller’s Views,” ST, 25 de janeiro de 1843, 147.

que estava faltando na cronologia de Miller?

Tudo ficou mais claro com Samuel Sheffield Snow (1806-1870), que cria ter suficiente base bíblica para sustentar que as 2.300 tardes e manhãs acabariam no “décimo dia do sétimo mês” do ano religioso judaico, isto é, no outono de 1844, mais especificamente, no dia 22 de outubro⁵¹ (HOLBROOK, 2021), como ver-se-á abaixo em mais detalhes.

Em suma, “Daniel 8:14 foi o principal ponto focal da esperança escatológica milerita” (TIMM, 2016, p. 35).⁵² Estas foram as contribuições⁵³ de Miller no que se refere a interpretação de Daniel 8:14:

- 1) Volta de Jesus literal pré-milenial.
- 2) As 14 regras de interpretação profética (hermenêutica)

7.2 Samuel S. Snow (1806-1870)

Até os 35 anos, Snow era “um estabelecido incrédulo na Bíblia”. Ele trabalhou como agente para o Boston Investigator, um jornal declaradamente ateu. Snow se converteu ao cristianismo em 1839, como resultado da leitura de uma cópia das palestras de William Miller que seu irmão havia comprado. Após sua conversão, ele se juntou a uma Igreja Congregacional em 1840. Em 1842, em um acampamento milerita em East Kingston, New Hampshire, ele se dedicou a pregar a mensagem milerita em tempo integral (NICHOL, 1944, p. 195-196, tradução minha).

Desde então, Snow iniciou “Um intenso estudo do tabernáculo mosaico e das festividades típicas judaicas que o convenceram de que Cristo voltaria por ocasião do dia judaico da expiação, no sétimo mês do ano. Isso seria no outono em vez de na primavera de 1844” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016, p. 58). Dentre as contribuições teológicas de Snow quanto a Daniel 8:14, enumera-se pelo menos 4:

- (1) A correção de um erro de cálculo previamente reconhecido provocou a mudança de “1843” para “1844”.
- (2) As 70 semanas de anos começaram e terminaram no outono.
- (3) Os tipos do tabernáculo mosaico indicam que o segundo advento ocorrerá no outono, não na primavera, mas no Dia da Exiação, ou décimo dia do sétimo mês, assim como a morte do cordeiro pascal apontava para a morte de Cristo no décimo quarto dia do primeiro

51 S. S. Snow para N. Southard, MC, 22 de fevereiro de 1844, pp. 243-244; S. S. Snow para N. Southard, MC, 27 de junho de 1844, pp. 397.

52 “A passagem que, mais que todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Daniel 8:14. Ellen White, *O Grande Conflito*, p. 358.

53 Importante destacar que “Miller não reivindicou originalidade para seus dados históricos e cronológicos” (TIMM, 2016, p. 39).

mês.

(4) Como a crucificação na Páscoa, a ressurreição do molho movido e o tempo designado para o Pentecostes vieram nos dias exatos profetizados, então, Snow continuou, ele acreditava que o antitípico Dia da Exiação viria no dia exato especificado. Então nosso grande Sumo Sacerdote, Cristo Jesus, sairá do santo dos santos celestial, onde Ele tem ministrado, para abençoar Seu povo que espera. Esse também será o segundo advento (FROOM, 1954, p. 813-814, tradução minha, grifo meu).⁵⁴

Na cronologia “atualizada” de Snow, a morte de Cristo foi passada para o ano 31 d.C [antes cria-se ter sido no ano 33 d.C] e o fim das 70 semanas para 34 d.C. Ele relacionou a volta de Jesus com o cumprimento antitípico das festas de Israel, esboçadas em Levítico 23 (FROOM, 1954). Terminando os 2.300 anos no outono de 1844, Jesus voltaria neste exato dia, apontado como 22 de outubro de 1844. Durante o ano de 1844, Snow pregou pela pena e pela voz esta mensagem. Em maio de 1844, ele escreveu:

O ministério de João [Batista] começou na última parte de 26 d.C. e terminou no outono de 27 d.C. Aqui começou a semana da confirmação da aliança [Batismo de Cristo], ou seja, o estabelecimento do evangelho como um sistema divino, pelas obras poderosas de Cristo. Três anos e meio a partir deste ponto nos leva à primavera de 31 d.C., quando nosso Senhor foi crucificado no ‘MEIO [isto é, meio] da semana.’ Mais três anos e meio (a última metade da semana), durante os quais a palavra ou aliança foi confirmada por aqueles que ouviram o Senhor (Hb 2:3), nos leva ao outono de 34 d.C. “Acredito que este argumento seja baseado em premissas corretas e seja perfeitamente correto. Qual é então a conclusão? Certamente deve ser o seguinte: como as 70 semanas terminaram no outono de 34 d.C., a parte restante dos 2.300 dias, ou seja, 1810, sendo adicionados, nos leva ao outono de 1844 d.C. [...] nosso Rei e Salvador aparecerá em sua glória no sétimo mês do sagrado ano judaico.⁵⁵

Em suma, ao fixar a data de 22 de outubro de 1844 como o cumprimento histórico de Daniel 8:14 e a profecia das 2.300 tardes e manhãs, Snow foi o primeiro autor na história a marcar corretamente o cumprimento histórico da maior profecia da Bíblia – as 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Mas, Jesus não voltou naquele dia. A data estava certa, mas o evento, errado.

54 De modo resumido, aqui está o raciocínio teológico de Snow e suas conclusões: As 70 semanas são divididas em 3 partes: 7 semanas, 62 semanas, e 1 semana – veja Daniel 9:25. O texto mostra que as 7 semanas são dedicadas à reconstrução das ruas e do muro. Assim, tiveram início quando começaram a reconstrução, no outono de 457 a.C. Desse ponto, 2.300 anos chegam ao outono de 1844 d.C” (SNOW, 1844).

55 Samuel S. Snow, *Midnight Cry*, May 2, 1844, p. 353 (actually, p. 335).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, verificou-se no presente estudo que logo após a introdução no cristianismo do método alegórico de interpretação no segundo século da era cristã, por parte de Clemente de Alexandria e Orígenes, ofuscou-se o método até então empregado, isto é, o histórico-gramatical. Dessa forma, no quarto século, foi mais simples para Agostinho incorporar as pressuposições ontológicas e epistemológicas da filosofia grega na doutrina de Deus. A partir deste momento, ao conceber a Deus como um ser atemporal, Agostinho impossibilitou o entendimento histórico de Daniel 8:14. Além disso, desde então, e durante toda a Idade Média, Deus foi visto como um Ser sem corpo, partes, ou uma habitação física no céu.

O grande empecilho teológico foi a ideia da incompatibilidade do tempo de Deus com o tempo dos homens; através de Tomás de Aquino, no século treze, e João Calvino no século dezesseis, perpetuou-se na tradição eclesiástica - tanto na teologia católica quanto na protestante - a crença de que Deus não atua no fluxo temporal da história humana. As implicações destas ideias foram igualmente verificadas neste estudo. No que tange a Daniel 8:14 e seus conceitos subjacentes, não era possível para os teólogos, até o movimento milerita, imaginar que Deus, em um dia específico da história (22 de outubro de 1844) iria entrar em um compartimento físico, de um santuário físico, no céu, para iniciar a obra de purificação, ao findar do tempo profético dos 2.300 anos.

Em segundo lugar, foi feito um sumário histórico de como avançaram os estudos de Daniel 8:14 na história do cristianismo. O objetivo foi avaliar os avanços na interpretação do versículo. Começando por Joaquim de Fiore, no século doze, resgatou-se o método histórico-gramatical, e com ele, o princípio dia ano – essencial para a compreensão das profecias de tempo simbólico na Bíblia. Ademais, Joaquim influenciou todos os intérpretes subsequentes da história eclesiástica. Simplesmente Joaquim rompeu com a visão alegórica de Agostinho na interpretação das profecias. Ele recuperou o entendimento histórico das profecias. Ainda na Idade Média, Nicolau de Cusa, no século quinze, encarregou-se de sistematizar a aplicação do princípio dia ano em Daniel 8:14. Posteriormente, na reforma protestante, viu-se que Lutero, no século dezesseis, deixou claro que Daniel 9:24-27, as setenta semanas, já eram interpretadas como 490 anos proféticos.

Após isso, Johann Funck, no século dezesseis, foi quem calculou o ponto de partida correto das setentas semanas. Ele entendeu que a profecia deveria iniciar-se em 457 a.C e findar em 34 d.C. Em seguida, Johann Philipp Petri, no século dezoito, começou o cômputo profético do mesmo ano, isto é, começou a contagem das 2.300 tardes e manhãs em conjunto com as setentas semanas pela primeira vez. Já no ano de 1810, John A. Brown, marcou a data de início das 2.300 tardes e manhãs como sendo 457 a.C. Porém, marcou seu fim para o ano de 1843 d.C. Na mesma época, entretanto, John Fry datou Daniel 8:14 como percorrendo desde o ano de 457 a.C até o ano de 1844 d.C.

Em terceiro lugar, notou-se que o movimento milerita causou uma quebra de paradigma teológico com o cristianismo vigente da época. Referimo-nos aos pressupostos ontológicos e

epistemológicos, pois os mileritas criam em um cumprimento histórico das profecias. Além disso, criam que existe apenas uma realidade histórica no universo, sem qualquer tipo de dualismo entre “mundo de Deus” e “mundo dos homens”. Pelo contrário, há total compatibilidade entre o tempo do Céu e da Terra, uma ligação íntima entre a Divindade e suas criaturas. Em consequência, também criam que no céu existe um espaço físico onde Deus habita, chamado de santuário celestial.

Por último, Snow responsabilizou-se por marcar a data exata do cumprimento da profecia como sendo o dia 22 de outubro de 1844. Portanto, conclui-se que a maneira pela qual se avançou na interpretação de Daniel 8:14 ao decorrer da história eclesiástica foi gradual e progressiva, levando-se em conta que a doutrina de Deus e como esta foi assimilada, influenciou amplamente a capacidade de compreensão de tal profecia ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. *Summa Theologica*. Londres: Burns Oeates and Washbourne. 1912-1936. 22 v.
- AUGUSTINE. *The Confession*. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1996.
- BERKHOF, L. *Sistematic Theology*. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Pub. Co., 1941.
- CALVIN, J. *Institutes of the Christian Religion* [two vols. in one]. Translated by Henry Beveridge. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.
- CANALE, F. *Basic Elements of Christian Theology* 1. ed. Andrews University Lithotech.: 2005.
- CANALE, F. Desconstrução e Teologia: Uma Proposta Metodológica. In: TEIXEIRA, C.F. (org.). *Como Entender Teologia*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2019. p. 183-214.
- CANALE, F. *Doutrina de Deus*. In: DEDEREN, R. *Tratado de Teologia*. 1. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2011a. p. 120-179.
- CANALE, F. *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã: Um Estudo Hermenêutico Sobre Revelação e Inspiração*. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres – Imprensa Universitária Adventista, 2011b.
- FROOM, L.E. *The Prophetic Faith of Our Fathers*. 1. ed. Washington, D.C.: Review and Herald, 1950. v. 1.
- FROOM, L.E. *The Prophetic Faith of Our Fathers*. 1. ed. Washington, D.C.: Review and Herald, 1948. v. 2.
- FROOM, L.E. *The Prophetic Faith of Our Fathers*. 1. ed. Washington, D.C.: Review and Herald, 1946. v. 3.
- FROOM, L.E. *The Prophetic Faith of Our Fathers*. 1. ed. Washington, D.C.: Review and Herald, 1954. v. 4.
- FRY, J. *Observations on the Unfulfilled Prophecies of Scripture, Which Are Yet to Have Their Accomplishment, Before the Coming of the Lord in Glory, or at the Establishment of His Everlasting Kingdom*. London: James Duncan, 1835.
- FRY, J. *The Second Advent; or The Glorious Epiphany of Our Lord Jesus Christ*. 2 vols. London: Ogle, Duncan, and Co., 1822.

- GEORGE, T. Teologia dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- GONZÁLEZ, J. Historia del pensamiento cristiano. Viladecavalls: Clie, 2010.
- GONZÁLEZ, J. História Ilustrada do Cristianismo: A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução Hans Udo Fuchs, Key Yuasa. – 2. ed. rev. com roteiro de leitura. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- HOLBROOK, F. B. Doutrina do Santuário: uma abordagem histórica (1845-1863). – 1. ed. – Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2021. – (Série santuário e profecias apocalípticas, v. 5).
- LUTHER, M. Schriften. Dr. Martin Luthers Stimmtliche Schriften.
- MASON, A. Two Essays on Daniel's Prophetic Number of Two Thousand Three Hundred Days: and on The Christian's Duty to Inquire into the Church's Deliverance. Glasgow: Printed by Young, Gallie, 1820.
- MILLER, W. Apology and Defence. Boston: Joshua V. Himes, 1845.
- NICHOL, F.D. Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v. 4.
- NICHOL, F.D. The Midnight Cry. Takoma Park, MD: Review and Herald, 1944.
- NUÑEZ, S. The vision of Daniel 8: interpretations from 1700 to 1900. Andrews University Seminary Doctoral Dissertations Series. v. 14. Berrien Springs: Andrews University Press, 1987.
- PECKHAM, J. C. The Doctrine of God: Introducing The Big Questions. T&T CLARK Blumsbury Publishing Plc, NY, USA. 2020.
- PETRI, J. Die Offenbahrung Jesu Christi durch Johannem. Frankfurt: Weisz, 1774.
- QUISPE, G; BURT, M; TIMM, A. Legado adventista: Un panorama histórico y teológico del adventismo. UNIVERSIDAD PERUANA UNIÓN Publicaciones y Difusión Cultural, 2013.
- SCHWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. Portadores de Luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009.
- SNOW, S. S. Behold, the bridegroom cometh; go ye out to meet him. The True midnight cry, v.1, n.1, 1844.
- TEIXEIRA, C. F. Teologia e Filosofia: Pressuposições Filosóficas e Seu Impacto Metodológico na Teologia. In: TEIXEIRA, C.F. (org.). Como Entender Teologia. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2019. p. 131-173.
- TICHONIUS. The Book of Rules of Tyconius. Edited with an introduction by F. C. Burkitt. Cambridge: At the University Press, 1894.
- TILlich, P. História do Pensamento Cristão. São Paulo: ASTE, 2015.
- TIMM, A. O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Trad. Arlete Inês Vicente. – 6. ed. – Engenheiro Coelho, SP: Unaspres – Imprensa Universitária Adventista, 2016.
- WHITE, E. G. Cristo em Seu Santuário. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013a.
- WHITE, E. G. O Grande Conflito. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013b.
- ZUKOWSKI, J.C; SUÁREZ, A.S; SIQUEIRA, R. (orgs). Ellen White: Seu Impacto Hoje. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2017.

ESTUDO SOBRE O GRANDE CONFLITO EM 1844: INTERVENÇÕES DIVINAS E CONTRAFAÇÕES SATÂNICAS

Edmilson Marçal Filho
Emanoel Silva Coimbra

Resumo: O ano de 1844 figura entre os mais notáveis da história americana e possui estrita relação com a escatologia bíblica. Os impactos deste ano são perceptíveis do ponto de vista da religião, perpassando pelas áreas sociais e intelectuais. Sua relevância histórica tem especial influência para a comunidade adventista do sétimo dia. O objetivo deste estudo é analisar as intervenções divinas e sua relação com o surgimento do movimento adventista protagonizado por Guilherme Miller, cujas origens remontam ao fervor religioso de 1844. No mesmo período, destacam-se diversas contrafações atuando com o objetivo de interferir nas ações divinas, impedindo a propagação dos ensinamentos mileritas. Alguns acontecimentos históricos originados nesse período, serão abordos nessa pesquisa, a saber, o mormonismo, espiritualismo, marxismo, feminismo, evolucionismo, etc. Neste trabalho foi utilizado o método de análise bibliográfica. Dentro os autores pesquisados destaca-se Jerome L. Clark (1968), George Knight (1994) e LeRoy Edwin Froom (1954), como escritores que investigaram os eventos relacionados com o ano de 1844. Como resultado desse estudo, os números de contrafações no período analisado, mostram que uma espécie de barreira estava sendo posta em todos os âmbitos da sociedade por um poder controverso que diferia daquele apresentado por Miller e seus correligionários. A pesquisa conclui que quando ocorre uma atuação de Deus na história, haverá uma contrafação realizada por Satanás a fim de neutralizar os efeitos das ações divinas.

Palavras-chave: 1844; conflito; contrafação; intervenções; movimentos.

1. INTRODUÇÃO

Entre os anos da história humana, alguns são listados entre os mais importantes devido a presença de acontecimentos importantes, invenções, ideias que possam distingui-lo dos demais e, cujo poder de influência para a humanidade avance e perdure pelos séculos. Neste contexto, o ano de 1844, será analisado como um ano de grande magnitude devido aos eventos que o tornam um ano singular e vital, não somente para a história humana, mas para todo o desenrolar do grande conflito entre Cristo e Satanás.

O já citado ano, se demonstrará no presente artigo como sendo influenciado por todo o seu arcabouço temporal, envolvendo seus eventos, movimentos em todo o seu espectro social, religioso e intelectual. Por consequência dos anos e séculos que o antecederam, em todos os aspectos analisados no artigo, serão evidenciadas as ações Divinas e as Contrafações satânicas, em virtude do plano de Deus para o ano de 1844 e a eminente volta de Jesus.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A compreensão do contexto histórico a partir do qual determinado período é selecionado a fim de serem analisados é de importância primordial para se chegar a conclusões sólidas nas investigações históricas. uma análise adequada do contexto exige a utilização de provas históricas. Isto inclui dados socioculturais, políticos, socioeconômicos, religiosos, dentre outros. De acordo com Fleming (2019):

O contexto histórico é uma parte importante da vida e da literatura, e sem ele, as memórias, histórias, e personagens têm menos significado. O contexto histórico trata dos detalhes que rodeiam uma ocorrência. Em termos mais técnicos, o contexto histórico refere-se às condições sociais, religiosas, econômicas e políticas que existiram durante um determinado tempo e lugar. Basicamente, são todos os detalhes do tempo e lugar em que uma situação ocorre, e são esses detalhes que nos permitem interpretar e analisar obras ou eventos do passado, ou mesmo do futuro, em vez de simplesmente julgá-los pelos padrões contemporâneos.

Em um raciocínio similar, Huijgen diz que:

A contextualização histórica é a capacidade de situar um fenômeno histórico ou pessoa num contexto temporal, espacial e social para o descrever, explicar, comparar ou avaliar (Van Boxtel e Van Drie 2012). Wineburg e Fournier (1994) definiram a contextualização histórica como a construção de um contexto de circunstâncias ou factos que rodeiam um determinado histórico para o tornar mais inteligível. Endacott e Brooks (2013) encararam a contextualização histórica como “um sentido temporal de diferença que inclui uma profunda compreensão das normas sociais, políticas e culturais do período de tempo em investigação, bem como o conhecimento dos acontecimentos que conduzem à situação histórica e de outros acontecimentos relevantes que estão a acontecer concomitantemente” (p. 43). Os acontecimentos históricos e as decisões dos

agentes históricos devem ser colocados nos locais específicos sócio-espaciais e sócio-temporais em que surgiram. Por exemplo, os estudantes devem saber que na antiga época romana, Júlio César não podia ter tomado o pequeno-almoço em Roma e jantar na região gaulesa de França no mesmo dia, porque os meios de transporte necessários para tal viagem não estavam disponíveis (Lévesque 2008).

Tendo tais definições em mente, é plausível o raciocínio de Tim Huijgen et al. quando ele diz que,

A contextualização histórica é, portanto, uma habilidade complexa porque requer não apenas conhecimento histórico factual e um senso de cronologia, mas também a capacidade de identificar lacunas neste conhecimento, a capacidade de formular perguntas e a capacidade de questionar informações ou conclusões (Wineburg, 1998).

Portanto, a contextualização é de vital importância para entender o ano que posteriormente analisaremos, tendo em vista também os acontecimentos que o precederam e fomentaram através dos séculos. O que será analisado em seguida tem por base uma pesquisa de detalhamento histórico acurado, tendo em vista o desafio de simplificá-lo em poucas páginas, que são insuficientes a fim de abranger os vastos temas.

A fim de prosseguir, é necessário estabelecer a metodologia de contextualização que será utilizada. Ao utilizarmos o termo metodologia, deve-se ter em mente a noção da análise a ser feita a fim de chegar ao objetivo final. A metodologia de contextualização histórica que se seguirá, perpassará acontecimentos de séculos antecessores ao século XIX, mais especificamente a 1844, que influenciaram direta e indiretamente nos ocorridos nesse ano.

2.2 Eventos Históricos Dos Séculos Antecessores

Tendo em vista que eventos históricos infundáveis tiveram seus desdobramentos ainda maiores na humanidade, foram selecionados alguns que, durante a avaliação, foram entendidos como de maior relevância. Na tabela abaixo isso pode ser melhor entendido:

EVENTOS DO SÉCULO XVI:	*Reforma protestante (1517); *Revolução científica (1543); *Primeira Bíblia autorizada em inglês (1539); *Calendário gregoriano introduzido (1582).
EVENTOS DO SÉCULO XVII:	*Peste bubônica em Londres (1665-1666); * Chegada dos primeiros ingleses protestantes nos Estados Unidos (1607); * Chegada dos primeiros ingleses protestantes nos Estados Unidos (1642).

EVENTOS DO SÉCULO XVIII:	<ul style="list-style-type: none"> * Começo do Iluminismo Francês com a morte de Louis XIV (1715); * Revolução francesa (1789); * Independência Americana (1776); * Grandes reavivamentos na Nova Inglaterra (
--------------------------	--

Ainda que muitos acontecimentos não tenham sido selecionados, os que são observáveis acima são de grande valia para a construção política, filosófica, religiosa e social da mentalidade e vivência não somente para a primeira, mas também, para a segunda metade do século XIX. Esse pensamento é continuado nas palavras de Leroy E. Froom(1954):

Os desenvolvimentos únicos que ocorreram nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX e os movimentos que surgiram dessas décadas pulsantes representam o ápice das influências incipientes, mas persistentes, do passado. Eles teriam sido impensáveis, se não totalmente impossíveis, nos dois primeiros séculos da história americana, ou a qualquer momento em um cenário do Velho Mundo. E as distintas correntes e correntes transversais da interpretação profética americana do século XIX só podem ser compreendidas à luz da situação americana em seu contexto histórico. (negrito nosso, itálico nosso, tradução nossa).

2.3 A situação americana

As palavras de Edwin Scott Gaustad são elucidativas para entender o momento em que a Nova Inglaterra vivia no século XVIII, anos antes de 1844:

A Nova Inglaterra no século 18 manifesta, com todas as peculiaridades de seu próprio local, as facções em conflito no exterior. Nomes familiares como Voltaire e Paine sugerem um aspecto daquele século, enquanto John Wesley e Jonathan Edwards chamam a atenção para outro. O Iluminismo, como este primeiro aspecto tem que vir a ser chamado, foi um movimento e um estado de espírito que de várias maneiras e em vários graus elogiou a capacidade das mentes dos homens de raciocinar e saber. O pietismo, como o outro aspecto é frequentemente designado, foi um movimento e um humor que, de várias maneiras e em vários graus, afirmava a capacidade dos corações dos homens de sentir e acreditar. Em geral - e, portanto, em grau inexato - falando, o primeiro lembrava a Grécia e o renascimento, o segundo, a Judéia e a reforma. Enquanto a iluminação era antropocêntrica, o pietismo era teocêntrico; o primeiro abraçava o sentido comum e o que era “natural” na religião e na moralidade, enquanto o segundo falava de um sentido do coração e afirmava a religião revelada e a moralidade sobrenaturalmente sancionada. Uma era utilitária, prudencial; a outra, absolutista e comprometida. O iluminismo assumiu a nobreza e a proeza do homem, o pietismo construído sobre a bondade e o poder de Deus.

O país que, há pouco havia se tornado independente da Inglaterra, agora estava emergido,

assim como o mundo, em uma série de divisões e dissensões de pensamentos. Dentre as várias correntes que emergiam no pensamento da nação com origens puritanas, era o iluminismo francês, cujos filósofos traziam à mente daqueles que outrora estavam entre os mais fiéis dos crentes nas fileiras e de livres pensadores ideias que se opunham ao tradicional pensamento cristão que até então os havia orientado. Diante dessa ameaça, iniciou-se os grandes reavivamentos, cuja principal figura era o ministro anglicano Jonathan Edwards. De acordo com Froom:

o assombro começou agora mesmo nas colônias do meio, e a ele se juntou Jonathan Edwards, que chegou da pequena aldeia de Northampton. Ele se espalhou até toda a área colonial de norte a sul e desde a costa até a borda máxima da colônia havia sentido seu poder. Edwards, o maior teólogo do Grande assombro, pressionado pela fé para justificar, embora alguns de seus sermões fossem de escárnio, como “Pecadores nas mãos de um Deus furioso e irado”.

Os reavivamentos e o “iluminismo americano” dividiam a mente das pessoas, famílias e até igrejas e causavam impacto em todos os setores da sociedade, preparando o terreno para o pensamento, ações e todo o contexto que os precederia.

3. INTERVENÇÕES DIVINAS NA HISTÓRIA

Quando se analisa do ponto de vista da liberdade que Deus dá a suas criaturas, parece, à mente de alguns, que a possibilidade de uma intervenção por parte de Deus é inadmissível, tendo em vista que essa intervenção poderia ir em contrapartida ao livre arbítrio dado por Deus. Contudo, nas narrativas bíblicas, observa-se um Deus que age a despeito do homem. Contudo existem testos bíblicos que relatam atos intervencionistas da parte deste Deus?

Na bíblia fica notório um Deus que age de maneira constante a fim de guiar seu povo remanescente em meio ao conturbado contexto histórico local no qual eles estão inseridos a fim de que eles possam ter a vida preservada e sua missão continuada. O relato de Josué 10 é um dos mais claros exemplos da intervenção divina na história. Esta é, de fato, uma intervenção grandiosa que desafia o raciocínio da Física e da própria lógica humana. Contudo, não seriam os milagres, fatos inexplicáveis para ao raciocínio humano, intervenções divinas? Ainda que não seja o propósito do presente artigo se delongar nessa questão, é inevitável comentar acerca dela. Não somente os milagres e os poderosos feitos de Deus podem ser percebidos como intervenções divinas, antes, de acordo com Townend “A intervenção decisiva de Deus foi Jesus. Deus se tornou humano. Jesus venceu o mal interior (Hebreus 4:15). Ele confrontouativamente o mal com a cura e a compaixão. Jesus tomou a pena e o castigo de todo esse mal e venceu a morte (1 Coríntios 15)”(Townend, 2017).

Ainda de acordo com Ellen G. White:

Nos anais da história humana, o desenvolvimento das nações, o nascimento e queda dos impérios, aparecem como que dependendo da vontade e proeza

do homem; a configuração dos acontecimentos parece determinada em grande medida pelo seu poder, ambição ou capricho. Mas na Palavra de Deus a cortina é afastada, e podemos ver acima, para trás e pelos lados as partidas e contrapartidas do interesse, poder e paixões humanos — os agentes do Todo-misericordioso — executando paciente e silenciosamente os conselhos de Sua própria vontade. (PR, Pág. 317)

Tendo isto em mente, dedicar-se-á a seguinte sessão a fim de tratar das intervenções divinas em 1844, tendo como pressuposto seletivo as ações que manifestaram frutos sólidos baseados em verdades bíblicas.

4. MILERISMO

O movimento milerita, tradicionalmente conhecido como milerismo, este sufixo sendo adicionado para designar não uma religião, mas um movimento religioso dentro do cristianismo, tem seu nome derivado do pai e principal nome do movimento, Guilherme Miller. Guilherme Miller nasceu em Pittsfield, Massachusetts em 15 de fevereiro de 1782. Tendo a agricultura como principal função, dedicou sua vida aos estudos desde a tenra idade, sendo um prolífico leitor. De acordo com George Knight:

Enquanto isso, o jovem William se desenvolveu em outras frentes. De especial importância foi seu amor pelos livros e pelo aprendizado, um aspecto que teria muito a ver tanto com sua partida quanto com sua reconciliação com a cristandade. Ter nascido em um lar de fazendeiros de fronteira que acabaria por incluir dezesseis filhos significava que, devido ao rigor financeiro, a educação de William não era enriquecida com uma grande biblioteca dos pais. A Bíblia, o saltério e o livro de orações eram os únicos livros de seus pais. Apesar da falta, sua mãe o ensinou a ler. Além disso, entre seus nove e quatorze anos, ele frequentou a escola local bastante primitiva durante três meses a cada inverno, depois que o trabalho agrícola foi concluído durante o ano. infelizmente, o calibre dos professores empregados na época pelas escolas rurais deixou muito a desejar, e William logo transcendeu suas habilidades limitadas. Como resultado, ele foi em grande parte autodidata através da leitura.

Este hábito de ler vorazmente levou William Miller a procurar mais e mais livros a fim de lhe satisfazer o intelecto e saciar sua sede por conhecimento. Quando se casou com Lucy Smith, em 1803, se mudou para Poultney, Vermont. Lá William começou a ter amizades com alguns homens de sua aldeia que compartilhavam do pensamento deísta. O deísmo era, de acordo com Piland:

No século XVIII, conhecido como a Era das Luzes ou Idade da Razão, o deísmo surgiu como uma posição teológica que tentava definir o mundo natural e relação do homem com Deus através da aplicação dos ideais do Iluminismo, tais como razão, racionalidade e ordem. Embora o deísmo não florescesse como um movimento teológico até o século XVIII, suas origens podem ser traçadas

à filosofia da Grécia antiga. Derivada da palavra latina deus e da palavra grega raiz theos, que ambas significam Deus, o deísmo surgiu no trabalho de filósofos como Heráclito, que usaram o logos para explicar a compreensão do homem sobre a razão e o conhecimento, e Platão que definiu seu Deus como demiurgo ou artesão.

Ainda comentando sobre o deísmo, Rowe escreve que:

O deísmo comprehende uma variedade de filosofias, teologias, culturas políticas e valores pessoais, por isso o memoirista de Miller estava certo ao fazer a pergunta: O que significava para Miller ter sido um deísta? Em seu início o deísmo era um sistema de ideias circulando entre intelectuais britânicos e franceses na virada do século dezoito. Deus era, se é que havia alguma coisa, um criador que permitia ao universo operar através da operação da lei natural - uma prima causa e deus obsconditus, mas não uma prima mobile.

Miller que viera de um lar batista agora questionava a bíblia, que até alia havia sido sua norma de fé e desenvolvimento intelectual. Autores como Hume, Paine e Voltaire, como também a companhia de seus vizinhos em Poultney, como o anti-federalista Matthew Lyon, cuja vasta biblioteca e companhia eram apreciadas por Miller.

4.1 Capitão Miller

Em Poultney, suas afiliações não eram somente de cunho intelectual. Na verdade, as amizades que o estavam orientando compartilhavam de ideais políticos em comum. Graças a sua vasta capacidade intelectual e de grande influência, tendo em vista ainda os homens com quem se relacionava, William chegou ao posto de capitão da milícia, e posteriormente, capitão do exército.

Não será abarcado aqui em diante, um relato específico acerca dos exatos acontecimentos que envolveram Miller, porém, o que deve ser deixado claro é que, no fronte de batalha que suas dúvidas comeam a surgir. Knight escreve que:

“no início da batalha”, escreveu Miller, “nós encarávamos nossa própria derrota como quase certa, e mesmo assim fomos vitoriosos”. Um resultado tão surpreendente contra tais probabilidades, me pareceu o trabalho de um poder mais poderoso do que o homem”. Comparando os Estados Unidos com os filhos de Israel e a derrota de Deus de seus inimigos, Miller observou mais tarde que parecia que “o Ser supremo deve ter zelado pelos interesses deste país de maneira especial, e nos livrou das mãos de nossos inimigos”.

Este e alguns outros eventos deixaram William Miller reflexivo acerca da sua cosmovisão de Deus até aquele momento.

4.2 Miller e a volta de Jesus

Não há como esboçar ideia alguma sobre Guilherme Miller sem estudar acerca do fato que os tornou notórios na história americana. Esta história começa com o próprio Miller no ano de 1818. comentando acerca disso, Knight diz que:

Foi através do estudo de passagens referentes às profecias dos 2300 e 1335 anos/ dia que em 1818 Miller chegou à conclusão de que Cristo viria por volta do ano de 1843. Ele não tinha estado à procura dessa informação e a princípio “não podia acreditar”, mas depois de lutar com sua mente que “o que quer que a Bíblia ensine, eu me agarrarei a ela”. Essa decisão acabaria por levá-lo ao centro da controvérsia nacional.

Ainda que a priori a conclusão de Miller possa parecer quase que sem sentido e completamente revolucionária, a verdade é que muito antes de Miller e ainda em seu tempo, pessoas ao redor do mundo estavam atentas ao cumprimento desta profecia e fazendo cálculos precisos da data exata, tendo como apoio os acontecimentos que estavam ocorrendo ao redor do mundo assim como diz Schwarz:

Nos séculos seguintes, estudiosos isolados como Joachim de Floris (fl. 1180) vieram nas profecias bíblicas de Daniel e no Apocalipse evidências da aproximação do segundo advento. No entanto, não foi até a Reforma Protestante que a crença na iminência deste evento se desenvolveu novamente em larga escala. Mais décadas se passaram, e a esperança permaneceu realizada. No início do século XVIII, a maioria dos teólogos protestantes estava pronta para uma nova visão do Advento. Um clero inglês, Daniel Whitby, logo os acomodou. Ele postulou uma “segunda vinda” espiritual, a ser seguida por mil anos durante os quais primeiro os protestantes, depois os católicos, e depois os judeus e os muçulmanos, renunciariam ao pecado e à incredulidade e seriam completamente convertidos a Cristo. No final deste milenar Cristo viria de fato de uma forma literal. Protestantes de todas as variedades apreenderam esta ideia com alacridade. Em 1750, o Whitbyanismo, uma crença no advento pós-milenar, dominou a escatologia protestante, especialmente na Inglaterra e na América. Quando o presidente da Universidade de Yale, Timothy Dwight, proclamou em 1798 que “o advento de Cristo está às nossas portas”, era o conceito Whitbyan de um advento espiritual que ele aparentemente tinha em mente.

Ainda que Miller não tenha sido o único a pregar acerca do iminente retorno de Cristo, foi o que o fez com o mais intenso fervor. Ainda que homens tão capacitados quanto ele soubesse da preciosa promessa a se cumprir em seu tempo, apenas o fazendeiro de Poultney se dispôs a ferozmente pregar aquilo que ele havia entendido. Juntamente com seus milhares de correligionários, o movimento milerita preparou a América do norte e boa parte do mundo para o evento que, segundo eles, “purificaria” de vez a Terra.

Ainda que Jesus não tenha voltado como eles de fato previram, Ellen White faz a seguinte afirmação acerca do movimento:

De todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos primeiros apóstolos de nosso Senhor, nenhum se destaca mais puro e livre das imperfeições da natureza humana e das artimanhas de Satanás, do que o do outono de 1844. De fato, depois de olharmos para trás por mais de vinte e seis anos como o ponto mais verde em todo o caminho que Deus conduziu seu povo, não vemos como poderia ter sido melhor, pelo menos no que diz respeito à providência direta e à obra de Deus. Estava além do controle das mãos humanas, ou das mentes humanas. Homens e demônios procuravam dificultar e estragar esta obra; mas o poder que a acompanhava afastava sua influência, pois se removia a teia de uma aranha, e ali estava a obra de Deus, livre da impressão da mão de um homem.

Esta frase supracitada não reflete o pensamento de uma mera expectadora passiva do que estava acontecendo em seu tempo, antes, de alguém que acreditava plenamente nas palavras do “pai Miller”. Alguém cuja família havia sido expulsa da igreja metodista por se colocarem ao lado do próprio Miller.

5. ELLEN WHITE E SEU MINISTÉRIO PROFÉTICO

Durante toda a história da humanidade desde a entrada do pecado, Deus se utiliza de diversos meios para comunicar sua vontade e palavra ao seu povo remanescente. Um dos mais comuns métodos tem sido o profeta. Aparecendo no hebraico como navi (transliterado) e no grego como prophétes, o título de profeta apresenta diferentes funções que vão desde ensinar o povo acerca da lei de Deus, como ungir Reis e novos profetas. Não é o objetivo deste artigo tratar profundamente sobre o profeta e sua obra, dado o fato de que esta função cabe à teologia bíblica. Contudo, é necessário introduzir esse tema dada a importância de Ellen White para o ano de 1844 e posterior desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo dia.

Ellen Gould White nasceu no dia 26 de novembro de 1827 em Gorham, Maine. Nascida Ellen Gould Harmon, casou-se com Tiago White em 30 de agosto de 1846, passando a se chamar, Ellen Gould White. Durante mais de oito décadas de vida, Ellen g. White escreveu mais de 5mil artigos, além de livros e periódicos que tratam desde assuntos religiosos à saúde, bem-estar, dentre outros temas.

Além de seus livros, Ellen recebeu mais de 2.000 sonhos e visões que trataram dos mais diferentes assuntos, desde a escatologia bíblica a assuntos de igrejas locais, regionais, etc. Sua vida girava em torno de Cristo e sua palavra, de quem seus escritos proviam e a quem eles apontavam. Como conselho ao povo de Deus ela dizia:

Recomendo-vos, caro leitor, a Palavra de Deus como regra de vossa fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos “últimos dias”; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica. Assim tratou Deus com Pedro, quando estava para enviá-lo a pregar aos gentios.

Destaca-se a importância de Ellen devido a seu chamado profético ser no ano de 1844. Deus não deixaria seu povo arredio, como que cegos e sem entendimento, antes, levantou-se em 1844 uma luz menor que nunca teve por propósito e objetivo substituir a bíblia, mas exaltá-la. Em outro texto ela enfaticamente diz:

Escrevi muita coisa no diário que tenho mantido em todas as minhas viagens, e deve ser apresentado ao povo se for essencial, mesmo que eu não escreva mais nenhuma linha. Desejo que apareça o que for considerado conveniente, pois o Senhor me deu muita luz que desejo que as pessoas tenham; por que há instruções que o Senhor me tem dado para Seu povo. É luz que eles devem ter, regra sobre regra, preceito sobre preceito, um pouco aqui, um pouco ali. Isto deve agora ser apresentado ao povo, porque foi dado para corrigir erros e para especificar o que é verdade. O Senhor revelou muitas coisas que indicam a verdade, dizendo, portanto, “Este é o caminho, andai por ele.” Carta 117, 1910.

6. CONTRAFAÇÃO

A partir da cosmologia bíblica cristã, entendemos que o mundo vive em guerra, um conflito que envolve o resgate da humanidade do poder mortal do pecado. A segurança e a paz do homem foram perdidas, uma vez que o pecado se estabeleceu com a queda de Adão e Eva no Éden. Duas forças atuantes, o bem e o mal. Cristo e Satanás. O artigo irá se dispor do conceito de contrafação satânica, a contrafação se refere à disposição em reproduzir de modo fraudulento as ações de Deus.

Será explorado, de igual modo seu caráter antagônico em relação as ações divinas e a Palavra de Deus. O corte temporal estudado situa-se no ano de 1844. Segundo Ellen White (1988, p. 593) nos tempos finais da história: “Tão meticulosamente a contrafação se parecerá com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das Escrituras Sagradas”. Todavia, a contrafação nunca será perfeita para os que diligentemente estudarem a Bíblia.

6.1 Contrafações Religiosas em 1844

Na América, além de outras regiões do mundo, o ano de 1844 foi marcado por uma onda de acontecimentos no âmbito religioso. Os impactos desses eventos deixaram pegadas na história e religião, devido à notoriedade, de um dos principais episódios ocorridos no ano o autor Jerome L. Clark (1968, p. 15) comentou “dez palavras das Escrituras viraram o mundo de cabeça para baixo para milhares de americanos e dominaram o pensamento de centenas de milhares mais.”

Um dos principais estudiosos envolvidos no acontecimento, que consumará no grande desapontamento é William Miller, um ex. capitão da Nova Inglaterra que se tornara um forte pregador. Um dos principais movimentos relacionados ao ano carregou seu nome e sua liderança. Haverá uma seção em seguida que abordará o milerismo e suas implicações para o artigo de forma mais sucinta. Outro movimento protagonizado por Joseph Smith surgirá no mesmo ano, o mormonismo, que também terá ilustre espaço na pesquisa.

6.2 Contrafação e Milerismo

A primeira seção do artigo salientou a importância do milerismo no ano de 1844, simultâneo a ele surgia o mormonismo. Este segundo movimento, tal como o primeiro, é de grande relevância para o artigo, ele será abordado nas seções a seguir. Fazendo uma ponte com o início da experiência religiosa de Miller e o pai do mormonismo, declara John Bicknell:

Miller nem sempre tinha visto a mão de Deus na vida do mundo. Nascido em Massachusetts, ele era devoto quando era criança. Quando era adolescente, adotou o deísmo antes de se tornar um buscador ao modelo de Joseph Smith, o fundador do mormonismo, que era um contemporâneo mais jovem. (AMERICA, 2015, p.18, tradução nossa).

Segundo Bicknell, no mesmo contexto que o Milerismo se desenvolvia o mormonismo, seu fundador Joseph Smith desempenhará papel importante no artigo. Smith nasceu em 23 de dezembro de 1805 em Sharon, seus pais foram Joseph e Lucy Smith. A primeira visão recebida por ele, uma das pegadas iniciais do mormonismo, ocorreu em 1820 aos 14 anos de idade. Ao sair para um bosque, afirma que teve um encontro com a deidade. Foi em “Nova Iorque, na Primavera de 1820, Deus o Pai e Deus o Filho lhe apareceu para responder à sua oração sobre qual religião estava correta [...] estavam todos errados, e o personagem que se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à sua vista; que aqueles professores eram todos corruptos” (HOWARD et al. 1977 p. 2, tradução nossa).

A oração respondida na visão de Joseph iria além de uma mera resposta à uma indagação individual de um menino, ela seria base para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Essa resposta, também é uma declaração que permeia o conflito, entre a verdade e mentira das cosmovisões religiosas ao redor do mundo. Tal visão propulsora do movimento, não somente entra em confronto com inúmeras crenças, mas aponta para o ministério de Smith como o portador da verdade segundo as revelações de um anjo chamado Moroni.

Foi neste cenário histórico, o qual a mensagem do breve retorno de Cristo era pauta central, e se difundia o estudo das profecias bíblicas na América, em 1818 Miller chegou em suas conclusões. Dois anos após, ocorreria a visão do menino Smith.

De acordo com sua visão, Joseph era o suposto escolhido para pregar a verdade revelada pelas deidades que se comunicavam com ele, em detrimento de muitos outros personagens. Nas raízes do mormonismo Joseph é o escolhido, mas nisso se revela a contrafação ao chamado divino ao fazendeiro Miller. Sobre esse chamado, Ellen G. White escreve que Guilherme Miller “foi o homem especialmente escolhido por Deus para iniciar a proclamação da segunda vinda de Cristo.” (WHITE, 1988, p.317), confirmando assim a intervenção divina no chamado de Miller, e não à pessoa de Joseph Smith.

6.3 Mormonismo em 1844

No início do ano de 1844, a mensagem millerita da eminente volta de Jesus continuava a se expandir, Bicknell (2015) afirma que Miller não imaginava que suas palavras alcançariam, e preocuparia pessoas como Charles Finney e Joseph Smith. O impacto do referido movimento foi tão grande que trouxe insegurança a Joseph Smith, o que fortalecia essa oposição e contrafação ao movimento levantando por Deus, relatou John Bicknell (2015, p. 23, tradução nossa) a respeito desse conflito:

“Joseph Smith, que por volta de 1844 liderou uma florescente, se bem que ainda perseguida, nova religião, sentiu-se suficientemente ameaçado pelo movimento de Miller para tomar medidas para proteger a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias das seduções das crenças do fim do mundo de qualquer outra pessoa. Porque Deus não lhe tinha dado qualquer sinal de que o fim estava próximo [...]”

A vida, ensinos e visões de Joseph Smith contrafazem o movimento escolhido por Deus para anunciar à profecia de Seu retorno, entretanto o que dizer da data prevista por Miller, Jesus não voltou, teria Joseph Smith razão?

Em 22 outubro de 1844, segundo Timm estimasse que apenas do grupo millerita eram “entre 50 mil e 100 mil pessoas [...] formalmente” (2007, p. 19). Ao todo eram muitos à espera da volta de Jesus naquele dia, foram eles denominados como adventistas. Eles esperaram o dia todo, mas Jesus não voltou e a “amarga” experiência ficou conhecida na história como “O grande desapontamento”. Segundo Schwarz e Greenleaf (1988, p.317) “uma gigantesca onda de emoções negativas ameaçava afundar e destruir os crentes do advento”, todavia esse ocorrido não pode ser considerado ação maligna, e sim plano de Deus. Essa perspectiva também é partilhada por Maxwell, C. Mervyn “nos últimos anos tenho visto que a nuvem escura de 1844 tinha um lado tão brilhante que podemos falar dela como ‘a magnífica desilusão.’”

O evento ameaçou a fé dos adventistas, um dos grupos advindo do millerismo, todavia sua busca pelo esclarecimento bíblico da profecia não cessou. Ao avançarem como citado nas seções anteriores eles foram conduzidos por Deus a encontrarem inúmeras verdade bíblicas e obtiveram compreensão sobre o evento do desapontamento. Destarte, segundo Preez, a resposta a acusação de que todos esses eventos são meras coincidências é: “Não, 1844 e o surgimento do adventismo não são meros acidentes! São o plano de Deus para manter viva a chama da verdade em meio às trevas de engano que envolveram a história humana por volta da mesma época.”

Do pequeno grupo de crentes do advento, nasce um numeroso povo, o qual em detrimento do seu tamanho e necessidade organizacional veio a se tornar (oficialmente) em 1863 a Igreja Adventista Do Sétimo Dia. Nesse contexto, segundo o plano divino, é levantado um povo para resgatar as verdades que o inimigo de Deus “lançou [...] por terra” (Daniel 8:12). A partir desse espectro, pode-se então retornar as contrafações vindas da parte do mormonismo, divididas em três verbos respectivamente: diminuir, confundir e neutralizar.

Partindo da pessoa de Joseph Smith, considerado um profeta moderno dentro do mormo-

nismo, será trabalhado o primeiro verbo da contrafação mórmon, diminuir. No ano de 1844, Ellen White foi chamada, aos 17 anos, no mês de dezembro para revelar “que Deus tinha conduzido o Seu povo na sua experiência de 22 de Outubro, e que, se mantivessem os olhos fixos em Jesus, alcançariam em segurança a recompensa celestial” (WHITE, 1985, p. 69). Entretanto antes de seu chamado, um terreno “pedregoso” era preparado pelo poder controverso na intenção de diminuir a credibilidade do ministério de Ellen White.

Ela sofreu grandes ataques por parte dos crentes, e de início dos próprios adventistas. A noção de profeta moderno estava rechaçada na sociedade, isso devido a “muitos falsos profetas” (Mt 24:11) sobretudo por obra do falso profeta mórmon. Joseph Smith ainda no ano de 1844, levantou grandes suspeitas e críticas ao ressaltar a doutrina da poligamia, envolvendo-se em polêmicas e situações melindrosas.

“George R. Knight tem razão em salientar que a sua [Ellen White] rejeição, especialmente após a Grande Desapontamento, pode ser vista como uma reacção contra algumas formas extremas de agitação religiosa manifestada por aqueles que vieram a ser chamados espiritualistas, bem como por outros grupos como os Quakers e os Mórmons liderados por uma figura profética.” (KNIGHT, 1993, p. 321)

Segundo a citação anterior, os Mórmons estão listados como uma das manifestações religiosa que contribuíram para o referido terreno “pedregoso”, como também diminuir o ministério profético de Ellen White. Segundo os autores Schwarz e Greenleaf (1988, p.15) seu “fundador, Joseph Smith Jr., fez mais para chamar a atenção e suspeita para a ideia de um profeta moderno recebendo revelações diretas, do que qualquer um dos seus contemporâneos”.

O segundo verbo da contrafação, será trabalhado em cima do conceito básico dessa expressão, ou seja, uma tentativa de simular a verdade, falsificando a autenticidade do plano divino em sua essência. Esse ato se torna real mediante a intenção de confundir a doutrina verdadeira em detrimento da falsa, deformando o caráter e a ação de Deus na história. Há um pensamento popular que diz que a melhor mentira é aquela que se parece com a verdade, essa performance é uma das utilizadas pela Serpente no Éden para enganar os primeiros pais da humanidade (Gn 3). Em 1844 essa mesma contrafação, utilizada no passado, foi aplicada em oposição ao povo levantado para restaurar as verdades bíblicas.

A Mão divina mediante o movimento millerita, e os crentes no advento, estabeleceu um povo com finalidade de restituir as doutrinas de sua Palavra, os Adventistas do Sétimo Dia (doravante IASD). Como citou Jerome L. Clark (1968, p. 31) “Tal como William Miller, Smith foi um requerente, que tinha fundado o mormonismo após ter chegado à conclusão de que nenhum outro grupo religioso existente satisfazia as suas necessidades espirituais”. A igreja mórmon era suscitada por Joseph como portadora da sã doutrina, e possuía um alto grau de compatibilidade com a Igreja escolhida por Deus. Foi descrito que “ambas afirmaram ter um profeta que recebeu revelações diretas de Deus. Joseph Smith alegou ter tido visitas de anjos, assim como Ellen G. White” (CLARK, 1968, p. 109). Essas características potencializava o poder de confundir a igreja

verdadeira. Algumas outras evidências a seguir irão clarificar esse modelo de contrafação, como Clark descreveu que:

“O próprio nome ‘Santos dos Últimos Dias’ é uma expressão da crença mórmon no segundo advento, mesmo como ‘Adventista’ no nome ‘Adventista do Sétimo Dia’ é uma expressão dessa mesma crença. [...] Ambas as igrejas praticam o dízimo, defendem a liberdade religiosa, incluindo a separação da igreja do estado, praticam o batismo por imersão, e ensinam o relato de Gênesis sobre a criação [...] “são Fortes defensores da temperança, enfatizando e ensinando a total abstinência dos crentes do uso de bebidas alcoólicas e do tabaco [...] chá, café e álcool. [...] Os Dez Mandamentos são mantidos como regra de vida por ambos mórmons e adventistas do sétimo dia” (1968, p. 108, tradução nossa)

Essa forte paridade começa na nomenclatura das igrejas, e vai até suas práticas mais comuns que diferem a IASD de tantas outras doutrinas religiosas. A identidade doutrinária dos adventistas toma parte em dois de seus fundamentos principais, a crença na volta de Jesus e a guarda do Sábado. Na sequência será abordado pelo autor mais outras singularidades. A IASD é muitas vezes reconhecida pela mensagem de saúde, mas esse ensino singular também é associado pela igreja mórmon.

Pode-se concluir que a Igreja dos Santos dos Últimos Dias é uma forte contrafação. A diferença evidente é justamente o alvo mais forte do poder satânico, uma das doutrinas distintivas do povo de Deus através da história. Temos, pois, em Ezequiel 20:12, a afirmação divina: “Eu lhes dei os meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles; para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica. Embora tão semelhante, segundo Clark:

os dois grupos diferindo apenas no quarto mandamento. Os santos reivindicam uma ‘revelação dos tempos modernos’ para a guarda do domingo, mas Adventistas do Sétimo Dia, como seu nome indica, guardam o sétimo dia, sábado, como seu sábado, baseando sua prática na autoridade bíblica.

A Bíblia não falha, é uma instrução eterna, não necessitando de atualizações ou revisões, pois embora seus escritores tenham morrido o Autor é eterno. E Ele mesmo declara o motivo, “Porque eu, o Senhor, não mudo”. (Ml 3:6)

No terceiro e último verbo da contrafação traremos a tônica sobre a discussão anteriormente apresentada, a Bíblia. O parágrafo passado foi concluído se referindo a autoridade bíblica, e o princípio da “sola scriptura” como fundamento básico da fé. Os mórmons por sua vez possuem outros livros sagrados que alicerçam sua fé, o que tende a desvalorizar a Bíblia.

O “Livro dos Mórmons” (uma transcrição das placas douras entregues pelo anjo Moroni a Joseph) por sua vez, segundo Clark “[...] é a palavra de Deus e, como tal, constitui um acréscimo às Sagradas Escrituras e deve ser recebido em pé de igualdade com a Bíblia. Esse princípio não se detém apenas na igualdade, de modo que Joseph Smith:

“apresentou as suas revelações como uma fonte de revelação divina igual ou

superior à Bíblia. Smith criou um precedente entre os mórmons que significou que novas revelações suplantaram as mais antigas [...] Ellen White é excepcional no seu tempo porque resistiu ao título de profetisa e, ao descrever os seus escritos, não os colocou em pé de igualdade com a Bíblia. De facto, apesar de afirmar que as revelações que recebeu eram de Deus, recusou-se a desfocar os limites da canonicidade da Escritura, elevando os seus próprios escritos.” (TIMM, 2016 p. 321)

Precedidas por novas “revelações” e ensinos, muitas verdades acabaram se tornando “antigas”, o que leva os crentes a desvalorizar a autoridade da Bíblia. Por fim, embora o poder antagônico tentasse rebaixar a Palavra de Deus, seu povo escolhido continuava alicerçado no “assim diz o Senhor”.

6.4 Espiritualismo em 1844

No século XIX surgiram reavivamentos religiosos e emocionais, que propiciaram movimentos como o mormonismo e o espiritualismo, sendo este último, o objeto trabalhado como contrafação na presente sessão. Para o espiritualismo, o ano de 1844 é marca de seu surgimento, caracterizado por inúmeros fenômenos nos âmbitos psíquico e mental, além de eventos e experiências sobrenaturais. Precedente ao movimento, houve contribuição tais como os Shakers, e posteriormente em seu desenvolvimento as irmãs Fox. Estes concedem base a origem da contrafação em questão (Clark,1968).

Dentro de seus princípios elementares, encontra-se a doutrina da imortalidade da alma. A referida opõe-se a um dos principais fundamentos bíblicos defendidos pela IASD: A mortalidade da alma. Em Gênesis 2:17, Deus revela que as consequências do pecado levariam o ser humano a morte: Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. Em contrapartida Satanás pregou para Eva, algo que continua pregando atualmente, “Certamente não morrereis.” O conhecimento desse discurso maligno, dá base para uma melhor compreensão do movimento no ano de 1844.

O ano demarcou a origem do espiritismo, a partir dos eventos análogos aos que serão abordados na sequência. No Brasil em “1844, o Marquês de Maricá publicava um livro com os primeiros ensinamentos de espíritas divulgados no Brasil.” (ALIANÇA ESPÍRITA, 2015, p. 6). Em Nova Iorque no mesmo ano, um sapateiro cujo nome é Andrew Jackson Davis entrou em transe em um cemitério. Clark descreveu que durante a visão ele “acreditava ter se encontrado com fantasmas de Galeno e Emanuel Swedenborg em um cemitério. Os fantasmas o encarregaram de “reforçar os esforços ‘ineficientes’ de Cristo para regular a humanidade” (1968, p. 359). A mensagem proferida por Davis vai na direção contraria ao princípio bíblico fundamental, a salvação mediante a obra de Cristo.

Demonstrando íntima ligação com o mormonismo, o autor citado acima, amplia a similaridade entre “como Joseph Smith havia feito, ao reclamar dos ‘esforços ineficientes’ de Cristo para salvar a humanidade.” (1968, p. 359). Logo, embora viessem de correntes alternativas, as

contrafações possuíam o mesmo autor, e objetivo, neutralizar as ações divinas em 1844.

Fazendo um levantamento dos resultados da manifestação de Jackson Davis, foram estes exponenciais para o desenvolvimento do espiritismo. Schwarz e Greenleaf (1988, p.16) salientam que:

Foi Davis quem popularizou a clarividência e o transe espiritualista; ele foi de fato o primeiro médium popular na América [...] Nova Iorque, deu ampla publicidade nos Estados Unidos a comunicação com os mortos [...] estima-se que nessa época uns 350 mil nova-iorquinos acreditavam na comunicação com os mortos.

Esses relatos apresentam um grande avanço da mensagem espírita, a partir de sementes plantadas no ano de 1844. O número de pessoas alcançadas persegue o avanço da mensagem do advento. Sobre modo, neste mesmo ano, o espiritualista Eliab Wilkinson Capron relatou a respeito da manifestação na casa das Irmãs Fox:

Em geral, foi suposto, e assim publicado na maioria dos fenômenos, que os sons foram ouvidos pela primeira vez quando a casa foi ocupada por um Sr. Weekman (em 1848). Isto parece ser um erro, pois há pelo menos duas testemunhas cujo testemunho é registrado em um pequeno panfleto publicado por E. E. Lewis, Esq., em Canandaigua, Nova York, em 1848, que testemunham os sons sendo ouvidos por uma mesma casa ocupada em 1844. (SPICER, 1944, p. 5)

Entre suas várias manifestações e eventos, é notável a forte atuação maligna no despertar do espiritismo no ano. Os relatos revelam que o Espiritismo rejeita os princípios da Bíblia, uma evidência contida em suas raízes e origens. Swedenborg um dos maiores espiritualistas na América diz aceitá-la, todavia é ela [Bíblia] rejeitada em seus fundamentos e mandamentos (CLARK, 1968, p. 371). Esses episódios que ocorreram em 1844, tanto como as incorporações sobrenaturais, não foram obras divinas como é pregado por espiritas em geral. Ellen White afirma acerca de Satanás que: “Ele tem poder para fazer surgir perante os homens a aparência de seus amigos falecidos. A contrafação é perfeita; a expressão familiar, as palavras, o tom da voz, são reproduzidos com maravilhosa exatidão.” (WHITE, 1988, p. 552). Com plano de confundir a verdade do advento, desde o ano de 1844 o espiritismo tem crescido e levado muitos ao engano sobre as verdades da Bíblia.

6.5 Anti Denominacionalismo em 1844

O século preponderante no artigo, trouxe em seu fervor religioso e pós-reformas a propagação de diversas crenças dogmáticas. Em oposição a tal desenvolvimento e transmissão dos dogmas, surgiu o Anti Denominacionalismo. Em 1844 parte desse grupo, que será chamado de “Discípulos de Cristo”, participou da esperança da volta de Jesus compartilhada pelos milenaristas (CLARK, 1968).

O movimento é caracterizado pela busca da unidade do cristianismo, e defende que não é necessário se vincular ou criar várias denominações. Assim como os Mórmons, eles também possuem potencial de contrafação no que diz respeito a intenção de voltar as verdades bíblicas, se assemelhando com os Adventistas do Sétimo Dia. Seus fundamentos podem ser estabelecidos pelas seguintes premissas:

1. A Unidade da Igreja. Que a Igreja de Cristo na Terra é essencialmente, intencionalmente, constitucionalmente uma só.
2. Companheirismo Cristão. Que, embora deva haver congregações locais separadas, ainda assim devem ser uma sem cismas e discórdias.
3. Termos de Comunhão. Que nada seja exigido dos cristãos como artigos de fé a não ser o que é expressamente ensinado e ordenado a eles na palavra de Deus.
4. “Que o Novo Testamento é a autoridade suprema para os cristãos em todas as questões de fé e prática. (HARRELL, 1968)

Os principais nomes vinculados ao grupo são: Thomas Campbell e seu filho Alexander Campbell, em concordância com seu pai teve um papel fundamental na organização e crescimento do movimento. Suas filosofias de extinguir todas as doutrinas sem fundamento bíblico, unir a cristandade em um só pilar possuía uma aparência desejável. Entretanto, em parte suas implicações conotavam uma quebra a organizações religiosas, tal como ô seria necessário na Igreja Adventista em 1863. Logo essa perspectiva impulsionaria um olhar crítico ao desenvolvimento da IASD no decorrer dos anos.

Outro fator que poderia caracterizar o Anti Denominacionalismo como contrafação é uma contradição no que diz respeito a seguir toda a doutrina Bíblica. Como está escrito em Daniel 7:25 um dos principais enganos satânicos está ligado a “mudar os tempos e a lei”, e um dos seus grandes alvos é o 4º mandamento da lei de Deus. Conectando os pontos, ainda que as premissas desse movimento aparentam ser um resgate da verdade, segundo Clark:

As Igrejas de Cristo honram o domingo como o sábado do Senhor, em harmonia com praticamente todos os protestantes e católicos romanos. Alexander Campbell referiu-se ao sábado do sétimo dia como “judeu”, e ensinou que tinha sido eliminado na cruz, e que a celebração das ressurreições de Jesus era a razão do cristão para guardar o domingo.

Como os mórmons e a grande maioria das igrejas, eles anulam a guarda do Sábado em virtude do Domingo, participando assim da contração satânica, entrando em discordância com a Palavra de Deus em Êxodo 20. Uma das verdades que recebeu visível ênfase no ano de 1844 por correntes adventistas.

6.6 Dispensacionalismo em 1844

Um outro movimento que merece atenção, e se tornou uma doutrina aderida pela maior parte dos cristãos seguindo a ideia de unificação apresentada nos parágrafos anteriores) é a

teoria do “Dispensacionalismo”. John Nelson Darby por volta de 1844 pregava uma nova teoria a respeito da volta de Jesus, essa teoria segundo Ron du Preez não estava em harmonia com os ensinos bíblicos:

Essa é a parte mais alarmante e perigosa da teoria do arrebatamento – a crença de que pessoas terão uma segunda chance de salvação. A Bíblia, porém, em nenhum lugar ensina o arrebatamento secreto e muito menos uma segunda chance de salvação após a morte. O ensino consistente da Escritura é que o segundo advento de Jesus vai ocorrer apenas como um único grande evento: ele será pessoal e literal (Atos 1:11), visível e audível (Apocalipse 1:7; I Tessalonicenses 4:16), glorioso e triunfante (Mateus 24:30), cataclísmico (Daniel 2:44; 2 Pedro 3:10) e repentino (Mateus 24:38, 39, 42-44). (PREEZ, 2013, p. 3)

A crença no arrebatamento secreto, é uma das formas mais explícitas de contrafação no ano em que era pregado a volta literal de Jesus Cristo, tais prerrogativas de emaranhar os caracteres da volta de Jesus se mostram eficientes até os dias de hoje. Sua Palavra, contudo, é clara em dizer que “todo olho o verá” revelando uma realidade nada secreta conforme escrito em Apocalipse 1:7.

7. CONTRAFAÇÕES SOCIAIS EM 1844

Na seção anterior, os eventos que caracterizaram as contrafações satânicas no âmbito religioso são de grande importância para o objeto trabalhado. Na presente seção um estudo sobre o âmbito social no ano de 1844 demonstrará que o inimigo de Deus não deteve suas intenções apenas nos aspectos da religião, mas podemos destacar importantes eventos nas questões sociais.

O período social era caracterizado por uma resposta a Revolução Industrial. A Revolução trouxe muitos avanços tecnológicos, nos meios de produção, comunicação e transporte etc., todavia esse mesmo avanço não se demonstrou para com as classes operárias. Eles trabalhavam por longas jornadas e recebiam salários muito baixos. Esse espectro social problemático, causou uma forte insatisfação da população e muitos buscavam resolver esta realidade. Então chegou-se à conclusão que deveria ser instaurado um sistema de cooperação na produtividade, e não competição. De início a proposta do Socialismo aparentava ser a resposta para todos os problemas, essa visão utópica estava à tona, e para fortalecer essa ideia entra em cena um dos principais personagens dessa seção, Karl Marx (CLARK, 1968).

7.1 Marxismo em 1844

Em agosto do ano de 1844, Marx se encontrou com Frederick Engels (teórico revolucionário) em Paris, desse encontro se formou uma associação, que segundo Bauer “mudaria

o mundo” (1845, p. 1). Enquanto, era pregado a volta de Jesus e as verdades da Bíblia como solução para os problemas do mundo, Preez salientou:

Marx e Engels estavam proclamando que o caminho para a verdadeira felicidade era eliminar Deus da vida; que o caminho para a paz e segurança era através dos princípios do socialismo e comunismo; que eles podiam e haveriam de libertar os cativeiros do mundo e promover uma sociedade harmoniosa e sem divisão de classes na terra. (PREEZ, 2013, p. 2, 3)

Forte oposição era levantada por esse movimento revolucionário, contrariando os princípios bíblicos e suas soluções, muitos foram levados por ensinos humanos. Guiados por tal contrafação, eles seguiam caminhos e teorias de homens para alcançar uma vida feliz, ao passo que se distanciavam daquele que é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14:6).

Ainda no ano de 1844, foram fundadas sociedades que possuíam bases teóricas, princípios e ideias opostas a mensagem bíblica. Algumas inclusive com pressupostos equivocados que comprometem o advento de Cristo. Serão destacadas dentre elas: 1) Bethel, uma sociedade fundada por William Keil, que se autodesignou como um curandeiro místico, além de anunciar como uma das testemunhas de apocalipse 11:3 em desacordo com as profecias da Bíblia (CLARK, 1968). 2) Skaneateles, foi fundado por John A. Collins iniciando no primeiro dia de 1844. Eles se declaravam em completa descrença em relação a qualquer revelação divina ao ser humano; apontando todas as religiões como falsas; a Bíblia vista como sem autoridade; os milagres como inválidos e a crença cristã como remanescente do paganismo. (HUMPHREY, 1870)

As influências satânicas foram disseminadas nos fundamentos e teorias sociais, de forma a comprometer o avanço das verdades bíblicas. Tais empreendimento estava sendo implantados como obstáculos às ações divinas. De modo a impedir a proclamação do breve retorno de Jesus, e todas as verdades obscurecidas que seguiriam em sequência no ano e após 1844.

7.2 Feminismo em 1844

O ano referido foi palco de muitas discussões e lutas pela democracia e direito das mulheres, fortes agitações sociais estavam a combater ideologias e sistemas sociais. Muitas conquistas benéficas foram alcançadas, entretanto como foi assinalado previamente, a Bíblia foi um dos alvos principais de muitos teóricos e revolucionários na época. Em seus manuscritos de 1844, Marx trabalhou em suas entrelinhas a respeito de alguns aspectos que envolviam a relação matrimonial e social entre o homem e a mulher. Como salientou Sánchez (2003, P.136, grifo nosso): O jovem Marx toma a relação entre homem e mulher como a pedra de toque da relação entre os seres humanos precisamente devido ao elemento natural que ela contém. As intenções do filósofo tomaram vários rumos em seu desenvolvimento teórico, à medida que uma porção delas acabou se tornando fundamentos de grupos feministas mantenedores de

ideias contrários aos pilares bíblicos da família.

Além de combater e abrir a porta para o surgimento de vários grupos com ideologias antbiblicas, um dos principais desígnios dessa contrafação é desviar o foco dos seres humanos do real conflito existente na terra. Ellen White, referindo-se aqueles que se sentiram chamados a unir-se a movimentos de reivindicações feministas em sua época, alertou ao risco de “romper toda conexão com a mensagem do terceiro anjo” (WHITE, 2021, p. 404, grifo nosso). A solução para os problemas sociais do mundo já foi vindicada mediante o sacrifício de Cristo, todavia muitos estão sendo atraídos a soluções de homens incitadas pelo grande enganador.

8. A CONTRAFAÇÃO EVOLUCIONISTA (INTELECTUAL) EM 1844

Com base, na exposição razoável das contrações anteriores e suas diversas formas de atuação, é notório o interesse maligno particular no 4º mandamento da lei de Deus (Êx 20). O Sétimo dia da semana está intimamente ligado a adoração ao Deus Criador. A seção anterior, de igual modo abordou um dos pilares estipulados na criação da Terra, a família. Se o ser humano comprehende Deus como seu Criador ele chega ao limiar do conflito entre o bem e o mal, adoração. Em concordância com esse pensamento, Plenc discorreu:

Foi a oposição de Lúcifer ao Filho sendo honrado com toda a adoração, exatamente como o Pai foi, que começou o conflito no Céu. Este conflito é a raiz do pecado na Terra. A descrição de Ellen White dos estágios finais na Grande Controvérsia está centralizada em quem receberá nossa adoração. Cristo ou Satanás? (2008, p. 1)

A percepção que se obtém, é uma intensificação das ações de satanás para anular todo, e qualquer tipo de declaração de Deus como o Originador dos “céus e da terra” (Gn 1:1) para impedir sua adoração como Criador. O que era até então amplamente aceito pela sociedade cristã. Existiam muitas teorias que buscavam explicar a criação do mundo negando a existência de um Criador, porém não havia um acordo comum.

Foi então durante o emblemático ano de 1844, que Charles Darwin desenvolveu a parte preponderante de sua teoria da evolução. Segundo Preez (2013, p. 1), “Assim começou A Origem das Espécies de Darwin, um livro que revolucionou o pensamento científico e marcou o início da negação do relato bíblico da criação.” Os objetivos do enganador estavam se alastrando pelo mundo, e seu plano de apagar Deus da história da Criação estava sendo implementado. Segundo Clark a grande verdade sobre a evolução pode ser descrita na seguinte declaração:

A evolução surgiu como a falsificação do Sábado e das verdades bíblicas justamente no momento do surgimento do Movimento do Advento. Ela nasceu ao mesmo tempo porque Satanás temia o Movimento do Advento e não queria que suas verdades fossem ensinadas (1968, p.173, tradução nossa).

É visível a magnitude alcançada por tal teoria, ele descreve que essa teoria fez mais para quebrar a interpretação literal da criação bíblica do que qualquer outra ideia nos últimos 150 anos. Nos dias atuais ela permeia a maioria dos ramos das ciências humanas. Em meio ao Grande Conflito o movimento Adventista continua pregando sobre a volta de Jesus, e proclamado: “Adorem aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas». (Ap 14:7). O tempo pode passar, a verdade ser abafada pelas forças controversas, mas a Palavra de Deus “nunca muda” (Is 40:8), o mundo foi criado, e Deus é o autor.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas bibliografias da presente pesquisa, e determinada ênfase no objeto estudado, as ações divinas e contrafações satânicas se tornarão sobressalentes na ótica do Grande Conflito em 1844. Intervenções divinas revelando “o poder de Deus para a salvação” (Rm 1:16), e intenções satânicas de “enganar e destruir o povo apresentando-lhe uma contrafação em lugar da verdadeira obra” (White, 1988, p. 186).

Diferente dos demais, é um ano ilustre na história, datado teologicamente como cumprimento profético de Daniel 8:14 (TIMM, 2007). Suas esferas: religiosas, sociais e intelectuais foram matéria prima do conflito entre Cristo e Satanás. Este corte temporal evidência que “O real e a contrafação foram desenvolvidos ao mesmo tempo. Assim tem sido desde a primeira entrada do pecado no Jardim do Éden” (CLARK, 1968, p.173), e de igual modo, em 1844 e permanecerá até a proeminente volta de Jesus. Em seu desfecho, será então proclamado “O grande conflito terminou” (WHITE, 1988). Não mais engano ou subversão, apenas a verdade, o conflito, enfim cessou.

REFERÊNCIAS

AMERICA 1844: Religious fervor, westward expansion, and the presidential election that transformed the nation. Chicago, IL, USA: Chicago Review, 2015. 305 p., il. amarelo, 22 cm. ISBN 9781613730102.

BAUER. B. The Holy Family or Critique of Critical Criticism. Frankfurt: Foreign Languages Publishing House, 1845.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CLARK, Jerome L. 1844: religious movements. 1. ed. Nashville, USA: Southern Publishing Association, 1968.

DAVID, Howard A., D. R. Scales, W. L. Cowdery, and G. Passantino. WHO really wrote the book of Mormon. Santa Ana, ARG: Vision House Publishers, 1977.

FLEMING, Grace. The Importance of Historic Context in Analysis and Interpretation. ThoughtCo, 2021. Disponível em: <https://thoughtco.com/what-is-historical-context-1857069>. Acesso em: 11 abr. 2022.

FROOM, LeRoy Edwin. Prophetic faith of our fathers. 1. ed. WASHINGTON: Review and herald publishing association, 1954.

FROOM, LeRoy Edwin. Prophetic faith of our fathers. 1. ed. WASHINGTON: Review and her-

- ald publishing association, 1954.
- HARRELL, David E. Quest for a Christian America: The Disciples of Christ and American Society to 1866. Nashville, EUA: The Disciples of Christ Historical Society, 1966.
- HUIJGEN, T. Wim van de Grift, Carla van Boxtel & Paul Holthuis. Promoting historical contextualization: the development and testing of a pedagogy, Journal of Curriculum Studies, 50:3, 2018, Disponível em: [10.1080/00220272.2018.1435724](https://doi.org/10.1080/00220272.2018.1435724)
- HUIJGEN, T., van de Grift, W., van Boxtel, C. et al. Teaching historical contextualization: the construction of a reliable observation instrument. Eur J Psychol Educ 32, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10212-016-0295-8>
- KNIGHT, G. R. Millennial Fever and the End of the World: A Study of Millerite Adventism. Idaho, EUA: Pacific Press, 1993.
- MAXWELL, C. M. Magnificent Disappointment: a restored view of what really happened in 1844 and what it teaches us about Jesus and the Adventist church today. USA: Pacific Press Publishing Association, 1994.
- MYASHIRO, E. Aliança Espírita Evangélica. In: O Trevo. n. 471, 2015. Disponível em: <https://alianca.org.br/wp-content/uploads/arquivostrevos/02-mar%C3%A7o-abril-2015.pdf>. Acesso: 25 abr. 2022
- NOYES, John H. History of American Socialisms. Wallingford, EUA: Mount Tom Printing House, 1870.
- PLENC, Daniel. O culto como adoração: uma perspectiva de Ellen White. In: Dialogue, v. 20, n. 2. 2008, p. 15, 16. Disponível em http://dialogue.adventist.org/articles/20_2_plenc_p.htm – Acesso: 25 abr. 2022.
- PREEZ, Ron du. 1844: coincidência ou providência? In: Diálogo universitário. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. v. 18, n. 3, 2006.
- SCHWARZ, Richard W. Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Greenleaf, Floyd. Pontes, Francisco Alves de. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.
- SEKEFF, Gisela. O emprego dos sonhos. Domingo, Rio de Janeiro, ano 26, n. 1344, p. 30-36, 3 fev. 2002
- SPICER, W. A. “The Coming of Modern Spiritualism,” The Advent Review and Sabbath Herald, Washington, v. 121, n. 4, p. 5, 1944.
- TIMM, Alberto Ronald. O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Arlete Inês Vicente. 5 ed. revisada Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007.
- Esmond, D. N; TIMM, A. R. El don de profecía en las Escrituras y en las historias. USA: Inter-American División Publishing Association, 2016.
- WHITE, Arthur L. Ellen G. White: the early years 1827 - 1862. 1. ed. Washington, DC, USA: Review and Herald, 1985.
- WHITE, Ellen G. Testemunhos para a Igreja 1. 3. ed. Tatuí, SP: CPB - Casa Publicadora Brasileira, 2021.
- WHITE, Ellen G. O Grande conflito. 36. ed. Tatuí, SP: CPB - Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- Wim van de Grift, Carla van Boxtel & Paul Holthuis (2018) Promoting historical contextualization: the development and testing of a pedagogy, Journal of Curriculum Studies, 50:3, 410-434, DOI: 10.1080/00220272.2018.1435724
- A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White, pág. 64. (Reimpresso em Primeiros Escritos, pág. 78)

ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA INTERPRETAÇÃO ADVENTISTA DE DANIEL 11:40-45

Davi Vieira de Amorim
Isaac Vieira de Amorim

Resumo: A última seção do capítulo 11 do livro de Daniel tem sido um desafio hermenêutico no contexto da teologia adventista desde seu surgimento. Os estudiosos dessa seção têm buscado alcançar uma harmonia na compreensão dos significados apresentados nos versos 40-45 desse capítulo. O presente artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento da compreensão adventista desses versos, desde seus pioneiros até os estudos mais recentes (1861-2021). Neste sentido, o método empregado foi a análise bibliográfica. Os escritos de Cottrell (1951) e Were (1980) serviram de base para a compreender a posição dos pioneiros adventistas a respeito dessa perícope. Doukhan (2020) e Gane (2016) foram os estudiosos predominantes no contexto contemporâneo. Como resultado, percebe-se que há uma certa divergência por parte dos teólogos adventistas em algumas análises de Daniel 11:40-45. As discordâncias ocorrem devido a diferentes pressupostos tipológicos e culturais utilizados para a formulação de suas respectivas interpretações. Contudo, apesar de ser evidente que a compreensão adventista passou por inúmeras mudanças, pode-se notar um avanço na interpretação dessa passagem, como fora afirmado por Ellen G. White no século 19.

Palavras-chaves: Daniel; rei do norte; rei do sul; papado; pioneiros.

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo é um desafio interpretativo para os adventistas desde a formação de sua teologia. Estes têm empregado esforços para entender os significados envolvidos no texto, em especial nos versos 40-45, no qual refere-se ao “tempo do fim”. Em um Comitê especial dos historicistas da Igreja Adventista, em 1954, foi definido que não seria aconselhável dogmatizar interpretações desta perícope, uma vez que a Bíblia e o Espírito de Profecia não são claros quanto este assunto (WYK, KIM, 2015).

Isto não impede que a busca para entender os significados ali envolvidos não sejam realizados. No entanto, o estudo aprofundado de todo o capítulo não deve ser tratado de maneira descontextualizada e displicente. Com relação a isto, Tiago White declarou que “os capítulos 11 e 12 estão em conexão” (1870, p. 44-45, tradução livre)¹. Além disso, Hiram Edson contemplava o capítulo 10 de Daniel como “uma introdução à explanação dada nos capítulos 11 e 12” (1856, p.115, tradução livre)². De fato, os primeiros adventistas não faziam um estudo descuidado das profecias bíblicas, mas de uma forma dominada e apurada. Na perspectiva de Ellen White, “a profecia do capítulo 11 de Daniel atingiu quase que seu cumprimento completo” (1909, p. 14)³, indicando que eventos que marcaram o bloco desta períope ainda está para se cumprir.

Este cuidado minucioso foi mantido pelos estudiosos contemporâneos. Tanto o dr. Jacques Doukhan, quanto o dr. Roy Gane – que divergem em pontos significativos quanto a compreensão desta profecia - asseguram os desafios e os cuidados que devem ser considerados antes de se realizar alguma pressuposição quanto ao texto (DOUKHAN 2019 cf. GANE, 2016). Por conseguinte, as suas respectivas metodologias interpretativas divergem-se.

Dentro deste universo de discussão, há estudiosos que preferem ficar isentos quanto a emitir opiniões sobre este texto. O dr. Mervyn Maxwell, em seu comentário intitulado Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel, salienta que o conhecimento completo desta profecia não será obtido até que os eventos ali descritos se cumpram efetivamente (MAXWELL, 2013). Por conseguinte, fica a questão: Como dá-se o desenvolvimento da compreensão quanto a Daniel 11:40-45 por parte dos estudiosos adventistas?

O objetivo deste artigo é analisar o desenvolvimento da interpretação por parte dos pesquisadores adventistas quanto a seção de Daniel 11:40-45. Neste sentido, destaca-se os pressupostos tipológicos e culturais utilizado pelos respectivos autores, a fim de fundamentarem suas ideias. A metodologia empregada será uma análise bibliográfica, tendo os escritos de Cottrell (1951) e Were (1980) como base para a compreensão hermenêutica dos pioneiros adventistas, e Doukhan (2019) e Gane (2016) para o entendimento atual da períope. Sendo difícil a análise da opinião de cada estudioso adventista ao longo da história, o artigo apresentará as principais visões dos principais autores da Igreja.

1 “Chapters 11 and 12 are one chain

2 chapter x, is but the introduction to the explanation given in chapters xi and xii

3 The prophecy of the eleventh chapter of Daniel has nearly reached its complete fulfillment

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A Interpretação pioneira sobre Daniel 11:40-45

Os versos 40-45 tem sido alvo de grande discussão e debate desde o século 19. A identidade do “rei do norte” entre os pioneiros fora alvo de grande atenção para os estudantes da Bíblia na época. Mas para Louis Were, escritor e teólogo adventista, não resta dúvida que “os piedosos pioneiros do Movimento Adventista, de seus consagrados estudos da Palavra de Deus, chegaram à conclusão de que o poder referido nos versículos finais de Daniel 11 foi o papado” (1980, p. 351, tradução livre)⁴. Com relação a este assunto, havia uma grande divergência com a identidade do rei do norte de Daniel 11:40-45. Uriah Smith, um grande escritor e estudioso de sua época entre os adventistas, ao desvendar Daniel 11:36-45, “aplica o rei do norte geograficamente à Turquia.” (SILITONGA, 2001, p. 55, tradução livre). Em resposta a esta aplicação, Tiago White argumentou que sua

interpretação parece plausível. Mas se as pernas de ferro, e os pés de ferro e barro no segundo capítulo representam Roma, e se a besta e o chifre pequeno do sétimo capítulo representam Roma, e se o chifre pequeno do oitavo capítulo representa Roma, o Rei do Norte também representa Roma. Estas são quatro profecias paralelas irmãos, cada uma até a vinda de nosso Senhor (Were apud Wilcox, 1980, p. 351. tradução livre).

Além disso, ao utilizar a mesma linha de pensamento, White ressalta a lógica do livro de Daniel com relação a Roma Papal, sendo o último poder em todas as profecias. Logo, “todos concordarão que não é a Turquia que é lançado na chama ardente, mas a besta romana. Então, do capítulo 8, todos concordam que o pequeno chifre que levanta contra o Príncipe dos príncipes não é a Turquia, mas Roma.” (WHITE, 1877, p. 172, tradução livre). Ellen G. White chegou a falar sobre essas questões que estavam sendo debatidas, ao afirmar,

Meu esposo tinha, sobre certos pontos, algumas ideias que diferiam das de seus irmãos. Foi-me mostrado que, quanto fossem verdadeiros os seus pontos de vista, Deus não o chamaria para colocá-los diante de seus irmãos e criar diferença de ideias. Ele tinha a obrigação de manter esses pontos de vista subordinados a si mesmo, pois caso fossem levados a público, algumas mentes se apegariam a eles enquanto que outras, simplesmente por pensarem de forma diferente, os transformariam em um fardo à mensagem e levantariam disputas e dissensões.
[...] Duas vezes me foi mostrado que se deve conservar em segundo plano tudo

⁴ The godly pionners of the Advent Movement, from their consecrated study of the Word of God, came to the conclusion that the power referred to in the closing verses of Dan. 11 was the Papacy.

o que for de natureza a levar nossos pastores a divergirem dos pontos que são agora essenciais para este tempo. (2010, p. 50, tradução livre, grifo nosso)

Nota-se que a preocupação de White é com relação a importância do assunto para o tempo dela. Logo, ela não assume nenhuma posição de imediato pelo fato de o tema ser de segundo plano para o contexto em que estavam vivendo. No entanto, a redação da citação dada, parece inferir que a irmã White aprovou o ponto de vista de Tiago White, mas considerou imprudente insistir no assunto. (COTTRELL, 1951).

Hotma Saor Parasian Silitonga, em sua tese doutoral, publicada em 2001, analisa a obra de Smith e comprehende que o antigo escritor via “o rei do norte como Roma papal, aquele que possui o caráter do chifre pequeno de Daniel 7 e 8, culminando em 11:35” (2001, p. 57, tradução livre). Em outras palavras, nos versos 36-45, Roma Papal sai de cena para dar lugar a um poder especialmente político, “e tal poder foi a Turquia” (SMITH, 2020, p. 227). Sobre o método de interpretação usado por Smith, White afirmou que “devemos pisar levemente e tomar posições com cuidado, para que não sejamos encontrados removendo os marcos totalmente estabelecidos no movimento do advento.” (1877, p. 172, tradução livre). Semelhante a Smith, “Haskell aplica o reino do norte do tempo do fim em Daniel 11: 36-45 à Turquia.” (SILITONGA, 2001, p. 63, tradução livre). No entanto, para Were (1980), esta linha de pensamento não representa a totalidade dos pioneiros do Movimento Adventista do século 19. “Alguns anos depois, Uriah Smith tinha deixado a sua própria posição original, substituindo a Turquia por Roma” (COTTRELL, 1951, p.3, tradução livre)⁵

Ao comentar sobre a interpretação de Smith, Silitonga argumenta que o “rei do sul foi aplicado simbolicamente à França, porque ele associa ateísmo com ‘poder humano sem Deus’, prevalecendo durante a Revolução Francesa, no qual era característica do Egito” (2001, p. 55, tradução livre). Nesta perspectiva, “Smith acredita que Daniel 11:36-39 foi cumprida no tempo da Revolução Francesa” (SILITONGA, 2001, p.57, tradução livre). Ao partir de uma interpretação literal da profecia, Uriah enxergou “essa aplicação da profecia [...] para um conflito que teria surgido entre o Egito e a França, e entre a Turquia e a França, em 1798, ano que ... marcou o início do tempo do fim. (SMITH, 2020, p. 224).

Em contraste a esta ideia, Haskell aplica o rei do sul durante este período do islamismo com uma outra forma de escuridão egípcia. (SILITONGA, 2001). De fato, ele afirma ser o islamismo “este novo trabalho de Satanás” (HASKELL, 1908, p. 280) que deu prosseguimento ao trabalho de Roma Papal que havia caído em 1798. Ademais, “ele conclui que durante este iminente conflito, no que seria chamado de batalha do Armagedon (11:43-45), Turquia partiria da Europa, e a história da Terra seria curta” (SILITONGA, 2001, p. 63).

De forma geral, os pioneiros adventistas do século 19 enxergavam que o rei do Sul teria

5 some years after, Uriah Smith had shifted from his own original position, substituting Turkey for Rome

alguma ligação com o Egito, e que a sua influência estaria em oposição ao rei do Norte.

2.1.1 Daniel 11:45 e a Batalha do Armagedon

Seguindo a metodologia de Guilherme Miller, os pioneiros utilizavam a Bíblia como o principal e único guia na interpretação profética. A partir disso, os primeiros adventistas entendiam que, para a compreensão do livro de Daniel, era necessário volver-se os olhos ao livro do Apocalipse. Neste sentido, “entre os Adventistas do Sétimo Dia, Daniel 11:45 e Apocalipse 16:12 geralmente tem sido considerado equivalentes, ambos como a identidade do poder envolvido e do evento predito.” (COTTRELL, 1951, p. 1).

Tiago White, em sua declaração feita em “A Word to the Little Flock”, afirmou:

Miguel deve levantar-se quando o último poder no capítulo 11, termina, e ninguém o pode ajudar. Este poder é o último que pisa sobre a verdadeira igreja de Deus... Este último poder que pisa sobre os santos é trazido à luz em Apocalipse 13:11-18. O seu número é 666. (COTTRELL apud WHITE, 1951, p.2, tradução livre)

Logo, é possível notar que a interpretação, enfatizando Roma em vez da Turquia, era parte da mensagem adventista desde seu início. Sobre isso, o teólogo adventista Raymond F. Cottrell afirmou

a perspectiva que faz Roma o poder dos últimos versos de Daniel 11 e a batalha do Armagedon como o último conflito entre Cristo e Satanás, foi realizado unanimemente pelos pioneiros da mensagem adventista até o ano de 1863, e que, portanto, pode ser designado apropriadamente como “a visão dos pioneiros (COTTREL, 1957, 21).

De fato, os pioneiros adventistas compreendiam a batalha do Armagedon à luz de Daniel 11:45, como um Grande Conflito de proporções cósmicas. Sobre isso, White escreveu: “A grande batalha não é entre nação e nação, mas entre Terra e Céu.” (1877, p. 23). Em outras palavras, é igualmente evidente “que a interpretação que enfatiza a Turquia não tem qualquer reivindicação válida, nem de ser original com os Adventistas do Sétimo Dia, nem de ser a visão dos pioneiros.” (COTTRELL, 1957, p. 2)

Cottrell resume a compreensão dos pioneiros sobre a batalha do Armagedon em Daniel 11:45 como “o povo de Deus ser atacado pelos ímpios, mas libertado por Cristo e pelos seus anjos” (1951, p.3).

Ao concluir este tópico, ele declara:

De acordo com a visão dos pioneiros, quando os poderes do mal da terra saem para matar o povo de Deus, Cristo conduz uma fortaleza de exércitos do Céu para realizar a libertação deles; empunhando as armas reais, os ímpios matam-

-se uns aos outros e são mortos pelo brilho da vinda de Cristo. Enquanto Miguel se levanta para justificar a sua autoridade insultada, Babilônia, a grande, é julgada e chega ao seu fim, sem ninguém para ajudar (COTTRELL, 1951, p. 21)

2.1.2 Novo Método de Interpretação Profética

A partir de 1863, começou haver uma mudança na interpretação de Daniel 11, especialmente os seus últimos versos. Baseado no método protestante de interpretação profética, chamado de Eastern Question (Questão Oriental), os teólogos adventistas começaram a aceitar a ideia de que Daniel 11 tem aspectos mais literais e geográficos do que cósmicos. “A Questão Oriental foi entendida como referindo-se a assuntos relativos à Turquia e ao Próximo Oriente – onde está presente uma maior ênfase para o Extremo Oriente.” (WERE, 1980, p. 344)

O impulso que levou a isso ocorreu devido a dois eventos, a completa perda do poder secular do papado em 1870, em resultado da qual Pio IX proclamou ‘prisioneiro do Vaticano e o aumento da tensão entre Rússia, Turquia e Europa, ocasionado uma interferência no método de interpretação dos primeiros adventistas usados até então. (COTTRELL, 1951).

Este modelo de interpretação começou ser uma influência fortíssima especialmente no início do século 20, graças à ansiedade ocasionada pela Primeira e Segunda Guerra Mundial. A ideia do conflito de Daniel 11:45 e sua relação com o Armagedon, começou a ser vista como uma guerra estritamente militar, “pelo qual as nações do extremo Oriente se tornaram ‘reis do elenco’ da profecia”. (COTTRELL, 1951, p.14). W. A. Spicer (1903) chegou a afirmar que aquilo que os profetas de Deus há séculos atrás descrevem, o jornalista e o estadista moderno dão testemunho disso. Sem oferecer base bíblica para as suas afirmações, esta linha de raciocínio era apenas uma adaptação dos pensadores seculares que foi aplicada à profecia bíblica.

2.2 De volta ao modelo de interpretação pioneira no Século 20

Após os sucessíveis eventos bélicos que abalaram o mundo, os professores de Bíblia voltaram às Escrituras para compreender os aspectos proféticos. A Conferência Geral de 1950, fazendo o uso de um questionário sobre vários tópicos, “revelou de os professores de Bíblia em todos os colégios da América do Norte estarem agora em total acordo uns com os outros, sobre o ‘rei do norte’, o Armagedon e com os pioneiros da Mensagem Adventista.” (COTTRELL, 1951, p. 20, tradução livre).

Nesta perspectiva, Louis Were, “um dos primeiros a falar sobre a Turquia, Rei do Norte, [...] que tinham possuído o pensamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia por muito tempo” (WEST, 1980, p. 381, tradução livre), teve um papel fundamental na contribuição deste processo. Deste modo, ele “indica que uma correta compreensão da Dan. 11:40-45 deve ser encontrado entre povo de Deus” (SILITONGA, 2001, p. 63, tradução livre).

Em sua interpretação do “rei do norte” e do “rei do sul” dos últimos versos de Daniel, ele os “aplica ao papado” e a “um poder ateístico revolucionário” respectivamente (SILITONGA,

2001, 63-65). Were (1980) interpreta este “muitos sucumbirão” (Dan. 11:41, [NAA]) à apostasia dos membros da igreja, diante da opressão fortíssima por parte do rei do norte em obrigar os povos a observarem a lei do Domingo. “Este desvio à verdade, este povo de grande deserção da igreja, é profetizado em Daniel 11:41 a ter lugar quando o rei do norte entrar na terra gloriosa – o território - o território da igreja.” (WERE, 1980, p. 372, tradução livre). A invasão tem um aspecto fundamental na interpretação de Daniel 11, segundo Were (1980). Para ele, este “entrará também na terra gloriosa” (Dan. 11:41, [NAA]), “descreve o tempo em que a Igreja e o Estado se unirão para impor os mandamentos de homens que guerreiam contra os mandamentos de Deus.” (WERE, 1980, p.373, tradução livre). Os “rumores vindos do Oriente e do Norte” (Dan. 11:44, NAA), é visto por Louis como o alto clamor, “o último apelo de Deus para que todos tomem a sua posição ou do lado Dele, ou do lado de Satanás” (WERE, 1980, p. 374, tradução livre).

Outra figura importante na interpretação de Dan. 11:40-45 foi Roy Allan Anderson. “Ele refere-se a Daniel 11 como ‘notavelmente complexo e meticuloso, [mas] não está além do nosso entendimento’” (SILITONGA, 2001, p. 69, tradução livre). Para Silitonga (2001, p. 69, tradução livre), Roy

sugere ‘um poder maior do que o papado’. Ele chama a este novo poder de um ‘Socialismo ateísta mundial’. Ele baseia o seu argumento na frase “fará o que bem quiser” (Dn.11: 3, 16, 36 [ARA]). Anderson entende que cada vez que esta frase ocorre, ela introduz um novo poder. Ele assinala que esta nova potência incluiria também o papado.

Anderson entende que “as teorias de Karl Marx se infiltraram em todas as regiões da Terra, afetando a sociedade, a cultura e a religião”. (1981, p. 163, tradução livre), por isso este poder deve ser severamente considerado na interpretação de Daniel 11:40-45, segundo a sua perspectiva. A similaridade desta profecia com a revolução francesa, “resultou numa colisão frontal com a igreja, particularmente com o catolicismo romano.” (ANDERSON, 1981, p. 163, tradução livre) no início do movimento marxista, graças a inúmeras publicações por parte de Marx e Engels. No entanto, atualmente parece haver “mudança de atitude distinta tanto por parte do comunismo como do catolicismo” (ANDERSON, p. 163).

2.3 A perspectiva atual

A partir dos anos de 1980, muitas teses acerca das metodologias para a interpretação das profecias começaram a serem elaboradas por pesquisadores da Igreja. Entre elas, destacam-se a “tipologia”, na qual o dr. Richard Davidson estudou em sua tese doutoral. Esta exerceu considerável influência para as interpretações acerca da perícope, que sucederam posteriormente.

Neste sentido, antes de definir as posições interpretativas atuais da Igreja, é necessário distin-

guir tipo de símbolo. Diferente dos capítulos 2,7,8 e 9, Daniel 11 não apresenta símbolos, mas códigos, no qual podem ser definidos como “tipos” (HAYDEN, 2018). Em outras palavras, não é o aspecto simbólico, mas tipológico que deve ser levado em conta. Com isso, os métodos empregados para interpretação mudam consideravelmente.

Ao retratar sobre a definição de tipo, o dr. Richard Davidson afirma:

A concepção mais antiga (maiormente representada por autores antes de 1950) analisava a tipologia em termos de pré-ordenanças sagradas e preditivas. O mais recente consenso descreve tipologia em termos de correspondências históricas “atrelado” com a consistente atividade redentiva de Deus (DAVIDSON, 1981, 94. Tradução livre)⁶.

O tipo se difere da alegoria por se distanciar das fábulas, sendo indispensáveis a realidade dos fatos da narrativa (FAIRBAIRN, X). A tipologia também se difere da simbologia, uma vez que símbolos são objetos que expressam uma verdade geral, enquanto tipos expressam relações entre fatos históricos. Algumas características são marcantes para a identificação de tipologia textual como: intentos divinos, correspondência histórica, intensidade, direção ou movimento, cristocentricidade, história da salvação e um sistema e estrutura evidente (DAVIDSON, 1981).

Outro a ideia marcante da presença de um tipo é o encontro de um antítipo. Ao analisar a literatura bíblica, percebe-se que o livro de Apocalipse apresenta muitas imagens que remontam a seção de Daniel 11:40-45 (HAYDEN, 2018). Este paralelo pode ser representado pelo gráfico a seguir:

DANIEL	APOCALIPSE
Egito (Rei do Sul): Daniel 11:40-43	Egito (Espiritual): Apocalipse 11:7-8
Israel (Terra Gloriosa): Daniel 11:41	Israel (Remanescente): Ap. 7,12,14
Babilônia (Rei do Norte): Daniel 11:40-45	Babilônia (Mística): Ap. 13-18

Esta ideia tipológica é interpretada no texto de Ellen G. White, ao retratar o Egito da profecia como a França. Este seria o Rei do Sul que atacou o Rei do Norte em Daniel 11:40, na qual ela identifica como o papado (WHITE, 2021). O dr. Angel Manuel Rodriguez defende o estudo de Daniel 11:40-45 em paralelo com o livro de Apocalipse (RODRIGUEZ, 2022).

Porém este método não é defendido por todos os estudiosos adventistas. O dr. Roy Gane afirmar ser o capítulo 11 de Daniel literal e não um gênero Apocalíptico simbólico. Portanto, introduzir suposições a partir de gêneros literários desta espécie seria uma transferência ilegítima de gênero (GANE, 2016).

6 The older conception (mostly represented by authors before the 1950s) views typology in terms of divinely pre-ordained and predictive prefigurations. The more recent consensus describes typology in terms of historical correspondences retrospectively recognized within the consistent redemptive activity of God.

2.3.1 Compreensão Geral

Os pesquisadores adventistas afirmam ser esta seção diferente de todas as outras, por iniciar com a expressão “tempo do fim”, que aparece 5 vezes no livro de Daniel (8:17; 11:35, 40; 12:4, 9). A palavra Hebraica para fim é **תְּמִימָה** (qéts) que significa o “fim” desse “tempo do fim”, na qual Doukhan afirma ter início entre os anos de 1798 d.C a 1844 d.C (DOUKHAN, 2020). Para ele, esta perícope está envolvida durante o período do Dia da Expiação Escatológica, que ocorre no Santuário Celestial, uma vez que esta seção culmina em um evento que ocorre em torno do céu (v.45).

Segundo Doukhan, Daniel 11 é uma representação do conflito cósmico, apresentando uma estrutura quiasmática, tendo relação com os capítulos 8,9,10 e 12, sendo o versículo 45 uma apresentação do Amargedon, apontado por João em Apocalipses 16:16.

Acerca do conflito entre o Rei do Norte e o Rei do Sul, Doukhan não defende ser este conflito literal, mas simbólico. Segundo ele, a investida do Norte sobre o Sul (v.40) seria uma expressão idiomática- da junção dos verbos hebraicos - **וְשָׁתַּף וְעָבֵר** (Shatap weabar) - que em paralelo com Apocalipse 13:3, poderia significar a recuperação do poder papal após o “golpe” da Revolução Francesa. Neste sentido, Doukhan aponta ser o Rei do Norte um código para Roma Papal e o Rei do Sul um código para o ateísmo. O doutor William Shea e compartilha do mesmo pensamento (DOUKHAN, 2020 cf. SHEA, 2009). Porém, distinto desta interpretação, o dr. Roy Gane defende ser esta guerra literal, uma vez que ele envolve um conflito que já havia sido travado desde o versículo 30, no qual ele interpreta como o período das cruzadas. Uma vez que o islã não foi derrotado neste período, Gane aponta que os versos 40-43 retratam um novo conflito militar entre Roma Papal e o poder Islâmico (GANE, 2016).

Nos versos 41-43 aparece menções a alguns povos que que não haviam sido mencionados anteriormente no capítulo, exceto o Egito. A expressão “Entrará na Terra Gloriosa” [ARA], para Doukhan, significa uma perseguição maciça ao povo de Deus, sendo “Edom”, “Moabe” e “as primícias dos filhos de Amom” um código para representar os alguns membros dos movimentos ateístas e humanistas vão resistir e por um momento prevalecer sobre as forças religiosas (DOUKHAN, 2018). Esta interpretação é feita pelo paralelo a outros livros do Antigo Testamento, no qual estas três nações escaparam da destruição de Israel, ao entrar em Canaã (Dt. 2:19; Jz. 11:15; 2 Cr. 20:10; cf. Dt. 20:17) (DOUKHAN, 2020). Gane entende ser esta uma representação literal dos povos que habitam o que hoje é a Jordânia, uma vez que a designação do povo mudou ao longo do tempo, enquanto outras não- como o Egito, por exemplo (GANE, 2016).

O verso 44 afirma que uns “rumores” perturbará o Rei do Norte, fazendo com que esta saia com grande furor para “exterminar a muitos”. O dr. Roy Gane interpreta estes rumores como uma possível referência as três mensagens angélicas, anunciadas pelos anjos em Apocalipse 14:6-12 (GANE, 2016). Para o dr. Jacques Doukhan, a palavra “rumores”, vinda do hebraico **שְׁמֻעָה** (Shemuah), similar a expressão usada na canção do Servo Sofredor em Isaías 53:1, sugere

representar a vinda de Deus, e o terror humano diante da presença divina (DOUKHAN, 2020).

Por fim, no último verso do capítulo, Doukhan afirma ser este o último evento da batalha do Armagedon, como afirmado em Apocalipse 16:16, na qual figura-se a união dos poderes religiosos e seculares contra o Reino do Céus. Não se figura, portanto, um conflito literal entre o reino do Norte e o Reino do Sul, ou de forças políticas, ou um conflito religioso entre o islamismo e o cristianismo, mas de uma força espiritual mundana contra Deus (DOUKHAN, 2020). Diferentemente desta interpretação, Roy Gane entende ser este verso um prenúncio do Juízo pós-milênio, sendo, portanto, uma descrição literal da tentativa dos ímpios em tomar a cidade Santa, e o Juízo de Deus caindo sobre eles, como é apontado em Apocalipse 20:7-10 (GANE, 2020 cf. GANE, 2016).

Estas são as duas maiores vertentes interpretativas hoje no adventismo quanto a perícope de Daniel 11, definidas como interpretação clássica adventista e dispensacionalismo islâmico (...). Os estudiosos assumem posições dentro destas duas opções, divergindo em algum ponto ou outro em específico, ou recusando-se a emitir alguma opinião. Sobre a identidade dos dois Reinos nesta seção profética, tanto o classicismo adventista, quanto o dispensacionalismo islâmico seguem métodos diferentes de interpretação para o Reino do Sul, porém se convergem quanto o entendimento da identidade do Reino do Norte.

2.3.2 O Rei do Norte

Segundo Doukhan, o Reino do Norte em Daniel 11:40-45 é identificado como o chifre pequeno em Daniel 8:5-11 (DOUKHAN, 2019). Acerca disso, o dr. Roy Gane comenta:

Não pode haver nada sério questionar que o “chifre pequeno” de Daniel 7 e a fase religiosa do “chifre pequeno” em Daniel 8 (vv. 10-12; cf. v. 13) é o “rei do norte” em Daniel 11, pelo menos a partir do v. 31, e que este rei é o líder da igreja de Roma. Ele não pode representar apenas um único indivíduo, mas um cargo de liderança ocupado por uma sucessão de indivíduos durante um longo período, continuando até o v. 39 e até o “tempo do fim” (vv. 40-45), quando “ele chegará ao seu fim, sem ninguém para ajudá-lo” (v. 45). Assim, o “chifre pequeno” religioso finalmente “será quebrado – mas por nenhuma mão humana” [8:25; cf. 2 Tessalonicenses 2:8] (GANE, 2016, 314. Tradução Livre)⁷.

Nas demais profecias bíblicas, era comum a associação da região Norte com Babilônia, e ambos os símbolos estão em um contexto de usurpação da autoridade de Deus, similar a história da Torre de Babel (DOUKHAN, 2019). em Daniel 11 o Rei do Norte é característico de Babilônia, que em Apocalipse é o símbolo para o poderio de Roma Papal. Esta interpretação é defendida tanto pelo dr. Doukhan, e pelos doutores do século passado (H. LaRondelle, L. Were, E. Thiele,

⁷ “He cannot represent merely a single individual, but an office of leadership occupied by a succession of individuals over a long period of time, continuing through v. 39 and into the “time of the end” (vv. 40-45), when “he shall come to his end, with none to help him” (v. 45), just as the religious “little horn” finally “shall be broken—but by no human hand” (8:25; cf. 2 Thess 2:8”).

S. Haskell, D. Ford) e pelos estudiosos atuais (R. Gane, R. Younker, Tim Roosenberg).

2.3.3 O Rei do Sul

A palavra hebraica para Sul, nesta perícope é נֶגֶב (Neguev). Este nome faz referência a um deserto da região Sul de Judá, influenciada pelo Egípcios e fonte de mineração por parte dos povos antigos (....). Este aspecto do Egito torna-se ainda mais evidente no versículo 8, quando retrata uma das vitórias do Rei do Sul, na qual ele pega todos os despojos religiosos do Rei do Norte e leva para o Egito. Esta é a mesma atitude que tem o rei Nabucodonosor ao invadir Jerusalém (Dn.1:1). Isto era comum entre os povos da antiguidade, na qual recolhiam os despojos religiosos dos derrotados e levavam as capitais de seus respectivos reinos. Em outras palavras, o texto evidencia que o Egito seria a “capital” do Rei do Sul.

O doutor Jacques Doukhan segue esta linha de pensamento. Para ele, enquanto o Rei do Norte reivindica o status divino por meio de uma entidade espiritual, o rei do Sul reivindica a dominação política pelo poder humano autoconfiante. É interessante que o mesmo simbolismo era entendido pelo Antigo Egito, comprovada por uma inscrição no templo de Karnak, durante o reinado de Amnhotep III. Nela, era entendido que a orientação norte corresponde à dimensão celestial e religiosa, enquanto a orientação sul corresponde à dimensão terrena e humana (DOUKHAN, 2019). No que diz respeito o símbolo do Egito no livro do Apocalipse, Ellen G. White salienta:

A “grande cidade” em cujas ruas as testemunhas foram mortas, e onde seus corpos mortos jazeram, é “espiritualmente” o Egito. De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fez o rei do Egito. Quando, em nome do Senhor, a mensagem lhe fora levada por Moisés, Faraó orgulhosamente, respondeu: “Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel.” Êxodo 5:2. Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egito daria expressão a uma negação idêntica às reivindicações do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio (WHITE, 2021, 229).

O Dr. Gerard Damsteegt segue esta mesma linha interpretativa, afirmando que o poder ateísta formou o novo poder do Reino do Sul, que trouxe a “ferida mortal”, linguagem de Apocalipse 13:3, ao Rei do Norte. Isto se deu por meio da prisão do Papa Pio VI, em 1798, e expansão do pensamento ateísta na Europa por meio da Revolução Francesa (DAMSTEEGT, 2018). O dr. Ekkehardt Mueller também entende ser este poder uma representação do ateísmo e do secularismo, que ataca Babilônia (v.42-43), porém é destruída posteriormente por ela (MUELLER, 2022).

Porém esta interpretação não é o consenso dentro do pensamento adventista. Acerca da identidade do Rei do Sul, o dr. Gane afirma ser este uma representação do poder islâmico, em

especial nos versos 40-43. Isto dá-se pelo fato dos versos 23-39 serem entendidos como a ascensão política do papado e seu envolvimento nas cruzadas. Pelo fato do papado ser derrotado, Gane entende que o poder islâmico não foi sucedido por nenhum outro, mantendo-se até o verso 43. Sobre isso, ele comenta:

A mudança do Egito Ptolomaico para o islamismo deve-se a religião mulçumana. Isso está de acordo com o fato de que ao longo de Daniel 11, um poder supera outro apenas por meio de conquista militar ou sucessão política. A Grécia conquista a Pérsia, que depois é conquistada por Roma Republicana, tornando-se o rei do Norte. Após isso, Roma Imperial toma o lugar, sendo sucedido por Roma Papal. [...] Esta tenta derrotar o poder islâmico durante as cruzadas, porém falhou, e o poder islâmico continua até os dias de hoje (GANE, 2020, 53. tradução livre).

Esta interpretação é adotada pelos dispensacionalistas islâmicos⁸, na qual Doukhan afirma ser uma cisma com a compreensão clássica adventista desta seção profética (DOUKHAN, 2020).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, as diferentes ênfases na interpretação de Daniel 11:40-45 são vistas como um ponto de importância para a teologia adventista. A partir da perspectiva de Smith e Haskell, como apontado por Silitonga (2001), nota-se uma preferência ao método protestante de interpretação profética, como foi tratado anteriormente. Apesar de muitas divergências, à volta ao método de interpretação utilizado pelos primeiros pioneiros parece ser o mais viável. A utilização da Bíblia como a sua própria intérprete da profecia evitaria muitos erros na exegese da profecia.

Além disso, não há como enxergar esta seção sem a luz do livro de Apocalipse. Neste sentido, é válido notar que há uma conexão entre as descrições proféticas do último livro da Bíblia com o que é explanado em Daniel 11:40-45. Isso foi um fator crucial que levou à associação da Batalha do Amargedon de Apocalipse 16:14 com Daniel 11:45. Apesar da forte influência da Eastern Question (Questão Oriental), como abordado por Cottrell (1951) e Were (1980), ter sobre os adventistas entre o século 19 e 20, isso não foi um propulsor que os motivasse a retirar a conexão entre ambas as profecias.

Nesta perspectiva, é perceptível uma evolução metodológica no que diz respeito a interpretação desta seção de Daniel. Com o entendimento da tipologia na Bíblia, e o seu uso na interpretação profética, os estudiosos contemporâneos puderam chegar a conclusões similares aos pioneiros adventistas (que não possuíam uma compreensão ampla deste método). Neste

⁸ É uma abordagem interpretativa da profecia de Daniel, na qual partilha dos mesmos entendimentos que os historicistas e os futuristas, que os eventos de Daniel 11:40-45 estão no futuro. No entanto, os islamistas afirmam o papel do poder islâmico no confronto desta seção, especialmente na figura do Rei do Sul (DOUKHAN, 2019).

caso, Daniel 11:40-45 estaria em paralelo tipológico com Apocalipse. Doukhan (2020), Damssteegt (2018), Hayden (1986), Muller (2022), Rodriguez (2022) e Shea (2009) são exemplos de comentaristas que utilizam esta ferramenta hermenêutica.

No entanto, esta não representa a totalidade adventista, uma vez que estudiosos como Gane (2016), por exemplo, entende ser ilegítima associar um texto que, em sua visão, é literal, com um texto apocalíptico simbólico. Usando de uma linha chamada dispensacionalismo islâmico, Gane entende a profecia dentro de um escopo cultural e histórico.

O presente artigo buscou abordar o desenvolvimento da interpretação adventista quanto a seção de Daniel 11:40-45, analisando as metodologias e as influências que compuseram a compreensão deles. Neste sentido, foram estudados os principais autores que hoje compõem as principais ideias na Teologia Adventista. Para pesquisas posteriores, proponho um estudo sobre as influências culturais na Teologia Adventista, no que diz respeito a interpretação profética, e suas consequências, e em um estudo posterior, estudar as influências da metodologia hermenêutica protestante na construção do pensamento adventista, à luz dos escritos de Ellen G. White.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Roy A. Unfolding Daniel's Prophecies. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1981.
- COTTRELL, Raymond F. Pioneers view on Daniel eleven and Armageddon. Revised Edition, 1951. Fornecido por: James White Library Andrews University, Berrien Spring, Michigan.
- DAMSTEEGT, P. Gerard. A Prophetic History of Daniel 11 for Today. 4th International Bible Conference: Rome- IT, 2018. Disponível em: https://works.bepress.com/p_gerard_damstee-gt/92/
- DAVIDSON, Richard. Tipology in Scripture. 1 ed. Andrews University Press: Berrien Springs-MI, 1981
- DOUKHAN, Jacques B. Segredos de Daniel. 1 ed. Casa Publicadora Brasileira: Tatuí-SP, 2018.
- DOUKHAN, Jacques B. Daniel 11: Decoded. 1 ed. Andrews University Press: Berrien Springs - MI, 2019.
- EDSON, Hiram. The time of the Gentiles, and the Deliverance and restoration of the Remnant of Israel from Seven Times, or 2520 years of Assyrian or pagan and Papal captivity considered. Review and Herald, vol. 7, n. 15, p. 115. Jan. 1856.
- FAIRBAIRN, Patrick. Typology of Scripture. 4 ed. Kregel Classics: Grand Rapids- MI, 2000.
- GANE, Roy. Methodology for Interpretation of Daniel 11:2-12:3. Journal of the Adventist Theological Society, Bear Springs-MI, vol. 27, n°1-2. P. 294-343, 2016
- GANE, Roy E. Religious-Political Papacy and Islamic Power in Daniel 11. Davar Logos:, vol. 18, n° 2, p. 37-70, julho-dezembro de 2020.
- HASKELL, Stephen. The story of Daniel the Prophet. South Lancaster: Bible Training School, 1908.
- HAYDEN, Timothy J. A Review of Daniel 11 in Pastor Tim Roosenberg's Islam & Christianity in Prophecy: lesson 1. Sealed Remannet, 1986. Disponível em: <https://www.sealedremnant.com/uploads/2/3/7/6/23763183/ice.pdf>
- MAXWELL, C. Mervyn. Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel. 2 ed. Casa Publicadora Brasileira: Tatuí-SP, 2013. P. 312

- MUELLER, Ekkehardt. Lessons from Daniel 11–12. Biblical Research Institute. General Conference of Seventh Day Adventists, Columbia Pike Silver Springs-MD, 2022. Disponível em: <https://www.adventistbiblicalresearch.org/materials/lessons-from-daniel-11-12/>
- SILITONGA, Hotma S. P. Continuity and change in world rulers a comparative study and evaluation of Seventh-day Adventist interpretations of Daniel 11. 2001. 324f. Dissertação (Doutorado em filosofia) - Adventist International Institute of Advanced Studies Theological Seminary. 2001.
- RODRIGUEZ, Angel Manuel. What is the message of Daniel 11:40-45. Biblical Research Institute. General Conference of Seventh Day Adventists, Columbia Pike Silver Springs-MD, 2022. Disponível em: <https://www.adventistbiblicalresearch.org/materials/daniel-1140-45/>
- SHEA, William H. Daniel: Un Guía para el estudiioso. Pacific Press publishing association: Nampa-ID, 2009.
- SMITH, Uriah. Daniel e Apocalipse: A resposta da história para a voz profética. Fall Creek: Adventist Pioneer Library, 2020.
- WERE, Louis. Louis Were's Commentary on Daniel 11:40-45. Review and Herald. An exhaustive Ellen G. White commentary on Daniel. Oklahoma: Academy Enterprises, 1980a.
- WERE, Louis. The Eastern Question – Fertile Field for False Prophecies. Review and Herald. An exhaustive Ellen G. White commentary on Daniel. Oklahoma: Academy Enterprises, 1980b.
- WERE, Louis. The pioneers of the advent movement and the king of the north of Daniel 11:40-45. Review and Herald. An exhaustive Ellen G. White commentary on Daniel. Oklahoma: Academy Enterprises, 1980c.
- WEST, Harold. What Church Leaders Say about Louis Were. Review and Herald. An exhaustive Ellen G. White commentary on Daniel. Oklahoma: Academy Enterprises, 1980.
- WHITE, Ellen G. O Grande Conflito. 44 ed. Casa Publicadora Brasileira: Tatuí-SP, 2021.
- WHITE, James. Sermons on the Coming and the Kingdom of our Lord Jesus Christ. Battle Creek: Steam Press, 1870
- WHITE, James. Unfulfilled Prophecy. Review and Herald, vol. 50, n. 22, p. 172, nov. 1877.
- WHITE, Ellen. Testimonies for the Church 9. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1909.
- WHITE, Ellen. O Outro Poder. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.
- WYK, Koot van. KIM, Sook-Young. The Quo Vadis Problem and Solution in Historicism of Daniel 11. International Journal of Humanities and Social Science. Avondale University, vol. 5, nº 9, p. 99-135, September 2015.
- SPICER, W.A. The Gathering for Armageddon. Review and Herald, vol. 80, n. 42, p. 6-7, out. 1903.

ESTUDO SOBRE DANIEL COMO UM TIPO DE CRISTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O REMANESCENTE DO SÉCULO 21

Nathan Metonou

Renato Stencel

Resumo

Um dos temas amplamente estudados no livro de Daniel é a oração. É apresentada não como um último recurso em tempo de crise, mas como o estilo de vida de Daniel. Entre as orações mencionadas no livro, o nono capítulo registra uma oração na qual Daniel intercede de todo o coração pelo seu povo perante Yahweh. Tal oração é resultante da compreensão das profecias dadas a Jeremias sobre o período do cativeiro babilônico e o seu impacto na atitude dos cativos judeus. O tempo decorrido levou Daniel à procura de uma compreensão mais profunda sobre essa profecia. O conteúdo da oração intercessora de Daniel 9:1-19 expõe a possibilidade de Daniel como um tipo de Cristo. Este artigo visa examinar dois fatores: (1) analisar se há um conceito de tipologia existente entre Daniel e Cristo; e (2) deduzir tais implicações para os remanescentes no século 21. Esta pesquisa aplica o método histórico-gramatical do texto, analisando o contexto literário imediato e as características distintivas da tipologia bíblica no discernimento da relação entre tipo e antítipo. Esse último consiste em: correspondência histórica, dados linguísticos/sequenciais e escalada na história bíblica da redenção. Os resultados deste estudo revelam que: (a) existe uma correspondência histórica e temática perceptível entre Daniel e Cristo, tal como a vida de oração, a conspiração e traição, o caráter exemplar, o estabelecimento do reino de Deus etc. Tais características são observadas em passagens específicas no livro de Daniel e nos evangelhos em relação a Cristo; (b) os evangelhos sinópticos e o livro de Daniel partilham alguns dados linguísticos/sequenciais exclusivos e inclusivos, tais como, a glória e a autoridade condicionadas, palavras de gratidão a Deus, o dedo de Deus, quando se referem aos dois indivíduos, e (c) a notável relação entre os dois personagens no desempenho de sua missão retentiva na história bíblica. À luz das conclusões acima mencionadas, é possível dizer que: (1) segundo as características da tipologia bíblica, Daniel é um tipo de Cristo; (2) a atitude complacente dos cativos judeus apresenta algumas semelhanças com a dos remanescentes do presente século; (3) o Senhor precisa de cristãos que, como Daniel, estudem as Escrituras a fim de compreender os tempos em que estamos vivendo e se disponham a serem moldados à imagem e semelhança do Mestre enquanto aguardam a Sua vinda gloriosa.

PALAVRAS-CHAVE: Tipologias; intercessão; Daniel; Cristo; Remanescente

1. INTRODUÇÃO

Daniel 9:1-19 traz o registro da oração intercessora de Daniel que é precedida por uma visão em 8:1-27 e seguida por uma outra visão em 9:20-27. A perícope intercalada (9:1-19) é uma oração consequente à atitude dos cativos judeus e às profecias de Jeremias 25 e 29 sobre o período de tempo do cativeiro babilônico. O fim do cativeiro em questão e as circunstâncias imutáveis para o seu povo levaram Daniel à procura de uma compreensão mais profunda. Enquanto Daniel abre o seu coração ao Senhor, intercedendo pelos seus pecados e de seu povo, ele é visto como um provável tipo do grande intercessor, Jesus Cristo, o Antítipo.

Assim sendo, considerando o caráter da pessoa de Daniel, tal como retratado em seu livro e sua missão intercessora registrada no capítulo nove, pode-se levantar uma pergunta: Daniel é de fato um tipo de Cristo? Existe algum significado tipológico em seu ministério? O presente artigo tem um duplo objetivo: (1) analisar a hipótese quanto a existência do conceito de tipologia entre Daniel e Cristo; e, (2) analisar suas implicações para com o remanescente do século XXI.

Dessa forma, a pesquisa aplica o método histórico-gramatical analisando o uso das características da tipologia bíblica para discernir as relações entre tipo e antítipo. O primeiro visa entender objetivamente a períope que leva a perceber Daniel como um tipo enquanto o segundo visa a provar se de fato ele é. Isso será possível a partir de descrições e definições dos conceitos da tipologia bíblica, seguida de algumas características de como determinar o tipo de um antítipo. Assim sendo, a relação entre Daniel e Jesus será estudada à luz dos fundamentos acima mencionadas.

Esse processo que se inicia com uma exegese da passagem e em seguida uma avaliação tipológica é justificada pelo fato de que problemas acontecem quando um intérprete inicia um estudo tipológico diretamente do tipo a Cristo sem percorrer exegeticamente o desenvolvimento da aliança descrita no texto. Segundo a Schrock (2014), tal método apressado abre o caminho para alegorias e espiritualizações.

O objetivo é que o resultado deste estudo forneça, consequentemente, não só um significado teológico sólido para a oração de Daniel, mas também implicações para o remanescente contemporâneo.

2. ESTUDO CONTEXTUAL E EXEGÉTICO DE DANIEL 9:1-19

A períope inicia com um preâmbulo histórico-político, que evidencia o primeiro ano do rei Dario. Isso sugere que no momento da oração de Daniel, a Babilônia tinha sido derrubada por outro reino. A profecia sobre o fim do império babilônico havia sido predita (2:32), o império sucessor fora revelado em (7:17; 8:3-4) e o seu cumprimento teve lugar após a festa de Belsazar (5:30-31). Antes dessas profecias, Jeremias, o profeta, tinha anunciado o calendário e a sequência dos acontecimentos relativos ao cativeiro babilônico (Jr 25), e mais tarde, enviara uma

carta aos cativos judeus na Babilônia (Jr 29) para enfatizar a mensagem anterior (Jr 25). O cativeiro deveria durar 70 anos, após os quais Babilônia seria suplantada (Jr 25:11-12). Seguindo-se esses acontecimentos, estava o regresso dos cativos à sua pátria, Judá (Jr 29:10).

Com tais acontecimentos em mente, Daniel esperava o regresso dos cativos em breve, pois o próprio Senhor tinha prometido levá-los de volta, mas eles ainda estavam na Babilônia. Foi nesse contexto que Daniel estudou o livro de Jeremias. A carta de Jeremias destinada aos cativos judeus na Babilônia incluía o que eles deveriam fazer durante os 70 anos (29:4-8) e, também após esse período (Jr 29:12-14). O Senhor tinha dito para chamá-Lo, orar, procurá-Lo e então Ele os traria de volta. Era lógico, portanto, que Daniel cumprisse essa exigência não só para si mesmo, mas para o povo.

Embora investido com traje real (Dn 5:29), a gravidade da situação impõe um traje diferente do de Daniel (Dn 9:3-4). Ele intercede com pano de saco e cinzas que muitas vezes retrata: (a) espírito de jejum (Jo 3:5-9), arrependimento e confissão (Lc. 10:13; Ne. 9:1-2; 1 Crôn. 21:16), luto e tristeza profunda (Gn 37:34; 2 Sam. 3:31); (b) sentimento de vergonha (Joel 1:13), humildade (Is 58:5); desamparo (2 Reis 6:30); amargura (Ez. 27:31); medo (1 Reis. 21:27. Assim, tais expressões dão um vislumbre quanto aos sentimentos de Daniel no momento de sua oração (Dn 9:3).

Registrada na sua totalidade (Dn 9:4-19), essa oração revela a arte e a ciência da intercessão humana. Daniel confessou em primeiro lugar o seu pecado e o de seu povo (versículos 4-11). Depois, descreveu os resultados do seu pecado e de seu povo (versículos 11-14), e finalmente intercedeu pelo regresso de Israel (versículos 15-19). Ao começar a orar, Daniel apresenta ao leitor duas entidades distintas e descreve os atos de um para com o outro.

À primeira, Daniel atribui o nome de Yahweh devido à sua natureza divina. À segunda Daniel expressa os elementos humanos, apresentando as hierarquias: reis, príncipes, antepassados, o povo de Judá; os habitantes de Jerusalém e todo o Israel, tanto de perto como de longe, ou seja, a diáspora judaica (v6-7).

Em sua súplica, Daniel menciona uma palavra que envolve ambos elementos “בְּרִית” (hebraico. berit) traduzido como “aliança”. A construção gramatical ligada a este substantivo é “לֵאמֹוד בְּרִית יְהוָה” traduzida como “manter/mostrar misericórdia para com aqueles que O amam....” Daniel parece estar usando esta construção como um lembrete da primeira aliança feita com Abraão, aliança feita com um juramento (Gn 22,12-18), aliança perpetrada com seu filho Isaque (Gn 26,2-4) e reivindicada por Moisés como base legal para possuir a terra prometida (Dt 7,7-9,12).

A mesma construção hebraica do substantivo “aliança” anexado à frase do grupo “guardar/mostrar misericórdia para com aqueles que O amam...” em (Dn 9:4) é a mesma encontrada em (Dt 7:8). Objetivamente, ambas as passagens partilham o contexto da aliança de posse da terra. Daniel enfatiza ainda mais essa ideia mencionando a lei dada a Moisés como as cláusulas da aliança. Assim, Daniel apresenta essa aliança perante o Senhor no prólogo da oração. Tendo feito isso, Daniel continua descrevendo os lados.

Enquanto ele atribui a Deus: misericórdia (v4), retidão(v7), confiança(v12), Daniel confessa os pecados dos seres humanos no versículo 5, e repetidamente nos outros versículos (5-43) de: pecado הַטָּהָרָה” (hebraico *hāṭāhānū*), iniquidade “וְאַוִיָּנָה” (heb. *wə’āwînū*), maldade “גַּעֲשָׂרָה” (heb. *hiršā’nū*), rebelião “עַמְּרָדָה” (heb. *ūmārādənū*), abandonar “לֹזֶר” (heb. *wəsōwr*), em suma, mostrando que as ações do povo quebrando as cláusulas da aliança. Considerando a formação grammatical hebraica desses verbos, observa-se um uso contínuo da partícula נִ (heb. *nū*) que se apresenta como a primeira pessoa no plural; em alguns casos da oração, a mesma partícula desempenha o papel da primeira pessoa no plural possessivo (nossa) e do pronome reflexivo (-nos), indicando uma quebra coletiva da aliança em que Daniel se inclui (v7-13).

Além disso, pode-se notar a presença da partícula “לִ” (heb *ū*) que funciona aqui como uma conjunção aditiva que cumula os diferentes atos do elemento humano. Retrata uma evolução progressiva, longe do caminho concebido por Deus, resultando em um ato deliberado de cumprir os propósitos dos corações não convertidos. Essa dedução é apoiada pelo fato de Daniel dizer “não afastando-nos de nossas maldades” (v.13b). Depois de ter enumerado as ofensas do seu povo (v.4-13), Daniel menciona a seguinte palavra: “portanto” indicando que as obras dos cativos judeus causaram as consequências da sua situação atual. Haskell (1908, p. 62) afirma que:

Daniel percebeu que o pecado tinha obscurecido a visão de muitos dos professos de Deus. Alguns que estavam na Babilônia eram descuidados e indiferentes em relação à verdade de Deus. O amor pela Babilônia era forte no coração de muitos, [...] Os jovens, que tinham sido educados na cidade, tinham, muitos deles, como as filhas de Ló em Sodoma, partilhado tão largamente dos costumes que permaneceram entre os pagãos [...] O espírito de profecia foi passado com alguns comentários, ou caiu em ouvidos completamente surdos; embora em cativeiro, as condições presentes eram preferíveis à liberdade com o esforço necessário para a obter.

Ciente dessa condição, Daniel embarca em uma viagem de intercessão e súplica a Deus para que tenha misericórdia do destino de Israel (v14-19). Ele lembra a Deus o seu poderoso ato no Egito (v15), implora pela cidade de Jerusalém e pelo estado atual em que o santuário se encontra (v16-19). Daniel está preocupado com o regresso dos exilados. Ele está preocupado com o seu nível espiritual complacente e mais uma vez preocupado com as datas proféticas, o que resume a mentalidade com que Daniel o encontrou intercedendo pelo seu povo.

Estudando o livro de Daniel, Stephen Haskell, um pioneiro adventista, foi levado a ver o profeta como um verdadeiro tipo de Cristo. Ele afirma que:

perante o Pai temos um mesmo Cristo que suportou as nossas tristezas e carregou as nossas dores, que o seu próprio eu revelou os nossos pecados no seu próprio corpo. Daniel era um representante de Cristo, e tinha vivido tão perto de Deus, e conhecia-o tão intimamente, que o espírito que distinguia Cristo de todos os outros se manifestava também em Daniel (Haskell 1908, p.139).

De acordo com Gerard Damsteegt (1994) tal afirmação se origina pelo fato dos pioneiros

adventistas, terem feito uso do princípio bíblico da tipologia. Ele acrescenta, que os pioneiros costumavam fazer uma ligação entre instituições, pessoas e eventos em que o ministério de Cristo era literal ou simbolicamente refletido. Isso significa que instituições como o santuário, eventos como a páscoa, indivíduos como José, Davi e Moisés, foram entendidos em alguns contextos através do princípio bíblico da tipologia. Von Rad (1961, p. 35) explica isso: “A tipologia baseia-se no entendimento de que o mesmo Deus que se revelou em Cristo “deixou também os seus traços na história do povo da Aliança do Antigo Testamento” (apud Ninow 1999, p33). Por isso a ligação entre esses personagens bíblicos e Cristo.

Tendo compreendido o quadro contextual/exegético da oração intercessora de Daniel 9:1-19, que pode levar alguns a ver Daniel como um tipo intercessor de Cristo, a seção seguinte deste artigo mergulha no conceito de tipologia. Juntamente com a sua definição funcional, procura primeiro apresentar as características distintivas da tipologia bíblica e aplicá-las a Daniel para descobrir se ele se enquadra em ser um tipo do Antítipo, Cristo.

2. DANIEL ERA UM TIPO DE CRISTO?

2.1 Definição dos termos e características de Tipo e Antítipo

A Encyclopédia Bíblica Padrão Internacional (1988) apresenta a tipologia bíblica como o conceito que consiste em duas entidades, a saber: um tipo e um antítipo. O tipo pode ser uma pessoa, uma instituição ou um evento que revele alguma correspondência a um objeto superior chamado antítipo. Tendo em conta que o fator de ligação entre eles é a semelhança e a correspondência.

Segundo ao John Drane (1978, p.199), a tipologia tem sido uma das formas através das quais o Novo Testamento utiliza o Antigo Testamento. Beale (2012) classifica três categorias de estudiosos que tiveram impacto no meio acadêmico da tipologia bíblica: (A) Aqueles que defendem o princípio de John March (1757-1839), que se pode determinar como um tipo quando: a palavra grega *typos* ou o seu sinônimo é mencionado no texto (Rom. 5:14; 1 Cor. 10:6; Os 11:1 em Mt 2:15) ou quando o contexto imediato indica a fórmula de cumprimento (por exemplo, “para que se cumprisse...”). Reconhecendo a realidade inegável que alguns tipos também são óbvios na mensagem teológica central da unidade literária, e não exclusivamente nos detalhes minuciosos de um determinado verso, leva ao segundo grupo: (B) aqueles que seguem a linha de Patrick Fairbairn (1805-1874) de que existem características distintivas para determinar se uma entidade é um tipo dum determinado antítipo. Ao fazê-lo, deve-se usar os traços distintivos como um padrão para avaliar o tipo provável antes de se atribuir tal título. Por último, grupo (C), os adeptos de Johannes Cocceius (1603-1669), feitos daqueles que, por meras semelhanças, procuram tipos e os encontram onde pode não haver nenhum.

Mendieta (2015, p. 62) revela que entre os pesquisadores adventistas, é possível encontrar propostas semelhantes de três abordagens diferentes, a saber: (1) Tipologia Fechada, que corresponde ao grupo A, o que sugere cautela ao explorar tipos não explícitos mencionados; (2)

Tipologia Controlada, que corresponde ao grupo B: que faz uso do senso comum, da tradição cristã, bem como dos controles bíblicos através das contribuições de estudiosos como Hasel, Murdoch, LaRondelle, e Davidson. Isso ajudou a estabelecer parâmetros bíblicos sólidos utilizados para detectar relações tipológicas nas Escrituras. Curiosamente, Mendieta (2015) afirma que as estruturas tipológicas de Davidson são o sistema hermenêutico mais detalhado para uma tipologia controlada dentro do adventismo atual. Finalmente, o (3) grupo C de correspondência de tipologia quase-controlada, pelo qual alguns estudiosos adventistas avançam uma visão mais aberta da tipologia. No entanto, é necessário cautela para não cair em especulações alegóricas, nas quais esse método pode facilmente degenerar. Para efeitos deste trabalho, o estudo adotará a visão do grupo B (Tipologia Controlada), devido à sua posição equilibrada.

Mendieta (2015, p. 64) afirma que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tentou manter uma posição equilibrada sobre o conceito. Ou seja, por um lado, continuou a refutar abordagens literalistas à tipologia e, por outro, restringiu toda e qualquer forma de sobre-espiritualização da tipologia. Essa posição foi adotada devido à força decisiva que ela ocupa no pensamento teológico e a ortopraxia adventista.

É digno de nota que o exercício da tipologia não é um fim em si mesmo, mas um meio para os destinatários do seu produto. Em outras palavras, o conceito bíblico de tipologia não deve limitar-se apenas a encontrar um tipo e um antítipo, mas deve ter um impacto sobre os seus ouvintes. Gerhard von Rad (1952, apud Fabiny, 2009) deixa claro que o ponto principal deve ser “o kerygma”, que é a pregação do evangelho. Em outras palavras, Von Rad (1952) salienta mais o lado teleológico da tipologia. As pesquisas do Charity (1966) chegam à mesma conclusão de Von Rad (1952). Para ele, a tipologia funciona como imperativa e não indicativa no sentido de que é um meio pelo qual as pessoas devem ser desafiadas com a ação de Deus que as levará a tomar mudanças drásticas nas suas vidas.

Nessa linha de raciocínio, a definição funcional adequada para esta pesquisa será a de Baker (1975 apud Davidson 1981 p94 e Ninow 1999, p. 42), que diz: um tipo é um evento bíblico, pessoa ou instituição que serve de exemplo ou padrão para outros eventos, pessoas ou instituições. Ele também diz que a tipologia é o estudo dos tipos e das correspondências históricas e teológicas entre eles; a base da tipologia é a atividade consistente de Deus na história do seu povo escolhido.

Seguidos por essa definição operacional de tipologia, são as características distintivas que desempenham o papel de determinar se uma entidade é o tipo de um determinado antítipo. Para estabelecer relações tipológicas, Hamilton (2018), Philpot (2008), Link e Emerson (2017) afirmam que existem três conjuntos observáveis de dados que são comuns aos tipos e antítipos, que são: correspondência histórica, os dados linguísticos/sequenciais e o desdobramento no fluxo redentor-histórico do AT.

É digno de nota afirmar que por correspondência histórica, entende-se: os eventos históricos paralelos em que o tipo e o antítipo partilham um tema desenvolvido. Pelos dados linguísticos/sequenciais, entende-se: a obra literária composta de construção de frases, expressões,

narrativas escritas ou sequência de eventos na narrativa própria tanto do tipo como do antítipo. Finalmente, o elemento redentor-histórico refere-se às implicações do antítipo no enredo maior da redenção bíblica. É a partir destes parâmetros que se pode decifrar se existe uma relação tipológica e como proceder na análise dessa relação. De fato, a sequência seguinte de parágrafos apresentará em sequência os três conjuntos de dados observáveis anteriormente mencionados.

2.2 - Avaliação de Daniel como Tipo e Antítipo de Cristo

2.2.1 - Correspondência histórica e temática

Esta seção revela a relação histórica e temática entre Daniel e Jesus.

TEMAS	DANIEL	JESUS
<i>Em primeiro lugar, enfrentaram a tentação alimentar em condições prementes, mas ainda assim superadas.</i>	Daniel resistiu à tentação sobre à alimentação sugerida pelo rei para honrar o nome de Deus (Dn 1:8)	Jesus resistiu à tentação sobre a alimentação sugerida por Satanás para honrar o nome de Deus (Mt :4).
<i>Em segundo lugar, ambos são dotados de uma sabedoria incomum por Deus.</i>	Todos no reino reconheceram que a sabedoria de Daniel era notável pelos seus contemporâneos (Dn 1:4,17; 5:10; 6:4).	Assim também Jesus foi visto como tal (Mt 13,54; Lc 2,40,52).
<i>Em terceiro lugar, o seu estilo de vida foi marcado por uma oração sincera.</i>	Daniel era um homem de oração que orava em tempos bons e em tempos delicados independentemente das consequências de morte que o ameaçavam (Dn 2,6,9)	Jesus era um homem de oração que orava em tempos bons e em tempos delicados independentemente das consequências de morte que o ameaçavam (Mt 26:36-46).
<i>Em quarto lugar, revelar o mistério do reino e da sua vinda é a sua mensagem principal.</i>	Entre os profetas, foi Daniel que revelou as coisas mais profundas sobre o reino de Deus e o seu estabelecimento na terra. Ao longo da história. Ao fazê-lo, ele menciona o filho do homem. (Dn 2,7-12)	Jesus revelou lições muito profundas sobre o Reino de Deus e o seu estabelecimento na terra. Ao fazê-lo, ele menciona Daniel. (Mc 4,26-32; Mt 24,15).
<i>Em quinto lugar, em detrimento das suas vidas, eles estão prontos para salvar outras pessoas.</i>	Daniel oferece sua vida em garantia pela vida dos sábios e amigos ao apresentar-se perante o rei como aquele capaz de resolver a situação face ao decreto de execução pendente (Dn 2,24)	Jesus, por outro lado, dá a sua vida pelo mundo e pelos seus amigos ao apresentar-se perante o Pai como o sacrifício perfeito. (Mc 10,45)
<i>Em sexto lugar, eles lembram os monarcas a sua fonte de poder e autoridade.</i>	Daniel diz a Nabucodonosor que o poder que ele tem, lhe é dado por Deus (Dn 2:37);	Jesus informa Pilatos que o poder que ele exerce, lhe foi dado do alto (Jo 19:11)

<i>Em sétimo lugar, eles são promovidos depois de desprezarem as suas vidas.</i>	Foi depois desse ato de risco de vida como mencionado acima, que Daniel foi promovido a uma posição mais elevada no império, tanto em território como perante os cidadãos (Dn 2:48)	Como rei ressuscitado que enfrentou a morte, Jesus foi altamente elevado pelo Pai ao receber o domínio sobre o mundo e os seus habitantes (Mt 28:18; Fil. 2:9; Ap 12:4,5,12).
<i>Em oitavo lugar, ambos são prometidos honra e glória pelos rebeldes de Deus.</i>	No capítulo 5, Daniel é introduzido na corte real onde Belsazar estava a profanar os utensílios do templo de Deus. Ele promete a Daniel roupas reais (vestido de escarlata, corrente de Deus) e uma posição de governante sobre o reino (Dn 5:16).	Jesus é prometido não a roupa real, mas o significado da roupa (glória). Lhe é também prometida uma posição de governante como proprietário do reino da terra (Lc 4:5-8)
<i>Em nono lugar, são vítimas de conspiração de funcionários altamente graduados.</i>	Enquanto os presidentes e sátrapas se reuniam no palácio e conspiravam contra Daniel (Dn 6:6)	O sumo-sacerdote reuniu-se no palácio e conspirou para matar e prender Jesus (Mt 26:3-4).
<i>Em décimo lugar, milagrosamente libertado da morte imediata pelos anjos.</i>	Daniel foi deixado na cova do leão, pelo amor fiel de Deus, um mensageiro celestial veio ao seu socorro (Dn 6:23)	Jesus estava prestes a ser atirado de um penhasco, um mensageiro celestial veio ao seu socorro (Lc 4:29).
<i>Em décimo primeiro lugar, Gabriel aparece na narrativa como mensageiro em resposta às orações</i>	A crise de angústia de Daniel, quando o coração estava entristecido, Gabriel foi enviado com uma resposta para fortalecer Daniel. (Dn 9:20-23)	Na crise de angústia de Jesus, quando o coração estava entristecido, Gabriel foi enviado com uma mensagem para fortalecer Jesus Cristo. (Mc 14:32-42)

2.2.2 - Correspondência linguística/eventos sequenciais

2.2.2.1 Correspondência linguística

O próximo conjunto de dados observáveis é o da correspondência linguística/dados sequenciais. A seção inicia com a correspondência linguística na qual são discutidos os diferentes esquemas mecânicos envolvidos entre Daniel e Jesus, em seguida, a seção apresenta um fluxo sequencial de eventos idênticos. A correspondência linguística estudada neste contexto e que revela as relações tipológicas entre Cristo e Daniel é o tema a seguir: O louvor da revelação dos mistérios do Reino de Deus (Mt 11:25-27; Lc 10:21-22; Dn 2:20-23)

A partir das passagens de (Mt 11:25-27; Lc 10:21-22 e Dn 2:19-23), pode-se observar a correspondência linguística entre Jesus e Daniel. (Mt 11:25-27 e Lc 10:21-22) trazem registos das palavras de louvor que Jesus proferiu a Deus revelando os seus mistérios a alguns e não a todos. (Dn 2:19-23) revela as mesmas palavras, apenas que são ditas por Daniel. Werner Grimm

(1984) e Hubert Frankemölle (1980) notaram os paralelos verbais existentes nas passagens. Estas são palavras-chave de ambas as passagens que são repetidas: louvores, Deus, oculto, sábio, revelado, conhecimento.

Uma análise cuidadosa das passagens revela uma estrutura quiástica em forma de A-B-B'-A'. Curiosamente, Grimm (1984) concorda com esta estrutura. O conteúdo da estrutura diz (A) para louvar a Deus e (B) para motivos de louvor:

A - Louvor (Mt 11:25a; Lc 10:21a; Dn. 2:20)

B - Motivos de louvor (Mt 11:25b; Lc 10:21b; Dn. 2:21)

B - Motivos de louvor (Mt 11:26; Lc 10:21c; Dn 2:22)

A - Louvor (Mt 11:27; Lc 10:22; Dn. 2:23)

Pode-se, portanto, deduzir que existe um contexto temático semelhante, no qual Deus, o dono da sabedoria, é soberano na escolha a quem pode revelar coisas ocultas. No entanto, Daniel e Jesus louvam ao Senhor por tê-las usado como canais para revelar um mistério. Os temas, as palavras seletivas, a estrutura das passagens, revelam uma correspondência linguística. Esta correspondência linguística reforça o fato de Daniel ter sido divinamente designado por Deus para revelar os mistérios sobre o reino, as coisas que virão e as escatologias. Dessa mesma forma Jesus foi igualmente usado por Deus para revelá-las.

2.2.2.2 Correspondência Sequencial

Daniel 6 apresenta uma sequência de acontecimentos que cria uma correspondência sequencial com os dados registados nos últimos capítulos dos evangelhos sinópticos, especialmente em referência aos acontecimentos em torno da paixão de Cristo (Mt 26-28; Mc 14-26; Jo 19).

Os presidentes e os príncipes, dois grupos de pessoas procuram um motivo para acusar Daniel e matá-lo (Dn 6:4). Também o chefe dos sacerdotes e os escribas, dois grupos de pessoas, procuraram uma acusação contra Jesus (Mt 26:1-5; Lc 22:1-6; Jo 11:45-57).

Em Daniel não foi encontrada corrupção (Dn 6:4) e, também não foi encontrado qualquer testemunho contra Jesus (Mc 14:55; Jo 19:4). Finalmente, acusaram ambos através duma artimanha (Dn 6:7; Mt 26:65). Vivendo nos seus contextos sociais respectivos, Daniel foi acusado de transgredir a lei medo-persa enquanto Jesus foi acusado de transgredir a lei dos judeus (Dn 6:12-13 Jo 19:7).

Afetados pelas notícias, os responsáveis políticos em ambos os casos tentam o seu melhor para salvar os indivíduos conspirados, mas sem sucesso. A Dario não é oferecido qualquer fundamento para negociar a lei dos medo-persas, enquanto Pilatos encontra resistência com o povo querendo a morte de Jesus (Dn 6:14; Mt 27:24).

Ambos os relatos registram a confiança que Daniel e Jesus depositaram em Deus durante estes tempos de provação excruciente. Daniel confiou no seu Deus e Jesus no Pai (Dn 6,23; Mt 27,43). Daniel foi levado à cova dos leões (Dn 6:16) enquanto Jesus foi colocado no sepulcro (Mt

27:60). Ambos os locais foram fechados com uma pedra (Dn 6:17; Mt 27:60). A sequência de dados registra os selos de ambos os governantes sobre as pedras (Dn 6:17; Mt 27:60).

Surpreendentemente, ambos registram o período dos seguintes eventos. Foi muito cedo pela manhã que o rei encontrou Daniel vivo e o chama para fora da cova (6:19,23). Por outro lado, o Pai enviou o anjo muito cedo pela manhã para chamar Jesus para fora da sepultura (Mc 16,1-8; Lc 24,1-12; Jo 20,1-9). Como Deus, salva Jesus da sepultura, assim também Deus ressuscita Jesus Cristo dos mortos (6,28. Gl1,1).

Esta correspondência sequencial de dados transmite a mensagem de que Daniel e Jesus experimentaram a mesma provação e provaram ser vitoriosos ao confiarem no Senhor. Verifica-se uma vínculo obvia entre as duas figuras. A partir da história de Daniel, pode-se ver um vislumbre do que Jesus passou. Não sendo totalmente o mesmo, o princípio da escalada na tipologia bíblica aparece de tal forma que o tipo não pode corresponder aos traços do antítipo, no entanto, deveria haver uma escalada maior do tipo para o antítipo. Neste contexto, Jesus sofre esta trama como o caminho para a cruz, que constitui o propósito da sua missão aqui na terra.

Seguindo as correspondências linguísticas e eventos sequenciais, a tipologia entre Daniel e Jesus se vê também no papel que Daniel atua na linha da redenção bíblica, apontando para o ministério intercessor de Jesus.

2.2.3 O papel de Daniel na narrativa histórico-redentiva

À luz do nosso raciocínio, pode-se observar que duas correspondências foram analisadas com a pessoa de Daniel, a saber, as correspondências histórico/temáticas, juntamente com as correspondências linguísticas e sequenciais de eventos. A essas duas correspondências que determinam a relação tipológica entre duas entidades, juntam-se a terceira que é a narrativa histórico-redentiva.

Ellis (2003) justifica a importância capital dessa terceira pela razão seguinte: “A tipologia não envolve, portanto, apenas semelhanças ou analogias marcantes, mas aponta para uma correspondência que provém da economia divina de redenção”.

Essa terceira avaliação discute o fato de que os tipos devem ser divinamente nomeados para desempenhar um papel chave na narrativa histórico-redentiva do povo de Deus. Von Rad (1963, p. 36) acrescenta que este reconhecimento dos tipos no Antigo Testamento explica a crença de que Deus que se revelou em Cristo também depositou as suas marcas na história do seu povo através de indivíduos como Moisés, José, Davi... etc. Isto é teologicamente apoiado pelo diálogo no caminho de Emaús, pois Jesus explicou tudo o que se referia a Ele a partir das Escrituras (Lc 24:27).

À medida que o plano de redenção se desdobra, os acontecimentos, as instituições e as pessoas são divinamente designadas para desempenhar um papel, no entanto, não são um fim em si mesmos, desde que são tipos que apontam para o antítipo, Cristo. Da perspectiva cristã, a série de intervenções redentoras atingiu, contudo, o seu clímax, não no final do Antigo Testa-

mento, mas em Jesus, o ungido. (Bright 1975:138; Goldingay 1994, p. 48; Kuruvilla 2009, p. 110; Wright 2012, p. 66-67). Observa-se, portanto que essa correspondência indica uma continuidade na narrativa histórico-redentiva em que cada elemento desempenha o seu papel, prefigurando a verdadeira essência (Stuhlmann 1995, p. 5; Greidanus 1999 p. 44; Rosner 2000 p. 4-5, 10).

Nesse contexto, pode-se indagar: Que papel desempenhou Daniel na narrativa histórico-redentiva e como isso corresponde a Cristo, o antítipo? Do livro de Daniel como um todo e especificamente no capítulo 9, pode-se observar (a) a mensagem de Daniel e (b) o papel de Daniel e a suas correspondências objetivas na mensagem, missão e papel do Antítipo Cristo.

2.4 A mensagem de Daniel.

A mensagem geral que poderia ser extraída do livro de Daniel é sobre a breve chegada do Reino de Deus. Essa mensagem revela que o Deus do céu controla a sequência dos acontecimentos no mundo e em breve porá fim a essa sequência, pois Ele estabelecerá o seu próprio reino que não terá fim (Dn 2,44). Ele convida, portanto, todos a juntarem-se ao seu reino eterno enquanto eles podem.

Esta mensagem de Daniel baseia-se em três atributos de Deus como onisciente, onipotente e onipresente. Onisciente porque Ele revela aos seus servos as coisas escondidas e as mensagens mais difíceis à compreensão humana (Dn 2, 5, 7-12) sobre o seu reino; Onipotente porque Ele pode fazer o difícil para salvar Seus filhos, convertendo os corações, julgando os monarcas e libertando o seu povo para dar-lhes o seu reino para sempre. Onipresente porque Ele permanece com o seu povo através das provações pelas quais passa e permanece firme com ele até ao fim dos tempos, em outras palavras, até que o seu reino seja plenamente estabelecido.

Esse mesmo Deus promete a ressurreição e a vida eterna como recompensa a todos aqueles que o seguiram fielmente (Dn 12:2). A mensagem do reino de Deus, tal como exortada por Daniel, está ligada aos temas do arrependimento e do Juízo, tal como visto nas vidas de Nabucodonosor (Dn 4:34-35,37) e do seu neto, Belsazar (Dn 5). Inclusive, Daniel apresenta na sua mensagem, uma correlação de obediência e salvação divina, bem como os méritos de Cristo para a salvação. As experiências do teste de dieta (Dn 1), a fornalha ardente (Dn 3) e a cova dos leões (Dn 6) mostram ainda a correlação entre a obediência e a salvação por Deus. Por outro lado, mostram também uma providência divina de salvação por Deus, inesperada e inatingível pela força humana, e o Messias que torna as pessoas puras e santas (Dn 12:10) para serem apresentadas perante o Pai na entrada ao reino. Eles retratam dos vislumbres do reino de Deus antes do seu estabelecimento total.

Essa mensagem acima é a mesma mensagem que foi professada por Jesus Cristo. Jesus apresentou o Pai sendo onisciente, pois Ele revela as coisas escondidas e complexas do reino à mente humana (Mt. 13,11). A mensagem de Jesus sobre o reino eterno de Deus (Mt 3:2) comprehende a herança do reino aos santos (Mt 25,31-34). Jesus também pregou a ressurreição dos santos em ligação ao Reino de Deus (Jo 5:29). Como as profecias de Daniel sobre os reinos da

terra estavam ligadas aos temas do arrependimento e do julgamento (assim também Jesus sempre trouxe ao conhecimento dos seus ouvintes a necessidade de arrependimento (Mc. 1:15) e a preparação para o próximo julgamento (Jo. 3:18). Jesus faz a mesma correlação de obediência e salvação no reino do seu Pai (Mt. 7:21) e, por outro lado, revela que o acesso ao reino só é possível por meio de uma providência divina e não pelas obras humanas (Jo 3,16). Também, o Senhor Jesus na sua mensagem apresenta um reino no por vir existindo ao mesmo tempo no presente através de vislumbres.

A mensagem de Daniel e Jesus retrata uma correspondência clara sobre o clímax histórico-redentivo bíblico, que é a vinda do reino eterno. Não basta que o tipo pregue a mesma mensagem com o antítipo, o passo seguinte é o papel desempenhado pelo tipo que aponta para o antítipo. Isso leva à seção seguinte sobre o papel de Daniel na narrativa histórico-redentiva correspondente a Cristo.

2.5 O papel de Daniel na narrativa histórico-redentiva

Focando no capítulo 9, Daniel desempenha um papel importante na redenção do seu tempo e do seu contexto. Israel sofre as consequências da sua desobediência e é enviado em cativeiro para a Babilónia. A Babilónia já não é para os medo-persas que assumiram o controle do império. Embora Deus tivesse um plano a cumprir durante os setenta anos de cativeiro, o fim desses anos significou a salvação das práticas religiosas corruptoras e opressão do inimigo, a redenção do esquema maligno da sociedade pagã, a libertação do domínio de outro reino e as suas seduções. Tal como o fim do cativeiro no Egito foi durante muito tempo um tema de redenção na história do povo de Deus, também o fim do cativeiro na Babilónia foi destinado a significar redenção na história do povo de Deus. Por conseguinte, Deus nomeia Moisés como facilitador dessa redenção, tal como nomeia Daniel neste cativeiro da Babilónia como intercessor entre Deus e o seu povo.

Dois assuntos cruciais estavam à mão neste assunto. O propósito pelo qual os israelitas foram enviados para o exílio estava longe de ser alcançado, e a sua mentalidade manifestava uma falta de vontade de regressar a casa. Os israelitas deviam ser uma luz para as nações e a sua presença na Babilônia devia revelar a sua religião e o seu Deus às nações pagãs. Infelizmente, diz White (1976, p. 286):

Através da nação judaica era o propósito de Deus transmitir bênçãos ricas a todos os povos. Através de Israel, o caminho era estar preparado para a difusão da Sua luz ao mundo inteiro. As nações do mundo, através da prática de corrupção, tinham perdido o conhecimento de Deus. No entanto, na Sua misericórdia, Deus não as apagou da existência. Ele pretendia dar-lhes a oportunidade de se familiarizarem com Ele através da Sua igreja. Concebeu que os princípios revelados através do Seu povo deveriam ser o meio de restaurar a imagem moral de Deus no homem.

É também narrado que a sua prosperidade foi um obstáculo à sua vontade de voltar para casa. White (1976) revela que,

Quando Ciro concedeu permissão aos judeus para regressarem à sua pátria [...] muitos mais optaram por permanecer na terra do cativeiro. Entre aqueles que regressaram, houve apenas uma tentativa sem convicção de seguir o plano divino. A disciplina do cativeiro [...] não tinha produzido a reforma completa que Deus desejava. (*ibidem*)

Poderia haver um prolongamento dos anos de cativeiro de modo a assegurar o cumprimento da promessa? Continuaria o cativeiro, uma vez que o povo não está disposto a regressar? À medida que os anos contados do cativeiro se aproximavam, Deus despertou o espírito de Daniel ao compreender os tempos em que Ele se encontra e o que deve ser feito. Por conseguinte, Daniel assume a responsabilidade de interceder pelo regresso do seu povo no fim do cativeiro.

Daniel partilha do peso da culpa do povo e intercede junto de Deus por Israel. Ele reconcilia Deus e o seu povo rebelde. Tendo estudado a narrativa da intercessão de Daniel, Ulrich (2014) assinala que o verbo “confessar” em Daniel 9:4 tem o sentido de interceder. Segundo ele, esta construção do verbo ocorre uma vez em todo o livro de Daniel. Ele traça a ocorrência deste verbo de volta ao sistema do santuário no qual o sumo sacerdote confessava e intercedia pelo povo de Deus como um todo.

Este fato reforça ainda mais a correspondência do papel desempenhado por Daniel com Jesus. Enquanto Daniel desempenha o papel de intercessor chamando-se a si próprio servo de Deus (v.17), inscreve-se na linha histórica da redenção do povo de Deus tal como Moisés também intercedeu e Jesus continua a interceder pelo seu povo. Através desta intercessão de Daniel, Deus é amedrontado e envia um mensageiro imediatamente para trazer uma resposta positiva a Daniel como sinal da recepção da sua oração.

Esta afirmação de Ulrich (2014) poderia estar ligada ao papel que Cristo desempenha realmente na redenção do povo de Deus do cativeiro destes últimos dias. No céu Ele cumpre o papel prefigurado pelo ministério dos sacerdotes no santuário terrestre, ministrando-nos individualmente os infinitos benefícios desse sacrifício vicário. De acordo com a Epístola aos Hebreus, ambos os aspectos do Seu ministério são essenciais para o ponto culminante da nossa salvação, que é o regresso a casa do cativeiro dos últimos dias. Resumidamente, o papel desempenhado por Daniel para o seu povo encontra a sua correspondência na narrativa histórica redentora no sentido em que apontava o papel que Cristo está a desempenhar agora para o seu povo nestes últimos dias da terra.

Na linha de nosso raciocínio até agora, Daniel preenche as características distintivas de um tipo em relação a Cristo, o antítipo. Passando em revista as correspondências centrais históricas e temáticas, a linguagem e a sequência de eventos e, por último, o papel desempenhado na narrativa histórico-redentiva. Entretanto, não se pode pensar que Daniel seja igual a Cristo. Em nenhum sentido ele é, e nunca será. Embora Daniel tenha afirmado ser inocente aos olhos de Deus (Dn 6.22) e o anjo chamando ele de bem amado(Dn 9), ele ainda era um pecador. Je-

sus, ao contrário, era imaculado (Hb 4.15, 1Jo 3.5). Daniel enfrentou a probabilidade de morte com os leões (Dn 6) e morreu em seus últimos dias (Dn 12). Jesus enfrentou a morte, morreu e ressuscitou para nunca mais morrer. Daniel era correto, mas Jesus foi elevado pelo Pai acima de qualquer outro nome (Fp 2.9-11; Mt 28.18).

Baldwin (p.128) concorda que o autor do livro não estava afirmando a santidade de Daniel, mas uma relação próxima com Deus. Isso dá vida à declaração de Stephen Haskell quando diz que o espírito que estava em Cristo também estava em Daniel, guiando-o.

3. AS IMPLICAÇÕES PARA O REMANESCENTE DO SÉCULO 21

Após apresentar a relação tipológica entre Daniel e Cristo, esta seção procura estabelecer algumas implicações a partir da ação de Daniel e a situação dos Israelitas em Babilônia e como esses se relacionam com o remanescente do século XXI. Ao fazê-lo, é preponderante compreender o que se entende por remanescente no século XXI tal como se relaciona com a mensagem até agora estabelecida.

Sobre o remanescente, Rodriguez (2009) afirma que,

não devemos pensar no remanescente como uma entidade que só existirá no fim do tempo antes da segunda vinda de Cristo. Em vez disso, devemos pensar no remanescente como uma designação bíblica aplicada ao desenvolvimento histórico e espiritual do povo de Deus, tanto Israel como a igreja, através da história da salvação. O “remanescente”, então, é um qualificador que descreve a realidade histórico-espiritual da Igreja de Deus ao longo da história da redenção.

Tendo em mente a citação acima, é preciso ter em conta que o conceito de remanescente não está ligado a um período específico, mas que percorre períodos da história da salvação bíblica. De fato, o conceito é encontrado em três contextos específicos do antigo testamento. O primeiro contexto é histórico. Ele conota a ideia de indivíduos que sobreviveram de uma experiência destruidora de vida (Gn 45:7; Am 5:3; Mq 5:7-8; Is 46; Ez 17:13-14; Ne 1:2-3; Ed 9:13). O segundo contexto está relacionado com a fidelidade na aliança com Deus. Assim, num grupo, aqueles que seguem as cláusulas da aliança em vez de as quebrar são chamados de remanescente fiel (Gn 7:23; 1Rs 19:14; Is 6:12-13). E por último, o terceiro contexto é escatológico. Ele é composto por um grupo que resume os dois contextos anteriores. Ele descreve um grupo de pessoas que sobrevivem das experiências ameaçantes à vida, porém permanecendo fiéis às cláusulas da aliança com Deus. Este último grupo é conhecido como o remanescente escatológico. Apocalipse 12 e 14 os descrevem como guardando os mandamentos de Deus e tendo a fé de Jesus.

Rodríguez (2009) observa alguns detalhes sobre os três tipos de remanescentes acima mencionados. Os remanescentes históricos são compostos por pessoas fiéis e infiéis. A sua sobrevivência é, portanto, o resultado do amor gracioso de Deus e não necessariamente da sua qualidade espiritual e compromisso. Ele acrescenta que é intenção de Deus transformar o re-

manescente histórico em remanescente fiel. Consequentemente, o cativeiro babilónico tinha um duplo objetivo: proclamar a glória do Senhor entre as nações e ser transformado num remanescente fiel regressando a Israel (Isa 66:19-20).

Através de um processo de purificação, o remanescente histórico sobrevivente do cativeiro era para ser transformado em fiéis à medida que entrassem na aliança com Deus. Jeremias identifica o remanescente fiel de Deus como aqueles que regressaram do exílio e com quem o Senhor fez uma nova aliança (31:7-9, 31- 34).

Ao estudar as profecias de Jeremias, Daniel intercedeu pelos remanescentes históricos para que nada pudesse obstruir a sua eleição no regresso a casa. Daniel estava intercedendo pelo povo no seu conjunto para que o Senhor tenha misericórdia e para que o povo possa regressar a casa. Assim sendo, a aliança quebrada seria restabelecida e observada pelos fiéis. Ele intercedia para que o seu povo pudesse participar dela. A nova aliança incluía um novo espírito, um novo coração, uma novidade de vida e obediência a Deus e descanso ao entrarem na terra.

Infelizmente, Ezequiel 11:17-21 revela que alguns membros do remanescente histórico não estavam dispostos a regressar a Israel, nem observar a nova aliança com Deus.

Esta visão é também retratada no ministério de Jesus. Segundo Canale (2013), a igreja cristã poderia corresponder ao remanescente histórico que O segue. Ela surge após o ataque do dragão para destruir o povo de Deus, representado pela mulher vestidas com o sol, durante 1260 anos (538-1798). Canale aponta que eles devem proclamar a glória do Senhor e devem ser transformados num remanescente fiel que é verdadeiramente fiel a ele e à sua mensagem. Contudo, quando o tempo para aceitar e entrar na aliança feito com Cristo na cruz, quando as horas de regresso à pátria celestial se aproximarem, haverá durante esse período a separação e a peneiração. Alguns estarão tão arraigados aos seus bens, a ponto de não estarem dispostos a regressar à pátria celestial. White (1980, p. 231) assinala que “haverá, entre os restos destes últimos dias, como houve com o Israel antigo, aqueles que desejam mover-se independentemente, que não estão dispostos a submeter-se aos ensinamentos do Espírito de Deus, e que não ouvirão conselhos.”

Jesus retrata a parábola do trigo e do joio (Mt 13:30) para falar sobre a separação que terá lugar entre os remanescentes históricos e o fiel remanescente, de modo a formar o remanescente escatológico. White (1911) revela que: à medida que se aproxima o fim de todas as coisas terrenas, haveria fiéis capazes de discernir os sinais dos tempos. Enquanto muitos crentes professos negariam a sua fé pelas suas obras, haveria um remanescente que resistiria até ao fim.

Canale(2013) afirma que a igreja remanescente contemporânea está no mesmo terreno espiritual em que a nação judaica e a igreja primitiva se encontravam (1Co 10:1-5). A esta afirmação se junta a da White (1911) apontando que, à medida que Israel passou pelas situações de antigamente, o Israel de hoje também passará pela mesma situação.

Segundo a Canale (2013), ser o remanescente não é fácil, mas Cristo realiza por nos uma intercessão através do Seu ministério no santuário celestial. Em termos de tipologia, é nessa linha que Daniel estava em miniatura cumprindo o seu ministério com o remanescente histórico

em favor do remanescente fiel regressando em Israel. Assim, o papel intercessor de Daniel como a hora de regressar a casa e o fim do cativeiro expõe implicações pertinentes para remanescentes no século XXI. As implicações de tal estudo são deduzidas dos paralelos existentes entre o povo de Deus como no tempo de Daniel e o povo de Deus neste século.

Como o período de regresso se aproximava rapidamente, Daniel estava plenamente consciente da mentalidade e dos planos do seu povo. Eles não estavam entusiasmados em regressar a casa e cumprir o propósito de Deus. Ao comparar o seu estado atual com o seu estado futuro, preferiram apegar-se ao seu estado próspero na terra estrangeira. As suas condições econômicas e espirituais estavam longe de ser o Deus ideal que lhes era destinado.

Fontes posteriores de origem histórica revelam que os judeus na Babilónia estavam bem estabelecidos nas áreas comerciais e bancárias (Lemche 1988, p180). Como resultado, alguns tornaram-se ricos (Hinson 1973:139). O registro arqueológico da família Murashu, relata uma lista em que muitas famílias hebraicas eram clientes de uma empresa bancária babilônica do (século V a.C.), cerca dos anos 450 a 400 AC (Boadt 1984:384). Alguns estudiosos acrescentam que a prosperidade da comunidade exílica explica por que razão muitos judeus preferiram permanecer na dispersão, não dispostos a deixar os seus bens, uma vez que já viviam vidas confortáveis e prósperas (Hinson 1973:155; Bickerman 1946:262; Albertz 1994:373-4).

O Comentário Bíblico Adventista acerca de Esdras 1:5 oferece alguns detalhes sobre as condições econômicas dos israelitas dizendo:

Comparativamente, apenas uma minoria dos exilados retornou. Até mesmo muitos dos clãs de Judá e Benjamin escolheram permanecer na terra de sua adoção. Muitos haviam chegado a uma posição de honra e riqueza na Babilónia, como revelam muitos registros cuneiformes, e não estavam dispostos a abandonar tudo o que haviam adquirido com trabalho árduo ao longo dos anos por um futuro incerto na desolada Judeia.

White (2007 p.384) adiciona que

Graças ao favor que lhes fora mostrado por Ciro, aproximadamente cinquenta mil dos filhos do cativeiro tinham tirado vantagem do decreto que lhes permitia voltar. Esses, entretanto, em comparação com as centenas de milhares espalhados através das províncias da Medo-Pérsia, eram apenas um simples remanescente. A grande maioria dos israelitas tinha escolhido permanecer na terra do seu exílio, antes que enfrentar as durezas da jornada de retorno e o restabelecimento de suas desoladas cidades e lares.

As suas condições espirituais foram decifradas por White (1964, p.215) nos termos seguintes:

Os israelitas mal representavam Deus aos povos. Não eram somente inúteis, mas decididamente um embaraço. Sua vida religiosa iludia em alto grau, e em

vez de salvação acarretava ruína... A sua cobiça e ganância [da nação judaica] fez com que fossem desprezados mesmo pelos pagãos. Assim, foi dada ao mundo gentio a oportunidade de interpretar mal o carácter encantador de Deus e as leis do seu reino.

Contudo, havia também um grupo que ainda mantinha os verdadeiros preceitos do Senhor. O profeta judeu que escreve sobre os exilados na Babilónia revela que embora nos exilados, alguns ainda eram fiéis. Eles guardavam as práticas religiosas como a circuncisão (Jr 4:4; 9:25, 26), a observância do sábado (Jr 17:19-27), o uso de Salmos para o culto e o livro da lei de Deuteronômio, por outras palavras, a lei.

A partir deste grupo fiel poderia chamar-se Daniel e os seus amigos e contemporâneos. Assim, Daniel confessa e intercede pelo grupo como um todo para uma mudança de mentalidade e de desejos. Daniel ora para que Deus possa ter piedade do seu povo que seguiu outro caminho em vez das cláusulas da aliança.

Tendo em conta as condições econômicas e espirituais acima referidas e as suas implicações sobre o remanescente, White (2001, p. 60) revela que:

estes últimos dias, o povo de Deus será exposto aos mesmos perigos que o antigo Israel. Os que não aceitarem as advertências que Deus dá cairão nos mesmos perigos que o antigo Israel, e não poderão entrar no descanso por causa da incredulidade.

Essa afirmação de White leva a apresentar implicações para o remanescente do Século XXI. Primeiramente, é imperativo estudar as profecias acerca dos tempos atuais, entender o tempo nos quais estamos e agir segundo a vontade de Deus. A esse respeito White (2017) afirma o seguinte: “Várias vezes, cada dia, preciosos e áureos momentos devem ser dedicados à oração e ao estudo das Escrituras, nem que seja para guardar na memória um texto só, a fim de que a vida espiritual seja estimulada.”

A segunda implicação é que como Daniel, devemos interceder em favor dos remanescentes levados por outras preocupações, o espírito de Deus procura indivíduos a serem transformados como Daniel para interceder por eles. Pois o inimigo tentará tudo que for possível para distrair ou destruir tais pessoas. Esse fato é esclarecido pela seguinte afirmação de White (1888),

Satanás os impedirá de obter o preparo para estar em pé naquele dia. Disporá as coisas de tal maneira a lhes obstruir o caminho; embarçá-los-á com os tesouros terrestres; fá-los-á levar um fardo pesado, cansativo, a fim de que seu coração se sobrecarregue com os cuidados desta vida, e o dia de prova venha sobre eles como um ladrão.

A terceira implicação, é que o tempo passado aqui na terra deve ser entendido como um período de purificação e de preparo para o retorno à pátria celestial. Não devemos nos apegar aos prazeres e atrações financeiras do mundo a tal ponto de manifestar um receio ou desânimo para encontrar-se com Jesus.

A quarta implicação é que o Senhor Jesus está voltando para levar consigo aqueles que

desenvolveram uma relação com Ele e emularam o seu caráter e se transformaram à sua imagem e semelhança, como Daniel. É portanto uma prerrogativa para o povo de Deus nestes últimos dias aproximar-se do Senhor e tornar-se à sua semelhança, à medida que os dias se aproximam. Ellen White (1953) enfatiza essa implicação afirmando que “O selo do Deus vivo só será colocado nos que se assemelham a Cristo no caráter.”

A quinta implicação é que embora possa haver dois grupos de remanescentes, o exemplo de Daniel deveria inspirar-nos a não manifestar uma atitude de ostentação no que diz respeito ao nível de espiritualidade ou dieta. Devemos ser tão humildes a ponto de interceder pelos outros e ainda assim participar na sua fraqueza durante as orações intercessoras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com a hipótese dessa pesquisa, que buscou saber se Daniel e Jesus compartilham uma relação tipológica, o presente estudo descobriu por meio de três parâmetros da tipologia bíblica que existe de fato relações tipológicas entre Daniel e Jesus substanciadas pelas correspondências (1) históricas; (2) linguísticas e de eventos sequenciais idênticos; (3) dos papéis na redenção histórica bíblica.

A partir desses resultados, o trabalho alcançou o seu objetivo em estabelecer implicações para o remanescente do século 21 a partir do contexto socioeconômico e espiritual dos Judeus no cativeiro. Essas implicações baseiam-se no fato que Daniel sendo um tipo de Cristo, não é um fim em si mesmo, mas uma mensagem para o remanescente do século XXI que se encontra com algumas condições semelhantes às do povo de Deus na Babilônia pois as mesmas circunstâncias são propensas a aparecer.

Embora as divisões ideológicas sobre a identificação de tipos bíblicos, abrangendo dos mais estritos aos mais liberais, foi possível achar um meio equilibrado fiel às exigências da hermenêutica bíblica em linha com o pensamento da cultura adventista.

Em suma, o presente estudo traz uma contribuição pertinente a ciência da cultura e o adventismo no sentido que, ele baseia-se no estudo de textos históricos que servem de mapa para o tempo atual. Ele também alerta quanto aos perigos iminentes a não se repetir, ao remanescente passar pelas mesmas situações do passado. Além disso, o estudo apresenta os passos a seguir para reestabelecer no coração do remanescente atual o fervor dos pioneiros quanto a esperança da vinda do Senhor.

Em paralelo a essa contribuição, o estudo confirma a perspectiva científica que diz respeito a achar tipos que não são explicitamente mencionados e que, porém, podem ser achados a partir de parâmetros objetivos na base da sabedoria dada por Deus. Isso traz a implicação do justo meio que não incentiva o extremismo e nem o liberalismo nas relações tipológicas.

No decorrer da pesquisa, foi observado que existem várias literaturas tratando da tipologia entre diversas figuras bíblicas entre Cristo e Daniel. Esse estudo parece abrir um novo caminho a essa perspectiva no conceito bíblico da tipologia. E por fim, a pesquisa apresenta

um desafio para estudos subsequentes na reflexão a seguir: como estudar mensagens prévias de profetas capacita indivíduos a entender melhor a sua situação atual?

REFERENCIAS

- BAKER, D.L. Typology and the Christian Use of the Old Testament. *Scottish Journal of Theology*, Cambridge, n. 29, p. 37-157, 1976.
- BEALE, G.K. *A New Testament Biblical Theology: The Unfolding of the Old Testament in the New*, Grand Rapids: Baker Academic, 2012.
- CANALE, F. On Being the Remnant, *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 24, n.1, p. 127-174, 2013.
- CHARITY, A.C. *Events and their Afterlife: The Dialectics of Christian Typology in the Bible and Dnte*. Cambridge: Cambridge up, 1966.
- DAMSTEEGT, P.G., = Adventists Affirm, v. 8, n. 2, Autumn 1994.
- A ENCICLOPÉDIA INTERNACIONAL PADRÃO DA BÍBLICA: Tipologia. Grand rapids, MI: Eerdmans Publishing Co. v. 4, p. 930, 1988.
- DRANE, J. *Typology*. The evangelical quarterly, London, v. 50, n. 4, p. 195 – 210, Oct-Dec 1978.
- ELLIS, E., *Paul's Use of the Old Testament*, Eugene: Wipf & Stock, 2003, p. 128.
- FABINY, Tibor. *Typology: pros and cons in biblical hermeneutics and literary criticism (from leonhard goppelt to Northrop Frye)*, In: _____, (org.). *Figura and Fulfillment: Typology in the Bible, Art and Literature*. Oregon: Wipf and Stock, 2009. p. 136 -150.
- FAIRBAIRN, P. *The typology of scriptures: the divine dispensations*. 2nd Ed. New York City: Nabu Press, 2010.
- FRANKEMÖLLE, H. *Die Offenbarung an die Unmündigen: Pragmatische Impulse aus Mt 11*. In: THIELE J.; BECKER R. (ed.). *Chancen und Grenzen religiöser Erziehung*. Düsseldorf: Patmos, 1980. p. 110-11.
- HAMILTON, J.M. *Was Joseph a Type of the Messiah? Tracing the Typological Identification between Joseph, David, and Jesus*. The Southern Baptist Journal of Theology, v. 12, n. 4, p. 52-77, 2008.
- HASKELL, S.N., *The story of Daniel the prophet*. South Lancaster, Mass.: Bible Training School, 1908.
- MENDIETA, E. *Typology and Adventist Eschatological Identity: Friend or Foe?* 2015. Tese (PhD no Antigo Testamento). Andrews University, Michigan, 2015.
- NINOW, F. *Indicators of Typology Within the Old Testament : The Exodus Motif*. 1999. Tese (PhD. In Biblical Studies), Andrews University, Michigan 1999.
- PHILPOT, J. M., *Was Joseph A Type of Daniel? Typological Correspondence in Genesis 37–50 and Daniel 1–6*, The Journal of the Evangelical Theological Society, v. 61, n. 4, p. 681 - 696, 2021.
- RAD, G. V. *Typological Interpretation of the Old Testament*. Bright John(Trad.) In: WESTERMANN, C. (org). *Essays on Old Testament Hermeneutics*. 1ºEd. Louisville: John Knox Press, 1963. p. 19-35.
- SCHROCK, D. , *What Designates a Valid Type? A Christotelic, Covenantal Proposal*, Southeastern Theological Review, v. 5 n. 1, p. 3-26, 2014.
- TARSEE, L. *The Remnant in the Old Testament*, In: RODRÍGUEZ A. M. (ed.). *Toward a Theology of the Remnant*, Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2009, p. 163-170.
- WERNER, G., *Jesus und das Danielbuch: Jesu Einspruch das Offenbarungssystem Daniels*, Frankfurt: Peter Lang, 1984.

WHITE, E. G. Os escolhidos, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

_____ Comentários de Ellen White In: Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2012

_____ Mensagens escolhidas, 2ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

_____ O grande conflito, 2ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.